



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

Versão para registro histórico

Não passível de alteração

CPI - TRÁFICO DE PESSOAS NO BRASIL			
EVENTO: Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 0481/14	DATA: 30/04/2014	
LOCAL: Auditório Luis Felipe França Ramos do Ministério Público do Estado de São Paulo	INÍCIO: 09h45min	TÉRMINO: 13h45min	PÁGINAS: 142

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO
MARCIO FERNANDO ELIAS ROSA - Procurador-Geral de Justiça do Estado de São Paulo. ELIANA FALEIROS VENDRAMINI CARNEIRO - Promotora de Justiça do Ministério Público do Estado de São Paulo. LUIZ CARLOS RATTO TEMPESTINI - Delegado da Delegacia de Defesa Institucional — DELINST do Departamento de Polícia Federal. PEDRO IZAR NETO - Depoente. ZULMIRA GONZAGA CARDOSO - Depoente. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Vítima do tráfico de pessoas na infância. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Depoente. FRANCO MORSELLI - Depoente. GUIOMAR MORSELLI - Depoente. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Depoente. MARISA BUENO CABRAL - Depoente. EDNA MARIA SILVESTRE - Depoente.

SUMÁRIO
Oitiva de representantes de instituições públicas sobre medidas adotadas no Brasil para o enfrentamento do tráfico de pessoas. Acareação entre a Sra. Zulmira Gonzaga Cardoso e o Sr. Pedro Izar Neto. Tomada de depoimentos.

OBSERVAÇÕES
Houve intervenções fora do microfone. Inaudíveis. Grafias não confirmadas: Nide e Priscila Patrícia Rols. Houve manifestação na plateia. Há expressões ininteligíveis.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Bom dia a todos.

Declaro aberta a 89ª Reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar o tráfico de pessoas no Brasil, suas causas, consequências e responsáveis, no período de 2003 a 2011, compreendido na vigência da Convenção de Palermo.

Quero cumprimentar e agradecer a presença de todos, alguns convidados, alguns convocados para comparecerem aqui hoje. Daqui a pouco, eu vou registrar as presenças, mas, antes, eu gostaria de passar a palavra ao Procurador-Geral de Justiça de São Paulo, Dr. Márcio Fernando Elias Rosa, que hoje nos acolhe aqui no Ministério Público da capital e vai dar as boas vindas a todos nós.

Bom dia, Dr. Márcio.

O SR. MÁRCIO FERNANDO ELIAS ROSA - Bom dia, Deputada Flávia Moraes, seja bem-vinda ao Ministério Público de São Paulo.

Bom dia a todos.

Eu agradeço ao Secretário da Comissão, Sr. Manoel Alvim, ao Eduardo Ferreira Valério, meu colega do Ministério Público, e à Eliana Vendramini, que tanto me auxiliam aqui no gabinete da Procuradoria-Geral.

Minhas senhoras e meus senhores, é óbvio que a minha intervenção será o mais rápida e objetiva possível, até porque o que tem relevo é o trabalho que vai ser desenvolvido ao longo do dia. Quero só, Deputada, reiterar a V.Exa. e a todos os presentes — sobretudo a todos os presentes — que o MP de São Paulo está de portas abertas para questões dessa natureza e para outras questões que possam, de algum modo, revelar a possibilidade de o Ministério Público de São Paulo auxiliá-los. Saibam que esta instituição, que eu gosto de chamar de casa da cidadania, de instituição da cidadania, é uma instituição voltada para questões como as que serão tratadas ao longo do dia, por exemplo, o tráfico de pessoas.

A grande preocupação dos Promotores de Justiça do Estado de São Paulo, minha pessoalmente, é a de apresentarmos o tempo todo, não apenas para o Poder Judiciário nas ações que, eventualmente, objetivam responsabilizar pessoas ou o próprio Estado, mas também ao Legislativo, contribuições para o aperfeiçoamento do sistema de controle e de fiscalização, o sistema legal, com mudanças na legislação penal, na legislação da infância e da juventude e tudo o mais. Desse



modo, eu coloco à disposição da Comissão, de V.Exa. pessoalmente, e de todo o Legislativo, os nossos Promotores de Justiça, nossos servidores, os nossos Promotores e Procuradores de São Paulo integralmente, para que tenha mesmo um Ministério Público como braço auxiliar dessa que é a defesa de um interesse reconhecidamente público, que não interessa só à nossa geração, não só a nós que estão aqui hoje no Brasil, mas aos que virão, sobretudo aos que virão, para que possam viver numa sociedade minimamente mais justa.

Aproveito para dizer que todos os programas do Ministério Público de São Paulo ligados à defesa de direitos humanos, como é o PLID, o Programa de Localização e Identificação de Desaparecidos, que a Vendramini conduz tão bem; o programa de proteção da mulher, as iniciativas de contenção da exploração sexual de crianças e de adolescentes, e tantas outras iniciativas que o Ministério Público leva adiante, constituem apenas o mínimo que já fazemos, mas há muito mais a ser realizado. Por isso, aqueles que quiserem conosco participar de campanhas dessa natureza saibam que serão sempre bem-vindos. Essa é a parceria legítima que nós, Promotores, queremos estabelecer, sobretudo, com a sociedade civil.

Muito obrigado, Deputada. Sinta-se em casa. E muito obrigado por reconhecer no Ministério Público de São Paulo o ambiente possível para levar adiante um trabalho dessa natureza. Eu sei que o fato de a Comissão nos solicitar o espaço e a utilização da nossa instituição para um trabalho dessa natureza parte do reconhecimento de que o Ministério Público é, sim, capaz de abrigar a defesa de interesses como esse.

Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Agradeço ao Dr. Márcio. O papel do Ministério Público com certeza tem sido muito relevante para os trabalhos da nossa CPI. Inclusive, em relatório preliminar — nós já apresentamos uma parte do relatório —, nós apresentamos propostas de alteração da nossa legislação, porque hoje a legislação brasileira está muito ultrapassada em relação à Convenção de Palermo, às necessidades que o enfrentamento do tráfico de pessoas exige dos atores que trabalham nesse enfrentamento, e esse trabalho que nós apresentamos teve uma parte considerável de contribuição também do Ministério Público.



Então, mais uma vez, eu quero agradecer a participação ao Ministério Público na pessoa de V.Sa. A Dra. Eliana Vendramini já nos tem acompanhado há algum tempo, sempre representando o Ministério Público de São Paulo em várias audiências, em várias investigações que nós temos feito. E aqui eu quero deixar público o nosso agradecimento, mais uma vez, à parceria que nós temos tido com o Ministério Público.

Quero cumprimentar o Dr. Eduardo Ferreira Valério, que também está nos acompanhando; o Delegado Luiz Carlos Ratto Tempestini, da Delegacia de Defesa Institucional — DELINST, que está aqui conosco; a Dra. Eliana Vendramini, Promotora de Justiça, que nós já anunciamos, e também a Adriana Mazagão, que é Secretária de Justiça.

Quero registrar a presença da equipe da Câmara Federal que acompanha os trabalhos da CPI hoje: o Secretário da Comissão, Manoel Alvim; o Alber Vale de Paula, Assessor Jurídico que nos acompanha; a Helena Lúcia da Silva Pinto, que é Assistente de Comissão; a Graciete Oliveira Pedreira, que é taquígrafa; a Gladys Helena Barbosa El Sayek, também taquígrafa; o Luiz Carlos Medeiros, operador de áudio, que está aqui conosco, e o Paulo Fernando Volpe, operador de áudio, todos compondo a estrutura que nós temos hoje aqui para fazer as oitivas a que iremos proceder adiante.

Nós também já temos alguns convocados presentes: Maria das Dores Pinto da Mota, José Aurenildo de Souza, Guiomar Morselli, Franco Morselli, Zulmira Gonzaga Cardoso, Pedro Izar Neto. Estes já estão presentes, e nós já daremos início à nossa audiência de hoje. *(Pausa.)*

A presente reunião destina-se a audiência pública para a oitiva de convidados e convidadas e a tomada de depoimentos de alguns convocados.

Antes de passar a palavra aos expositores, peço a atenção das senhoras e dos senhores para as normas estabelecidas no Regimento Interno da Casa. O tempo concedido aos convidados será de até 20 minutos, prorrogáveis a juízo da Comissão, não podendo ser aparteados. Cada Deputado inscrito terá o prazo de até 3 minutos para fazer suas indagações — nós estamos aguardando o Deputado Paulo Freire, que está a caminho —, dispondo os convidados de igual tempo para a resposta, facultadas a réplica e a tréplica pelo mesmo prazo. Os Deputados



interessados em interpelá-los deverão inscrever-se previamente junto à Secretaria da CPI.

Gostaria, então, de iniciar as nossas audiências pela nossa convidada, Dra. Eliana Vendramini, Promotora de Justiça do Ministério aqui de São Paulo, para que faça suas considerações iniciais. *(Pausa.)*

A SRA. ELIANA FALEIROS VENDRAMINI CARNEIRO - Bom dia a todos, bom dia Deputada Flávia Moraes. Eu agradeço mais uma vez a oportunidade de participar dessa forma de persecução que é feita pela Casa do Povo e que leva a esclarecimentos importantes, não só a mudanças legislativas. Eu quero agradecer a presença a todos, especialmente ao Delegado aqui presente, e dizer que esse caso, em especial o de hoje, já chegou às nossas mãos também pela própria Charlotte, que esteve aqui pedindo mais um auxílio no sentido de acompanhar a investigação.

O que eu tenho em mãos são documentos que demonstram que, desde a demanda que houve do Rio de Janeiro a São Paulo — acho que isso pode ser melhor esclarecido pelo Dr. Delegado —, têm a efetiva atuação no sentido de esclarecer os fatos. Dessa forma, o nosso trabalho é efetivamente o de receber a Charlotte e de acompanhar também, junto já à Defensoria Pública da União e ao Ministério Público Federal, tudo o que a Polícia Federal também necessitar de nós para o esclarecimento dos fatos. Há muitos documentos, há muita coisa que evidencia que o fato é grave, especialmente em relação aos direitos da pessoa da vítima e daqueles que com ela estavam quando ela relata que foi levada a outro país efetivamente traficada e para ser adotada ilegalmente. Portanto, esse esclarecimento, para nós, sociedade, é de suma importância, e nós podemos eventualmente auxiliar a Polícia nesse sentido.

Eu agradeço a oportunidade de estar aqui e informo que, da forma regulamentar, farei também as minhas questões.

Muito obrigada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Eu é que agradeço, Dra. Eliana.

Eu quero registrar também a presença da Vera Lúcia Ranu, Presidente da Associação Nacional de Prevenção e Busca a Desaparecidos, e apresentar também a justificativa ao Dr. Carlos Antonio da Costa, que é o Juiz Titular da 3ª Vara Cível do



Foro Regional de Ipiranga, que foi convidado para estar aqui conosco também e declinou do convite informando desconhecer esse caso da Charlotte e quaisquer informações sobre esse caso.

Eu gostaria de passar a palavra à Delegacia da Defesa Institucional na pessoa do Delegado Luiz Carlos Ratto Tempestini, e informar que nós vamos iniciar os nossos trabalhos de hoje, a partir dos pronunciamentos dos nossos convidados, pelo acareamento entre Zulmira e Pedro Izar, que já estão presentes, até porque será só esse momento e, a partir de então, como nós teremos vários depoimentos sobre o caso Charlotte, poderemos nos prolongar ouvindo aqueles convocados que participarão dessa segunda parte da nossa audiência de hoje.

Então, eu passo a palavra agora ao Delegado da Polícia Federal Luiz Carlos Ratto Tempestini. Seja bem-vindo. *(Pausa.)*

O SR. LUIZ CARLOS RATTO TEMPESTINI - Bom dia a todos; bom dia Deputada Flávia Moraes.

É com muito prazer que eu estou aqui. Eu fui convidado a prestar alguns esclarecimentos sobre o caso da Charlotte Cohen.

Bom, eu vou me pronunciar sobre algumas coisas, algumas questões, mas o inquérito, por natureza, por excelência, é sigiloso, e aqui se trata de uma audiência pública. Então, eu vou falar, dar alguns esclarecimentos, mas na medida do possível, do que a lei me autoriza.

Eu trouxe aqui também, para ajudar a Comissão, apesar de ser sigilosa... Eu entendo que a Comissão merece os esclarecimentos, então estou trazendo aqui a cópia integral dos autos, inclusive de um inquérito do final da década de 80, 90 sobre o caso que a gente também conseguiu levantar. E estou aberto a quaisquer esclarecimentos que sejam necessários.

O que eu posso dizer: há muitas provas nos autos; foram ouvidas as pessoas envolvidas há mais ou menos 15 dias; houve indiciamento porque eu fiquei convencido realmente da ocorrência do crime, porque está muito claro, e eu estou basicamente, assim, levantando as últimas informações e vou relatar o inquérito, me pronunciando ou me colocando convencido da autoria e da materialidade do crime.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Muito obrigada, Dr. Luiz. Eu acredito que as participações tanto do senhor quanto da Dra. Eliana hoje serão



muito importantes, junto conosco acompanhando as oitivas que nós faremos daqui a pouco. O senhor é muito bem-vindo e a CPI está à disposição também para que, juntos, nós possamos ter os melhores resultados dessas investigações que estão sendo feitas.

O SR. LUIZ CARLOS RATTO TEMPESTINI - Muito obrigado.

(Pausa prolongada.)

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A acareação que será promovida aqui hoje entre o Sr. Pedro Izar e a Zulmira é referente ao caso do menor Sérgio Leonardo, de 1 ano e 9 meses de idade, que desapareceu no dia 28/09/1987 na chácara do seu avô, no Município de Porto Nacional, do Estado de Tocantins, sem que, até esta data, tenham-se notícias seguras acerca das razões que envolvem esse desaparecimento.

Foram iniciados dois processos judiciais subsequentes para apurar o possível sequestro do menor, em ambos tendo sido investigadas as pessoas de Pedro Izar Neto, Lourival Vicente Ferreira e Marcos Roberto Molitor. A Sra. Zulmira é genitora do menor, já foi ouvida pela CPI em Brasília. Também prestou depoimento no Estado de São Paulo Pedro Izar. A Zulmira prestou depoimento no dia 27/8/2013 e o Sr. Pedro Izar prestou depoimento no dia 04/07/2013. Acontece que os dois depoimentos apresentaram várias contradições, e essa acareação vem justamente para que esta CPI possa identificar a dificuldade que existe nessas informações dos dois depoimentos.

A acareação é um instituto previsto pelo Código de Processo Penal da nossa legislação, subsidiária da CPI, segundo prevê o art. 6º da Lei nº 1.579, de 1952, também chamada de acareamento, careação ou confrontação. O procedimento está previsto nos arts. 229 e 230 do Código de Processo Penal.

Gostaria de convidar o Sr. Pedro Izar para se aproximar de nós e também a D. Zulmira. *(Pausa.)*

Gostaria de ordenar os nossos trabalhos com o Sr. Pedro Izar e com a D. Zulmira. Nós estaremos...

Qual é o nome do seu advogado? Nós temos um microfone sem fio? Temos? Vou passá-lo.



Eu gostaria que o advogado do Sr. Pedro Izar se apresentasse, por favor.
Nome...

O SR. JOÃO ARNALDO TORRES FILHO - João Arnaldo. Sou advogado do Dr. Pedro e estou à disposição.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - João Arnaldo.

A senhora tem um advogado a acompanhando, D. Zulmira?

A SRA. ZULMIRA GONZAGA CARDOSO - Tenho, sim: Jesus. Jesus e Maria.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Eu gostaria, inicialmente, então, de me dirigir ao Sr. Pedro Izar, colocando aqui algumas informações, revisando algumas informações que foram contraditórias no último depoimento do senhor.

Sr. Pedro Izar, o senhor gostaria de fazer alguma manifestação antes de a gente objetivar as informações que foram contraditórias?

O SR. PEDRO IZAR NETO - Não. Eu gostaria de ouvir o que é contraditório.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Sim. Então, eu vou começar.

Um dos itens em que houve contradição na informação do depoimento da D. Zulmira é que, na época, o senhor informou para nós, aqui no depoimento do senhor, que na época o senhor não possuía avião, mas que já havia possuído antes, e que havia chegado à cidade, naquele dia, de ônibus, após uma viagem de 12 horas. Então, a gente observa, no depoimento da D. Zulmira, que ela afirma que o senhor, na época, foi a Porto Nacional de avião e não de ônibus. Então, eu gostaria só de ouvir o senhor em relação a esse ponto especificamente, depois nós partiremos para as outras informações.

O SR. PEDRO IZAR NETO - Primeiro é o seguinte, Excelência: se a D. Zulmira é a dona da verdade. Eu disse que não fui de avião. Ela disse que eu fui de avião. Que peso tem isso? A minha palavra não vale?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Nós não queremos aqui fazer ataques; evitar os ataques pessoais, das duas partes.

O SR. PEDRO IZAR NETO - Claro. Sem dúvida.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E gostaria de pedir ao senhor apenas que reforçasse o que o senhor...

O SR. PEDRO IZAR NETO - Não tinha avião. Fui de ônibus.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O.k.

Em relação à outra informação também contraditória...

Nós estamos aqui querendo a confirmação dos dois nesta acareação. Depois a CPI vai tomar as providências e, de acordo com as investigações que nós fizemos, fora dos depoimentos de vocês, nós vamos constatar quem está falando, o que está falando, sim ou não. Além dos depoimentos de vocês, é importante lembrar que nós temos outros depoimentos, outras formas de investigação que nos dão condições de consolidar ou não as provas e os depoimentos de cada um de vocês.

Eu vou buscar ser bem objetiva, porque acho que foram dois depoimentos longos que nós já tivemos na CPI e acho que não há necessidade de nós ficarmos nos alongando mais uma vez nesse tema.

Outra informação que é contraditória: que o senhor se hospedou no hotel em que sempre se hospedava, onde soube do fato do desaparecimento do menor, sendo que vieram lhe solicitar auxílio. Foi o que o senhor falou. E que se prontificou a ajudar, cedendo a caminhonete e o caminhão da fazenda, além de combustível e funcionários para tentar encontrar o menor.

O SR. PEDRO IZAR NETO - Perfeitamente.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Isso.

Agora a contradição no depoimento de Zulmira: que o marido procurou o Pedro Izar para pedir ajuda; que Pedro Izar, antes de atender o pedido de ajuda, sugeriu ao marido da depoente que alguém havia pegado o seu filho.

Então, esse é o depoimento dela; que, no momento em que o senhor foi requisitado para ajudar... Não é uma contradição, mas é um acréscimo que ela fez, que tem uma relevância muito importante.

O SR. PEDRO IZAR NETO - É mentira. É mentira.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor fala que não houve nenhum comentário do senhor em relação à questão de a criança ter sido...

O SR. PEDRO IZAR NETO - É mentira. É mentira.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Outra questão: que tinha dois apartamentos na cidade na época, dois apartamentos reservados nesse hotel, né? Foi o que o senhor informou no depoimento do senhor.

O SR. PEDRO IZAR NETO - Eu me hospedei nesse hotel e usei dois apartamentos?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Isso. Foi o que o senhor falou no depoimento do senhor.

Contradição no depoimento dela: que tem documento comprovando que havia três apartamentos e não dois.

O SR. PEDRO IZAR NETO - Apresente o documento. Eu não tenho. Eu não sei.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O.k. Mais uma questão: que o senhor compareceu à Justiça e à delegacia todas as vezes que foi intimado. E aqui ela fala que foi marcada uma acareação na polícia entre Lourival e Pedro Izar, mas esta nunca aconteceu; que o caso foi para a Polícia Federal e que foi marcada nova acareação, só que o Lourival desapareceu. E outra: que Pedro Izar nunca compareceu a uma audiência sobre o caso; que os documentos do processo mostram isso.

Então, essas são as informações que ela deu no depoimento dela, que contradizem...

O SR. PEDRO IZAR NETO - Todas as vezes que eu fui convocado, eu compareci. Todas as vezes.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O.k.

O SR. PEDRO IZAR NETO - Todas as vezes, seja na Polícia Federal, ou sei lá onde, eu vim. Vocês mesmo me convocaram duas vezes e eu estou aqui.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O.k. À CPI, o senhor compareceu. O.k.

O SR. PEDRO IZAR NETO - Eu tenho o maior interesse em acabar com isso, porque eu já, inclusive, estou movendo uma ação contra a Globo, porque ela deve ter dado informações, da forma que ela faz, e estão denegrindo a minha imagem, e eu quero ressarcir isso aí.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mais uma questão: que não possui mais imóveis em Porto Nacional; que não se lembra de haver falado na polícia que estava no mesmo quarto de Marcos Molitor, e que normalmente ficavam em quartos separados. Essas foram as informações do depoimento do senhor.

O SR. PEDRO IZAR NETO - Eu ratifico isso. Eu ratifico isso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A contradição no depoimento de D. Zulmira: que a fazenda foi vendida logo após o ocorrido; depois que a depoente indicou a existência de uma caminhonete e de dois funcionários com características semelhantes, a de Marcos Molitor e de Lourival e a de Beto.

O SR. PEDRO IZAR NETO - Não entendi.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Que aqui o senhor afirma que não possui...

O SR. PEDRO IZAR NETO - A fazenda foi vendida, sim. Não sei se foi logo depois ou quanto tempo depois. Foi vendida. Agora, o que tem a ver a caminhonete com não sei o quê?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Hum, hum.

E a última questão: que não se lembra se existia um casal de estrangeiros hospedado no mesmo hotel na época do desaparecimento. É a informação do depoimento do senhor.

O SR. PEDRO IZAR NETO - Não me lembro. Não conheço isso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O.k. E da D. Zulmira: que soube que na época do desaparecimento havia um casal de estrangeiros hospedado no Hotel Meridional, e que foi ao hotel verificar o registro, mas que não havia registro de hóspedes estrangeiros no hotel. Essa é outra contradição que ela argumenta, mas que não conseguiu provar.

Então, essas são as contradições que nós identificamos nos depoimentos do senhor, e agora nós vamos passar a palavra para a Zulmira, de forma bem objetiva...

O SR. PEDRO IZAR NETO - Excelência, me permite?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Claro.

O SR. PEDRO IZAR NETO - Eu gostaria de deixar claro que essa senhora usou de todas as maneiras possíveis e imaginárias para tentar provar que eu estou



envolvido em alguma coisa. Ela foi à Polícia Federal, a Polícia Federal veio a mim, eu fui à Polícia Federal. Ela leva a crer que eu comprei todo mundo na Polícia Federal, que eu comprei todo mundo no Judiciário, que eu comprei todo mundo que possa intervir nesse negócio. Então, eu tenho a impressão que ela gosta mais de aparecer do que de resolver o problema dela. Eu não tenho absolutamente nada a ver com o problema dela. Ela me conhece? Pergunte para ela se ela me conhece, se ela já esteve comigo alguma vez, se eu já estive na casa dela. Isso é neurose. Eu não sei. Eu não posso explicar. Não tenho nada, absolutamente nada a ver com o caso dela. Tem aqui as certidões dos processos todos. Estou movendo ação contra a Globo e vou mover uma ação contra ela agora. Chega, parei, não brinco mais.

A SRA. ZULMIRA GONZAGA CARDOSO - Posso falar?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Vou passar a palavra para a D. Zulmira.

Eu gostaria de mais uma vez pedir para nós evitarmos ataques pessoais. De forma bem objetiva também, eu vou me remeter apenas às contradições. A senhora vai reforçar ou a senhora vai negar. A senhora vai reforçar ou negar. E com isso nós encerramos esta acareação.

Então, eu gostaria de passar para o primeiro ponto.

Antes de dar continuidade, o Sr. Marcos Roberto Molitor Souza está presente? *(Pausa.)*

A SRA. ZULMIRA GONZAGA CARDOSO - Não, nem o Jorge.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E Jorge Luís Mateus? *(Pausa.)* Marisa Bueno está presente, que é do outro caso.

Vamos, então, aos pontos. Eu vou reforçar mais uma vez: vamos evitar ataques pessoais. Eu sei que essa questão é uma questão que envolve emocionalmente as duas partes, e eu gostaria muito que a gente deixasse a gente conduzir os trabalhos de forma bem objetiva, para que a gente possa avançar nessa questão.

A primeira questão é em relação ao avião. A senhora continua informando que ele foi de avião e que ele... Quer falar sobre isso?

A SRA. ZULMIRA GONZAGA CARDOSO - Quero. Posso dar bom dia para ele, não é? Bom dia. Realmente, Dr. Pedro, eu não conheço o senhor. É a segunda



vez que nós nos encontramos. A primeira foi quando o meu esposo viu o senhor saindo com o Marcos Molitor da TELEGÓIAS, e a gente estava saindo da delegacia e do Tiro de Guerra. Nós não tínhamos carro, e ele falou: *“Olha o Dr. Pedro!”* E foi até o senhor. Ele conversou primeiro com o Marcos, e o Marcos falou para o senhor: *“Olha, o filho do Israel sumiu.”* Estou olhando nos seus olhos, Dr. Pedro. O senhor olhou nos olhos do Israel. Eu estava muito emocionada naquele momento. E o senhor disse: *“Israel, se o teu filho foi levado por alguém ou se ele foi raptado, eles devem estar muito bem.”* Eu não conhecia o senhor. De fato, Dr. Pedro, eu não o conhecia, mas o seu gerente, Marcos Molitor, ele viu o meu filho e por várias vezes ele disse que o meu filho era muito bonito, parecia um touro. Ele me ajudou a procurar o meu filho, sim. Eu vou agora ao avião. O Jorge, que também foi seu funcionário, e é sobrinho do Israel, ele pegou o meu filho e disse: *“Zulmira, o teu filho é muito feio, porque você não vende?”* Depois de uma semana, ele vendeu. Mas as evidências — nós vamos seguir — dos aviões, doutor. O senhor confirmou realmente que o senhor foi de avião. Mas eu tenho duas...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Não, ele falou que não foi.

A SRA. ZULMIRA GONZAGA CARDOSO - De ônibus. Mas eu tenho duas contradições: aqui, na Polícia Federal, em setembro, o senhor disse que foi numa Opala preta. Está aqui, em 88, quando era para o senhor fazer a acareação com o Lourival. Depois, na CPI, dia 4 de julho, o senhor disse que foi de ônibus, mas o Jorge afirma que o senhor foi, nunca foi a Porto Nacional de carro. E o Lourival, aqui no seu depoimento — aqui está — embora ele já tenha falecido, não é?...

O SR. PEDRO IZAR NETO - Não sei.

A SRA. ZULMIRA GONZAGA CARDOSO - Pois é. Ele afirma aqui: *“Que o Dr. Pedro Izar, constantemente, vinha à Estância São Judas Tadeu, sempre de avião, pois na sua referida Estância tinha uma pista de avião em que pousava mesmo durante a noite”*. E o senhor disse na CPI que foi de ônibus. Na Polícia Federal, o senhor disse que foi de Opala preto. De que mesmo o senhor foi? De ônibus ou de Opala preto? Cinza. Está aqui, na Polícia Federal. A única vez em que o senhor esteve na Polícia Federal. Está aqui. O senhor está com o depoimento em mão. Aqui é o depoimento da Polícia Federal. O senhor disse que naquela época o senhor não estava de ônibus...



O SR. PEDRO IZAR NETO - Excelência, se eu fui de ônibus...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Por favor. Eu gostaria... Nós vamos ouvi-la. Se o senhor puder anotar, depois a gente passa para o senhor responder.

Segundo ponto: *“Marido procurou Pedro Izar para pedir ajuda. Pedro Izar, antes de atender o pedido de ajuda, sugeriu ao marido da depoente que alguém havia pegado o seu filho.”*

A SRA. ZULMIRA GONZAGA CARDOSO - Verdade. Eu estava junto, e o senhor realmente deu a sua caminhonete e o senhor falou, nos olhos do Israel: *“Israel, se alguém pegou o teu filho”...* Ninguém falou. Eu não imaginava, eu não imaginava, doutor, tráfico de pessoa. Eu era leiga, eu não sabia que na década de 80 existia essa questão de tráfico de pessoa. E o senhor disse: *“Se alguém pegou o teu filho ou se alguém raptou o teu filho, Israel, está cuidando muito bem.”* O senhor abaixou a vista e o senhor disse ainda — eu digo para o senhor: *“Peça para São Judas Tadeu”*. O senhor disse isso. Disse.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Terceiro ponto: *“Que tem documento comprovando que havia três apartamentos e não dois, no hotel”...*

A SRA. ZULMIRA GONZAGA CARDOSO - Sim, senhor. Aqui está, aqui está. Os três apartamentos. Na Polícia Federal, em 88, o senhor disse que, quando vai a Porto Nacional... O senhor ficou no 203, com o seu gerente, com o seu gerente. Porém — e nós temos registro aqui —, o Lourival, quando denunciou, ele disse... Da forma como ele denunciou, o senhor chegou realmente no dia 21; depois de 2 dias chegou outro avião na Fazenda São Judas Tadeu, com dois homens. Está aqui, está aqui. Não sou eu, não sou eu. Esta acareação era para ter sido feita antes. E ele disse que o senhor chegou com dois homens. Inclusive ele se deslocou até a cidade com esses homens. Eu vou ler aqui... Ele trouxe esses homens. Juntamente o senhor veio com eles, no carro, ficou no hotel. Então, se o senhor tinha só um hotel... Na Polícia Federal, o senhor disse que o senhor se hospedava com o seu gerente. Aqui conta: dia 21, vocês estavam no apartamento 203; no dia 23, conforme Lourival disse, dois dias depois, no 204; no dia 28, no 209. Se o senhor tinha só um apartamento, por que o senhor foi fazer ligações em todos os apartamentos? Está aqui. Aqui tem a fala do Lourival...



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas...

A SRA. ZULMIRA GONZAGA CARDOSO - Só vou completar, rapidinho. Não vou ler tudo, né? *“Por volta das 7 horas, se encontram no Hotel Meridional, em companhia de Dr. Pedro Izar, dois outros indivíduos”* — que eu já tinha citado, que trouxe, que vieram junto com o Marcos Molitor, da fazenda. *“Quando eu vi um dos, digo indivíduo, moreno claro, o Marcos Molitor perguntou: ‘Dr. Pedro, sobre a criança que o senhor vai adotar...’”* Aí o senhor diz: *“Então vamos demorar mais um pouco para poder levar a criança”*. Em seguida: *“O indivíduo de cor morena, digo, que o carro só dava para chegar até três leiras da casa da velha que estava com a criança; que o indivíduo de cor morena ainda falou: ‘A velha que estava com a criança mora perto da casa de Israel’. Naquela oportunidade, Pedro Izar e outros indivíduos estavam com aviões em Porto Nacional”*. Ele diz aqui: *“Avião em Porto Nacional, sendo que um era monomotor e outro era bimotor”*. Aqui, ele que disse. E aí, voltando, eu não sei se cabe acrescentar sobre as leiras, porque o senhor disse que é ilusão da minha cabeça — na CPI —, que o meu filho tinha caído no rio, que era a voz da cidade. Porém, Dr. Pedro, eu quero dizer para o senhor que o meu filho tinha 1 ano e 8 meses. E tinha a história das leiras mesmo. O senhor acertou, o senhor acertou. Por coincidência, o meu filho tinha 1 ano e 8 meses e não tinha condições de ir andando 5 quilômetros, para ir para o rio. E tinha as leiras. Porque à casa da minha mãe o carro só chegava até a porta. E essas leiras foi de onde se tiraram os aterros para fazer a ponte. E as pessoas chamavam de “leiras”. Essa palavra existe no vocabulário de lá. Inclusive eu pergunto para o senhor: o senhor diz que é a voz da cidade que o meu filho morreu afogado. Será que uma criança de 1 ano e 8 meses ia sozinha até o rio? E essa história das leiras? O que se diz?

O SR. PEDRO IZAR NETO - Eu posso falar?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Daqui a pouquinho. O senhor vai observando, e eu passo a palavra novamente, para o senhor responder. O senhor vai anotando. O advogado do senhor, se quiser, pode ajudar a anotar.

Quarto ponto: *“Que foi marcada uma acareação na polícia entre Lourival e Pedro Izar, mas este nunca compareceu; que o caso foi para a Polícia Federal, que foi marcada uma acareação, só que o Lourival desapareceu”*.

Quer falar sobre isso?



A SRA. ZULMIRA GONZAGA CARDOSO - Sim, sim.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - São informações dela. Estou repetindo as dela. Eu já falei as do senhor. O senhor confirmou que não, negou. Eu estou passando as dela, para ela colocar aqui, porque ela defende essas questões.

A SRA. ZULMIRA GONZAGA CARDOSO - Olha, eu gostaria. Aqui está o processo. Por sinal, está arquivado. A Deputada perguntou: "*Quem é o seu advogado?*" Eu não tenho advogado. Mas o senhor teve oito. Oito. Por quê? Por que o senhor não foi a nenhuma, Pedro Izar, das audiências? Aqui estão as acareações. O senhor não compareceu a nenhuma. Nenhuma! O senhor foi uma única vez — 27 de setembro de 88 — à Polícia Federal. Quando eu cheguei aqui, com o depoimento do Lourival... Porque ele descreveu como o meu filho foi levado. E quem levou o meu filho, nos braços, foi o Beto, o seu funcionário. Ele veio de avião. E o senhor ficou na cidade com o Marcos, porque o senhor e o Marcos estavam sondando. Inclusive o Marcos me ajudou de fato. Então, o senhor diz, o senhor afirma que prestou vários depoimentos, que esteve nas audiências. E por que não consta nenhum depoimento do senhor aqui? Por que o senhor não compareceu a nenhuma? Por que o senhor constituiu oito advogados? Inclusive, no Tocantins — acho que o senhor lembra —, Germiro Moretti disse, nos meus olhos... Em 96, quando eu encontrei aquela criança que eu imaginava que era o meu filho, ele foi... O senhor tinha uma audiência no dia 20 de maio, e eu viajei no dia 12 de maio de 96 para São Paulo, para buscar um menino de rua que se passou como o meu filho. E a essa audiência o senhor não compareceu, mas o senhor contratou Germiro Moretti. E ele disse, nos meus olhos, que o senhor vendeu um apartamento em Santana, e em espécie, para pagar a ele, e que o senhor ia trancar o meu processo. E aqui eu não tenho nenhum depoimento do senhor. Aí eu acrescento. Por que? Se o senhor diz que compareceu a tudo. Segundo: nessa diligência... Essa acareação, em 97... Foram 15 diligências para a polícia, para cumprir o delegado. O Estado foi omissivo comigo, o Estado não cumpriu o seu papel, o Estado não cumpriu. O delegado foi à polícia e disse que não tiveram... Porém, em 97, o Lourival, que era a única testemunha, que era para estar feita a acareação desde 1988, foi a óbito, foi assassinado. O senhor não sabe, mas eu estou falando para o senhor. Então, ele foi



assassinado. A minha única testemunha, que poderia confirmar isso para o senhor. Então, se o senhor confirma isso, Deputado, eu não sei onde é que está. Aqui está o inquérito. Não tem uma... Nada dele.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Outro ponto: *“Que não é verdade que tenha acusado Pedro Izar muito tempo depois; que soube que na época do desaparecimento havia um casal”... Não...*

A SRA. ZULMIRA GONZAGA CARDOSO - Pode falar. É isso mesmo.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - *“Que a fazenda foi vendida logo após o ocorrido. Depois a depoente indicou a existência de uma caminhonete de dois funcionários com características semelhantes às de Marcos Molitor, Lourival e de Beto.”* Então, essa seria...

A SRA. ZULMIRA GONZAGA CARDOSO - Falo para a senhora, agora. O senhor... O meu filho desapareceu no dia 27 de setembro de 88. É o segundo caso. E o Lourival afirma que aquele outro menino, de Porto Nacional, também foi levado. E aqui está. Por quê? Eu pergunto para o senhor: o senhor chegou a Tocantins em que ano? Ao Goiás. O senhor lembra?

O SR. PEDRO IZAR NETO - Não.

A SRA. ZULMIRA GONZAGA CARDOSO - Pois eu lembro. Em 1982. A sua fazenda foi 1982. Em 1995 uma criança foi traficada, não foi encontrada. Em 97, o meu filho desapareceu. Quando o meu filho desapareceu, tinha 20 dias que a minha mãe tinha mudado para essa chácara, que é praticamente dentro da cidade. A história das leiras... E quando o meu filho desapareceu eu não tinha pista, eu pedi para o Espírito Santo me iluminar. E naquele momento eu voltei à casa da minha mãe, que ela tinha alugado a casa, e a inquilina falou: *“Olha, veio uma caminhonete aqui, carroceria de madeira, querendo falar com o teu pai, que teu pai é agrimensor, e queria falar urgente com ele”*. Nós ensinamos. Era noite. Era uma criança de 12 anos. Os três rapazes... E aqui está a descrição dos rapazes, você pode olhar, a descrição do Jorge Luís e do Marcos Molitor; e tinha um terceiro, que eu não conheço, esse Beto. E aí a única pista que eu tinha era essa caminhonete. Em 1997, como eu não tenho dinheiro, não tenho influência política, não sou irmã de Deputado e não sou tia de Deputado, eu fui com o meu dinheiro até Goiânia, porque era Goiás, não era Tocantins, e coloquei nos jornais. O senhor vai ter que processar vários



jornais, o de Goiás... Aqui é um deles. Aqui está a caminhonete de carroceria de madeira, a justa caminhonete que me ajudou a carregar o meu filho. Quando foi em janeiro o senhor vendeu a fazenda. A Ivanise. Você lembra dela? Ivanise. Eu acho que ela está aqui em São Paulo, que trabalhava na cooperativa. Não sei de quem ela era namorada, e isso não convém. E ela disse que o senhor... Está aqui. Se o senhor não me conhecia, se o senhor não conhecia o Israel, por que o senhor queria ligar para saber o meu endereço? Está aqui. Ela disse isso. Ivanise era minha vizinha. Era onde o Marcos ficava, na porta, com o carro de som ligado. E ela sabia o meu endereço. E o senhor ligou. Estão aqui as ligações. Então é isso, Dr. Pedro. Eu não estou falando para o senhor coisas... São evidências muito claras.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Última questão: *“Que soube que na época do desaparecimento havia um casal de estrangeiros hospedado no Hotel Meridional. Foi ao hotel verificar o registro, mas não havia registro de hóspede estrangeiro no hotel”*.

A SRA. ZULMIRA GONZAGA CARDOSO - Justo. Eu deduzo, isso eu não sei, mas tinha três pessoas. Mas a D. Joana, funcionária, ela é camareira de hotel... Está aqui: era minha vizinha e inclusive olhou meu filho, ela já foi babá do meu filho. Aqui ela afirma que teve uns casais de estrangeiros — está aqui —, que tinha um intérprete. Está aqui. Inclusive, quando o Lourival disse, os delegados foram até Porto Nacional... aqui na CPI... Porque muitas coisas ele não esclareceu. Ele falou... Ele não colocou o nome da Arlete Hilu. Porque quem foi traficada na década de 80 sabe muito bem quem é Arlete Hilu. E ele disse: quando o senhor estava lá com o casal de estrangeiros, foi uma intérprete. E ela se colocaram de Arlete... Eu fui saber da história de Arlete agora, ano passado, porque eu desconhecia, eu não sabia, eu era leiga em relação a tráfico. O que eu sei é que, para Israel, foram 4 mil crianças. Não posso dizer que todas foram traficadas, mas lá tem adoções ilegais. Para a Itália foram 4 mil. Não posso dizer que todas foram traficadas, mas lá também tem adoção ilegal. E este ano eu descobri, lá no texto básico da CNBB, que nessa década, entre 84 e 88, foram 20 mil crianças para o exterior. E, dessas 20 mil, o meu filho foi. Eu só digo que eu não dei o meu filho, Dr. Pedro. O senhor pode colocar o processo contra mim, mas eu quero dizer para o senhor que a única coisa que eu temo é Deus. Nunca tive advogado, Dr. Pedro. O senhor não imagina o quanto eu



esperei esses 27 anos para olhar nos seus olhos porque, Dr. Pedro, ser mãe é presença de amor, é amor. Foram 27 anos, Dr. Pedro, rezando. No dia 13 de maio — e o senhor ia à audiência dia 20 de maio —, o senhor esteve em Porto Nacional, Dr. Pedro. O senhor esteve lá para contratar o Germiro. Aqui está. Por que o senhor não esperou, se o senhor não devia, Dr. Pedro? Por que o senhor já não esclareceu isso? Por quê? E eu penso, Dr. Pedro, eu digo para o senhor, o senhor pode dizer que não — o senhor pode dizer que não —, mas existe um Deus. Existe um Deus, e a sua mãe, a D. Hermínia Adelaide... Eu já tive muito ódio do senhor. O senhor disse que eu mandei muito recado para o senhor pela Polícia Federal. Eu não mandei recado pela Polícia Federal, mas eu mandei pelo Germiro Moretti. E não foi só um, não, porque, naquele momento, o meu coração era cheio de ódio. Eu disse para o Germiro Moretti, Dr. Pedro, que o senhor ia perder todo, todo o dinheiro com a venda do meu filho. Eu disse. Eu gostaria muito, Dr. Pedro — eu desejei —, que caísse o avião do senhor, que o senhor fosse preso, que o Jorge fosse preso, que o Marcos fosse preso. Como eu desejava isso, Dr. Pedro! Como eu desejei! Mas hoje... Porque amor de mãe é muito grande, Dr. Pedro. Eu penso na sua mãe, eu penso na mãe do Marcos, eu penso na mãe do Jorge, eu penso na mãe do Lourival. O Lourival foi assassinado, mas ele tem uma mãe. Eu estive com ela. O sofrimento de uma mãe não é fácil. Então, me tiraram, Dr. Pedro, a coisa mais importante da minha vida. Quando eu entrei, eu abri a Bíblia, e lá no Eclesiástico diz: *“Mãe, se você é mãe, você é obrigada a educar o seu filho”*. E o meu filho, o homem, com sua ganância, tirou. Tirou o meu filho e o direito de educá-lo. Eu não tive o direito, Dr. Pedro, de ver o meu filho na escola; eu não tive o direito, Dr. Pedro, de ver o meu filho quando chorou. O meu filho... foi a primeira vez que ele foi dormir fora. Então, Dr. Pedro, na CPI o senhor disse que era fantasia minha. Não é fantasia. Mas eu penso na sua mãe e eu louvo a Deus por este momento. E quero dizer para o senhor que, embora o senhor negue tudo, o senhor pode montar o processo contra mim, contra a Globo, contra o jornal de Goiás, contra o jornal *O Popular*, tudo isso, porque lá, desde 1988, desde 1987, os jornais têm seu nome. Então, o senhor não processou a Globo agora, não. Então, do fundo do meu coração, a sua mãe sofre. Ela sofre. Eu tenho uma avó de 101 anos, e ela diz assim, Dr. Pedro, que, quando a gente cala, a gente consente. Por 27 anos, o senhor não esteve frente a frente



comigo. Por 27 anos, o senhor não teve coragem de olhar nos meus olhos. Foram 27 anos! Por que o Marcos não está aqui? Por que o Jorge não está aqui? Porque eu tenho mais para falar do Marcos, do Jorge. O Jorge, quando baleou o Israel, não sei se o senhor... Talvez o senhor não saiba, mas o senhor diz que não conhece a gente, mas o senhor ligou para o Jorge. O pai do Jorge... Está aqui, ó, que o senhor ligou para o Jorge. Na Polícia Federal, o senhor disse que queria saber notícias do Israel, que o senhor tinha dó. Está aí o depoimento da Polícia Federal. E, de vez em quando, você ligava para o Jorge. E o Jorge... Eu, com coração de mãe, quero dizer para o senhor: quando o senhor falou todas aquelas coisas, que eu estava procurando um pai para o meu filho, não, ele já tem pai; ele já tem mãe. Mesmo que eu não tenha estado com ele, o meu coração está lá onde ele está. E aí o que o senhor... Quando o Lourival saiu da cadeia, o senhor ligou para o Jorge. O senhor ligou para o Jorge. Não demorou uma semana, o Israel foi baleado. Não demorou uma semana, o Israel foi baleado! Segundo, o Jorge me disse que quando ele baleou o Israel, que foi para Goiânia, ele disse... Já estou terminando, doutora.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Zulmira, precisamos concluir.

A SRA. ZULMIRA GONZAGA CARDOSO - Já vou concluir, já vou concluir. Ele disse que foi buscar uma caminhonete, um carro, na concessionária aqui em São Paulo. Então, é isso, Dr. Pedro. Se o senhor está falando que vai mover um processo, o senhor pode mover, porque meus advogados são Deus e Maria Santíssima.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Pronto. Obrigada, Zulmira.

A SRA. ZULMIRA GONZAGA CARDOSO - Obrigada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Agora eu gostaria de retornar a palavra ao Seu Pedro, que apresentou aí algumas...

O SR. PEDRO IZAR NETO - Excelência, primeiro, por que eu haveria de falar que o filho dela havia sido raptado, se tinha acabado de ocorrer qualquer coisa nesse sentido, e eu estava me prontificando a ajudar a buscar? Segundo, não havia avião. Como é que havia dois aviões lá? Terceiro, todas as crianças que desapareceram nesse período são culpa minha. Todas as crianças que desapareceram nesse período são culpa minha, pelo que ela está falando. O cara foi



morto; com certeza, fui eu que mandei matar também. Quer dizer, desculpa, é fantasioso, Excelência, além de querer desmoralizar a Polícia Federal, as Justiças do Tocantins e de Goiás e a CPI também. Permita-me, mas para mim está ótimo assim.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mais alguma coisa, Dr. Pedro Izar? *(Pausa.)* Então, eu concluo a acareação dos dois envolvidos neste caso. Agradeço a presença. Nós já estamos no final da CPI. Em breve, será apresentado o relatório final, e aí nós daremos o nosso parecer em relação aos depoimentos. Deus acompanhe cada um de vocês.

O Jorge não compareceu, não é?

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor não está na pauta de oitivas hoje.

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Sr. Isael, eu vou conceder a palavra ao senhor, por um momento breve.

Eu queria, desde já, informar, Zulmira, que Jorge e Marcos, que foram convocados e não estão presentes, segundo a jurisprudência nos informa, como são acusados, investigados, não têm a obrigação de criar provas contra si mesmos. Por isso, a CPI não pode obrigá-los a vir. Eu gostaria de deixar isso registrado.

Passo a palavra ao Sr. Isael, pai do Sérgio Leonardo.

O SR. ISABEL SÉRGIO MATEUS DA SILVA - Bom dia a todos. Eu sou o pai do Sérgio Leonardo. Estou aqui para dizer somente a verdade. O que esse homem disse aqui, que ele nunca falou isso, ele está totalmente mentindo, porque ele falou olhando no meu olho. Falou: *"Isael, se o seu filho foi pego por alguém ou foi raptado, você pode ter certeza que ele está em boas mãos, como existe Deus no céu"*. Ele falou dessa forma para mim e tirou o olho do meu olho, assim, abaixou a cabeça, não olhou mais no meu rosto. Concedeu a caminhonete para a gente levar os meninos do Tiro de Guerra para procurar lá à noite. Isso ele arrumou. Inclusive, o Marcos foi junto. E, dessa vez para cá, eles sumiram, e eu nunca mais... Eu vim ver ele hoje. Nunca apareceu numa audiência. A todas as audiências que foram marcadas ele nunca compareceu.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O.k. Muito obrigada, Seu Israel. Obrigada, Zulmira. Eu acredito que os documentos e as provas vão reforçar os depoimentos de vocês.

A SRA. ZULMIRA GONZAGA CARDOSO - Eu quero deixar registrado que o Jorge foi à minha casa ontem. Só deixei a minha filha. E ele foi lá com desaforo, dizendo que ninguém faz ele sair de lá. Na porta da minha casa! Eu não estava lá. Além de ele não comparecer às audiências para as quais foi convocado, ele foi à minha casa dizer desaforo.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mais uma vez, obrigada, Zulmira.

Eu queria passar para a segunda parte da nossa audiência, agora, com o caso da Charlotte. Antes, eu queria justificar a ausência do Defensor titular da Defensoria Pública de São Paulo, Dr. Luiz Rascovski, que encaminhou um ofício, justificando a sua ausência, devido a compromissos anteriormente assumidos. Por isso ele não compareceu.

Então, dando continuidade aos nossos trabalhos, vamos passar à oitiva das pessoas envolvidas no caso de Charlotte.

Charlotte tinha 14 anos... Charlotte já está aqui? Charlotte? *(Pausa.)*

Charlotte, queria convidar você para sentar aqui conosco.

Charlotte tinha 14 anos quando descobriu que fora adotada ilegalmente. Desde então sua vida mudou. Descobriu que a pessoa que constava em seus documentos como sua mãe biológica e que a levava para a França não era sua mãe biológica. Além disso, descobriu que fora retirada do orfanato Lar da Criança Menino Jesus, então presidida pela Sra. Guiomar Morselli. Segundo consta, a Sra. Guiomar Morselli ainda hoje trabalha no orfanato. Intermediou um falso processo de adoção e foi paga para isso.

Sua data de nascimento é incerta, constando na Certidão de Nascimento ter nascido dia 30/5/87. Entretanto, exame realizado dá como certo o seu nascimento 15 dias antes, ou seja, 15/5/87. Consta na folha do exame realizado que o nome da paciente seria Isabeli Morselli. Em outro exame consta o nome de Charlotte Morselli. E na Certidão de Nascimento consta o nome de Charlotte Pinto da Mota.



Durante sua infância, Charlotte foi criada num bairro nobre de Paris. Os pais já eram idosos, a mãe era agressiva, e o pai, alcoólatra. Aos 14 anos, Charlotte descobriu que havia sido comprada em um orfanato, a partir de documentos que encontrou em sua residência. Com a ajuda de instituições francesas, conseguiu sair do lar desestruturado. Fez faculdade, trabalhou e criou condições de realizar o sonho de retornar ao Brasil. Mora, hoje, aos 26 anos, no Rio de Janeiro, é cineasta, e denunciou o seu caso à Polícia Federal, onde foi instaurado inquérito policial na Superintendência do órgão em São Paulo. Semana passada prestou depoimento ao Delegado Federal Tempestini, que foi quem já se apresentou aqui no início dos nossos trabalhos.

O Delegado Tempestini deu uma saidinha? *(Pausa.)* Pediria à assessoria para ver a possibilidade de chamá-lo.

Alguns requerimentos foram feitos em torno desse caso pelos Deputados membros da nossa CPI, e, hoje, algumas pessoas envolvidas no caso foram convocadas para estar aqui depondo, apresentando as suas razões, respondendo a algumas perguntas que esta CPI tem a lhes fazer.

A CPI encaminhou dois documentos, acompanhando esse caso. Um foi a solicitação de providências e documentos ao delegado da Polícia Federal titular da Delegacia de Defesa Institucional, o Sr. Aldo Yassuki Ivata. Esse documento foi encaminhado no dia 9 de abril de 2014 pela CPI. E outro ao Sr. Leandro Daiello Coimbra, Diretor-Geral do Departamento da Polícia Federal, em Brasília, para a apuração de fato e aferição de necessidade de proteção especial à pessoa de Charlotte. Então, esses dois encaminhamentos foram feitos pela CPI, e os dois estão aguardando o retorno.

Então, nós vamos chamar a primeira pessoa que vai ser ouvida hoje. Queria chamar a D. Maria das Dores Pinto da Mota. Se ela estiver presente, gostaria que ela se sentasse aqui perto de nós. *(Pausa.)*

Antes de passar a palavra à D. Guiomar, queria passar a palavra à Charlotte — Por alguns momentos, Charlotte —, para que a gente possa objetivar... Nesta audiência, são várias as pessoas que vão ser ouvidas, e eu gostaria de pedir a sua colaboração nesse sentido.



A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Com certeza.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Você já esteve em audiência da CPI...

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - ... você já se manifestou. Tudo o que você já falou já foi registrado. Então, a gente vai te dar um momento rápido para que você possa se pronunciar e, a partir desse momento, a gente poder ouvir as pessoas que foram convocadas.

Queria anunciar a presença do Deputado Paulo Freire, que está chegando.
(Pausa.)

Com a palavra a Charlotte.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Não sei se está funcionando o microfone, se todo mundo está meu ouvindo. Primeiro, agradeço a Deus porque todo o mundo está aqui hoje. Agradeço a Deus por todo o mundo estar aqui. Então, eu só quero saber realmente o que aconteceu comigo. Eu quero saber onde é que estão meus pais — quero minha mãe, quero meu pai —, quando eu nasci, em qual hospital. Eu quero saber da verdade. É isso que eu quero saber. E até hoje não recebi nenhuma explicação. Eu, várias vezes, tentei falar com a D. Guiomar, que sempre nega tudo, que não sabe quem eu sou, nunca foi ao cartório, não tem nada a ver com isso, mesmo que tenha todas essas assinaturas dela nos documentos e tudo. Então, eu quero uma explicação, porque eu quero saber quem é minha mãe, o que aconteceu com ela. Se ela teve que me deixar porque não tinha condição de me criar, tudo bem. Mas temos que falar que há uma lei. E também, se ela não podia me criar, eu tinha direito a uma adoção legal. Eu tinha direito a uma adoção com o juiz, tinha direito a crescer numa família estruturada, numa família normal. A isso eu tinha direito. Ninguém tinha o direito de me roubar isso, porque, se alguém não tem a condição de cuidar do seu filho, a pessoa pode levar o filho para o juiz tutelar, e ele vai fazer uma adoção legal. A criança não vai ser exportada para outro país. Em primeiro lugar, quem tinha o direito de me tirar do meu país ou de me tirar da minha família? Ninguém. Então, agora o mínimo seria me dar explicação e falar a verdade. Isso seria o mínimo. Obrigada.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Muito obrigada, Charlotte. Eu gostaria de facultar a palavra à Sra. Maria das Dores Pinto da Mota por alguns minutos. Eu gostaria que a senhora se manifestasse sobre esse caso. A partir daí, nós vamos fazer algumas perguntas, eu e o Deputado Paulo Freire.

Com a palavra a D. Maria das Dores Pinto da Mota.

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Eu trabalhei numa casa um bom tempo. Um dia, minha patroa chegou e falou para mim: *"Maria, eu quero que você registre umas crianças para mim"*.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora podia aproximar o microfone, porque nós estamos gravando o que a senhora está falando.

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Eu falei para ela: *"Como assim? Eu não tenho filho. Como eu vou registrar?"* E ela falou assim: *"Não tem problema"*. Eu falei assim: *"Então tá"*. Aí pronto, ela registrou tudo. Só que eu não fiquei sabendo o nome das crianças. Ela não me falou nada. E fiquei sabendo que era Charlotte porque ela foi até a minha casa. Uma equipe de reportagem foi lá e falou: *"Você conhece a Charlotte?"* Aí que a minha...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Só um minutinho. Pessoal do áudio, está audível a fala dela? Ela está com o microfone um pouco... Está bem? Se a senhora puder apontá-lo para a sua boca...

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Está bom.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ótimo.

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Aí ela falou para mim assim: *"Você é a mãe da Charlotte?"* E eu me assustei, porque eu estava em tratamento. Eu estou fazendo tratamento no hospital e estava muito fora de mim, entendeu? Eu tomei um susto e falei: *"Charlotte? Quem é Charlotte?"* Ela falou: *"Uma que a senhora levou para a França"*. Aí que eu me lembrei. Eu não fiz nada. A minha patroa que fez e não me falou o que estava acontecendo. Eu não sabia de nada. Eu era cozinheira na casa dela. Eu fazia comida, estava lá na cozinha e não sabia o que estava acontecendo por fora disso. A partir daí, passou um bom tempo, ela me levou para tirar o passaporte e falou para mim: *"Você vai viajar comigo"*. E eu falei: *"Viajar com a senhora para onde?"* E ela falou assim: *"Você vai comigo para levar as crianças"*. Eu fiquei quieta, porque eu não sou muito de ficar especulando. A



gente está na casa de patrão para trabalhar, não para ficar sabendo da vida deles. Eu sou uma pessoa que nunca me meti na vida de patrão, não sei o que está acontecendo. Eu falei: “Ah! tá”. Eu só falava assim. Eu não me lembrava mais da Charlotte, porque foi há muitos anos. Eu não me lembrava desse caso. Portanto, quando foram me procurar, eu levei um choque muito grande, porque eu não me lembrava de nada. E como eu faço um tratamento e tomo uma química muito forte, nesse dia em que eles foram à minha casa eu me lembro das pessoas, mas não me lembro do que me perguntaram, porque eu tomei a química na sexta, e, no sábado, me parece — não sei, não me lembro — eles apareceram lá em casa. Então, eu não me lembro nem o que eu falei para eles. E foi isso. Aí, eu fui com ela. Ela me levou para esse lugar lá, e eu não me lembro mais de nada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Nós vamos fazer algumas perguntas, até para ajudar a senhora a conduzir o seu depoimento.

A senhora conhece a D. Guiomar Morselli?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Sim.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E o Sr. Franco Morselli?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Também.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E Edson Morselli?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Conheci, mas não tinha muito contato com ele, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas conheceu?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Conheci.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O que ele era?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Ele é filho da D. Guiomar com o Seu Franco.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O.k. A senhora já trabalhou na residência desse casal, da D. Guiomar e do Sr. Franco?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Sim.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Em que época foi?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Eu entrei lá em 1976 e saí em 2013, porque eu estava doente e não tinha como trabalhar mais. Então, eu saí.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O que a senhora fazia lá na Casa?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Eu era cozinheira lá. Fazia de tudo um pouco, mas mais na cozinha.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora tem que grau de instrução? A senhora estudou até que série?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Até a 4ª série só.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora sabe ler e escrever?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Sei um pouco. Não muito, mas sei.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora tem filhos?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Não, não é? E registrados?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Como assim?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora registrou essas crianças. Registrou outras crianças ou só as duas?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não, não, foram só essas aí. Não falaram mais nada. Eu também não procurei saber, porque para mim era como se fosse um trabalho. Eu não estava entendendo. Até hoje, eu não entendi.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E a senhora não teve filho, nunca teve filho?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não, eu não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora conhece o Lar da Criança Menino Jesus?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Conheço, sim. A D. Guiomar é dona... era dona de lá.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E aí a senhora trabalhava lá também?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - É, eu trabalhava um pouco na casa dela, um pouco lá, assim...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O que a senhora fazia lá?



A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Cozinha, também.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora ia muito, todos os dias, lá?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não. Só quando precisava, assim, quando tinha uma coisa que eu tinha que fazer e eu que sabia fazer, eu ia, entendeu?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E a Sra. Marisa a senhora conhece?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - D. Marisa...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Marisa Bueno Cabral.

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não conheço. Só conheço assim de nome, que eu ouvi falar na reportagem, mas ela mesma não conheço.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E o Sr. José Aurenildo de Souza a senhora conhece?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Ah! sim. Ele... Eu acho que ele era motorista. Eu não me lembro o que ele era no orfanato. Ele trabalhava lá.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora conhecia.

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Sim.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E a Charlotte? A senhora conhecia a Charlotte, chegou a conhecê-la, conviveu um tempo com ela?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não. Eu nem sabia que ela se chamava Charlotte.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E o Rafael?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Também não sei.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Na época, a senhora registrou duas crianças?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Foi.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O Rafael a senhora não conheceu também?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Também não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E a Sra. Jacqueline, que adotou a Charlotte, a senhora conheceu?



A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Vixe!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas a senhora foi levá-la a Paris.

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Eu fui com a D. Guiomar, mas eu não vi ninguém.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí, a senhora só passou no aeroporto com as crianças...

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - É.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Identificou-se como mãe das crianças? Eles perguntaram, a senhora falou que era mãe?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não, não perguntaram, não. A D. Guiomar que pegou os meninos... Eu não me lembro muito bem. Eu só lembro disto: que ela pegou a Charlotte.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí, a senhora foi junto.

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Eu fui com a D. Guiomar.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí, chegou lá, a senhora ficou num hotel?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Ah! não lembro.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora não conheceu...

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Eu fiquei assustada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - ...não ficou cuidando das crianças em um momento ou outro...

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Hum, hum.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) -para a D. Guiomar fazer alguma coisa?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Em momento nenhum. Mas as crianças foram com vocês no voo?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Sim.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Então, a senhora lembra da Charlotte, do Rafael. A senhora deve lembrar, porque a senhora pegou eles, esteve como eles nessa viagem.



A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Lembro, só não lembro do caso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! mas a senhora lembra deles, não é, das crianças? A senhora chegou lá, em Paris... A senhora lembra que a senhora chegou com elas. Vocês devem ter ficado no hotel. Criança é mamadeira, é fralda, é tanta coisa. Então, a senhora esteve junto naquele momento?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não, não tive, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí, chegou lá, as crianças não ficaram perto da senhora?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora já viajou outras vezes para o exterior ou foi a única vez?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Foi a única vez.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora nunca mais viajou para o exterior?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora já respondeu a algum processo judicial? É a primeira vez?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Nunca respondeu, não é? E a senhora falou que, quando a senhora tomou remédio, tomou química, a senhora ficou meio passando mal e aí a senhora não lembra de nada. Isso foi quando? Quando foi levar as crianças ou foi agora no momento em que a senhora foi chamada para prestar depoimento?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não, foi quando chegou a Charlotte e o repórter em casa, aí... Eu fico com a boca seca. E ela falou para mim: "*Você conhece a Charlotte?*" Eu falei: "*Quem é Charlotte?*" Aí, a Charlotte pegou e falou: "*Sou eu*". Eu tomei um susto, porque eu não esperava. Porque, na verdade, quando registrei eu não fiquei nem sabendo o nome dela. Como é que eu ia saber quem era Charlotte?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Qual era a média de salário que a senhora recebia?



A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Ih! agora eu me lembro.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora não lembra quanto a senhora recebia na casa da D. Guiomar?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Naquela época? Não, agora?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - É.

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Era o salário de setecentos, setecentos e alguma coisa aí.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora tinha carteira assinada?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Tenho.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Tem. A senhora é aposentada hoje?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Ainda não. Estou lutando para aposentar, mas está difícil.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas a senhora trabalha lá ainda?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora tem carteira assinada em outro lugar, a senhora trabalha em outro lugar hoje?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Só com a D. Guiomar.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora continua trabalhando com a D. Guiomar?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não, eu saí em 2013, porque eu não sabia que eu estava doente, até que eu saí de folga, passei muito mal. Uma semana depois, eu fiquei internada. Fiquei acho que uns 12 dias internada. Tive que operar e tudo. Estava um caso sério. Aí, eu falei: *"Não vou trabalhar mais"*.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Qual é a composição familiar da senhora? Quem vive junto com a senhora? A senhora e o cônjuge?



A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Eu tenho a minha irmã, que é minha companheira, depois tem eu, depois tem ela. Nós somos solteiras. Então, nós moramos juntas.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - São as duas que moram juntas. A senhora mora onde?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Eu moro na Vargem Grande Paulista.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O.k. Vou passar a palavra para o Deputado Paulo Freire.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Deputada Flávia, senhores e senhoras, bom dia. Eu gostaria de fazer aqui algumas perguntas para a D. Maria. Eu queria saber uma coisa: como era a D. Guiomar como patroa para a senhora? Ela era muito agressiva, ela era muito autoritária ou ela a tratava bem?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não, ela me tratava bem. Nessa parte aí... Ela me tratava bem, só que ela tem... ela é assim — espero que ela não ache ruim de eu estar falando —: quando ela fala uma coisa, ela não explica para a gente o que está acontecendo. Eu ficava muito nervosa com isso, porque tudo o que a gente faz tem que ter uma explicação, não é?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Hum, hum.

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - E eu não participava. Ela não me explicava as coisas.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Quando ela pediu para a senhora registrar a criança no seu nome, como se a senhora fosse mãe da criança ou das crianças, ela pediu para a senhora fazer isso? Ela explicou: *“Olha, eu preciso que você faça isso, coloque as crianças no seu nome. Você vai ser mãe dessas crianças. Vamos registrá-las no seu nome”*. Ela explicou alguma coisa para a senhora ou só determinou que as crianças iam ficar no seu nome?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não, ela só falou para mim assim: *“Maria, eu preciso que você me faça um favor”*. Eu falei brincando: *“Se não for sair para a rua, eu faço”*. Eu não gosto muito de sair para a rua, não é? (Riso.) Ela falou: *“Não, eu quero que você registre umas crianças”*. Aí, foi onde eu perguntei pra ela: *“Mas, D. Guiomar, como que eu vou fazer isso? Eu nunca tive filho. Como é*



que vou registrar uma criança?” Ela pegou e falou que não tinha problema. Aí, eu falei: “Então tá”. Só. E também não aumentei a conversa também.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Quando ela falou que vocês iam viajar, ela falou para que país seria ou não, para que lugar vocês iam?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não. Passou um tempo, aí ela pegou e falou para mim: *“Agora, a gente vai tirar o passaporte”*. Eu ainda falei para ela... Porque eu nunca vi passaporte. Não sei nem o que que é. *(Riso.)* Aí, eu falei assim: *“Ah! Tá”*. E ela falou assim para mim: *“Você vai viajar comigo. Você tem que...”*. Eu falei: *“Viajar com a senhora?”* Ela falou: *“Sim. Você vai comigo e vai ter que levar as crianças”*. Eu também não especulei mais nada, não quis saber de mais nada.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Foi ela mesma que tirou o passaporte para a senhora?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Ela me levou para tirar. Eu lembro. Disso aí eu me lembro, porque a gente tem que assinar, essas coisas todas, não é? Mas eu não vi o passaporte. Então, para mim, aquilo, para mim, o assunto acabou ali.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - E também não falou para a senhora qual era o país para o qual vocês iam viajar?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Ela falou no dia, na semana que a gente ia. Eu falei para ela: *“A gente vai pra onde?”* Ela falou para mim: *“Você vai comigo pra França”*. Eu falei: *“Nossa!”* E só. Mas ela não... ela não é...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Quantos anos a senhora trabalhou para ela? Foi até 2013, não é isso?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - É. Na verdade, eu entrei na casa deles em 1976, mas fui registrada depois, 3 anos depois. Então, eu conto do registro para frente, não é, até 2013. Em março agora que eu saí.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - A senhora entrou em 1976 e ficou 3 anos sem ser registrada?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Foi.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Depois que a senhora foi registrada? Como cozinheira a senhora foi registrada? Como cozinheira?



A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Foi. Isso, isso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Queria interromper por um momento o Deputado Paulo Freire para convidar os próximos convocados que vão falar aqui: o Sr. José Aurenildo de Souza — está aqui? —; a D. Guiomar Morselli; o Sr. Franco Morselli, para que acompanhem o Secretário da CPI, o Manoel. A D. Guiomar está? *(Pausa.)* E o Sr. Franco? *(Pausa.)*

Retorno a palavra, então, ao Deputado Paulo Freire.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - D. Maria, a senhora recebeu alguma intimação da Justiça alguma vez?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - A senhora nunca prestou nenhum depoimento, nem no Fórum, nem na Delegacia de Polícia? Nunca?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Eu só fui na Federal, na Polícia Federal...

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Ah! é! Desculpa. Eu fui chamada na Polícia Federal.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Onde isso, em São Paulo? Aqui em São Paulo?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Sim. É. Eu acho que só, não lembro.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Faz muito tempo isso?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não, foi este mês.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Foi a primeira vez?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Foi, foi.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O.k., Presidente. No decorrer da reunião a gente vai fazendo mais algumas perguntas.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora quer fazer mais alguma consideração, D. Maria das Dores? A senhora quer falar mais alguma coisa?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não. Só estou assim muito assustada com essas coisas, porque não esperava acontecer isso.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - D. Maria, nós agradecemos. *(Pausa.)*

A irmã da senhora está aqui?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - D. Leila.

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não conheço.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A irmã da senhora? A senhora não conhece a irmã da senhora?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - A minha irmã, sim.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Como é o nome dela, da irmã da senhora?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - A que está me acompanhando em tudo, minha irmã se chama Deia.

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A Deia trabalhava com a D. Guiomar também, a sua irmã?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - A Deia, não; a Deia nunca trabalhou para ela.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora tem outra irmã? A senhora tem outra irmã?

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Qual a senhora falou?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - A Leia.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Qual o nome da outra irmã da senhora?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Eu tenho uma irmã que se chama Leia.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E tem a Deia, não é?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Essa é a Deia, que nunca trabalhou para ela.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E a Leia trabalhou para ela.

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Trabalhou.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E ela morava com a senhora também? Mora com a senhora?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E o que a Leila fazia para a D. Guiomar?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Da creche eu não sei muita coisa, porque eu não... Eu ficava para lá, a senhora entende?

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Pois é.

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Pois é. Então...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E ela não sabia das crianças? Na época, ela falava com a senhora sobre isso? A senhora fala que não sabia de nada, mas a irmã da senhora também não explicava nada? A senhora falou que a D. Guiomar não explicava muito bem as coisas. A senhora não teve a curiosidade de perguntar para a irmã da senhora, que trabalhava lá? Ela também não falava com a senhora?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não. Eu era assim: eu estava ali para fazer meu trabalho, então eu não me envolvia nos outros assuntos. Eu sempre fui assim, em todo o lugar, apesar da primeira casa que trabalhei foi lá. Mas não pergunto nada.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Sra. Presidente, posso fazer uma pergunta?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Claro.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Quando as crianças foram fazer o registro — naturalmente, no cartório —, com a D. Guiomar, que é sua patroa, a senhora a acompanhou até ao cartório para fazer o registro das crianças?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Eu não me lembro. Quem sabe? Eu não...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - A senhora não foi até ao cartório? Ela falou: “Olha, tem que fazer o registro das crianças. Nós temos que ir até ao cartório fazer a documentação”. É algo que não dá para esquecer.

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - É.



O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - A senhora saiu da sua casa...

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Eu saí com ela, mas não lembro se eu fui ao cartório.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Hã, hã. Para fazer a documentação da criança?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - É.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - A senhora foi junto com ela?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Fui.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Ela que a levou, não é?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Foi.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Está o.k. Obrigado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - D. Maria das Dores, muito obrigada pela participação. Nós já vamos encerrar a oitiva da senhora. Nós já vamos chamar o próximo convidado.

Muito obrigada.

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - De nada. *(Pausa.)*

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Sra. Presidente, desculpe-me. Pela ordem. Eu gostaria de dizer que eu acho que essa Leia, que é irmã da Sra. Maria das Dores, também deveria comparecer aqui, mesmo porque eu acho que é uma peça importante nesse caso, porque ela trabalhava na administração com a D. Guiomar.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Teve uma senhora que fez seu depoimento como uma mãe teve que doar a filha e lembrou muito bem da senhora que levava as mulheres grávidas para o pré-natal.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Hã, hã.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - As mulheres que estavam abrigadas lá em troca de poderem dar seus filhos.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Segundo informação, essa Leia era um braço direito da D. Guiomar.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Isso. Foi também o que falou Edson Morselli, filho da D. Guiomar.



O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Então, é uma peça importante para que possamos chamar à CPI.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Muito importante. Nós vamos providenciar.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Vou entrar com requerimento para pedir a presença dela.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E nós vamos apreciar e, com certeza, aprovar.

Queria convidar o Sr. Franco Morselli. Peço ao Manoel que encaminhe o Sr. Franco Morselli, para que façamos a oitiva dele.

(Pausa prolongada.)

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Peço à D. Maria das Dores que, se puder, permaneça, porque, provavelmente, logo após as oitivas, devemos ter a manifestação do Ministério Público, do Delegado da Polícia, e de repente mais algum questionamento.

Queria também abrir a oportunidade para os dois. Se quiserem fazer alguma intervenção, que as repassem para nós, para que nós possamos aproveitar ao máximo essas oitivas que teremos aqui hoje.

Bom dia, Sr. Franco Morselli.

O SR. FRANCO MORSELLI - Bom dia.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Gostaria de passar a palavra, a princípio, para que o senhor pudesse fazer as suas considerações sobre esse caso.

O SR. FRANCO MORSELLI - Eu não sei se tenho considerações a fazer. Eu acho que o que nós fizemos foi salvar uma vida. Isso que é a coisa, porque, na realidade, essa moça foi largada na porta do orfanato, às 4 horas da manhã, embrulhada numa coisa. Foi achada pela Guiomar e por D. Leda, que era diretora do coisa. Ela estava muito doente. Ficou na nossa casa para cuidar da saúde dela. Ela estava com um problema pulmonar muito sério, certo? Provavelmente, teria falecido ou não. Eu a levei pessoalmente ao Fleury para fazer exame. Então, eu não tenho muita coisa que dizer com relação ao fato em si. O fato em si é esse. Quer



dizer, eu acho, no meu modo de entender, que eu fiz uma ação de salvar uma vida. Só isso. Fora isso, não tenho muito o que dizer.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Tá. Então, agora nós vamos passar a fazer algumas perguntas, até para orientar o senhor.

O SR. FRANCO MORSELLI - Perfeitamente, perfeitamente.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Passo a palavra ao Deputado Paulo Freire, para que ele inicie, então, com alguns questionamentos.

O SR. FRANCO MORSELLI - Pois não.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Bom dia, Sr. Franco.

O SR. FRANCO MORSELLI - Bom dia.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Eu gostaria de dizer uma coisa para o senhor: essa criança que o senhor citou, que apareceu na porta do orfanato...

O SR. FRANCO MORSELLI - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Qual é o nome dela?

O SR. FRANCO MORSELLI - Ela não tinha nome. Ela estava embrulhada num papel e não tinha nome nenhum.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Hum, hum.

O SR. FRANCO MORSELLI - Era uma criança, um bebê doente, sem nome, sem documento, sem nada. Simplesmente passou lá na porta e ficou. Agora, como a Guiomar ia para lá todos os dias às 4h30min da manhã, e como a D. Leda — hoje falecida — era diretora da creche e chegava no mesmo horário, elas a encontraram na frente do orfanato. E trouxeram para dentro. Eu não ia deixar...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Quem deu nome a essa criança de Charlotte?

O SR. FRANCO MORSELLI - Ninguém deu nome à criança. Não sei por que deu, não sei se alguém deu.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Não sabe como surgiu este nome Charlotte?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, não sei. A primeira vez que eu levei tinha outro nome, quando levei ao médico: Jaqueline, qualquer coisa assim, entende? Eu não sei como se chegou ao nome Charlotte. Não me lembro.



O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O senhor é casado com a Sra. Guiomar?

O SR. FRANCO MORSELLI - Há 54 anos.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Na época em que vocês encontraram essa criança, o senhor saberia explicar por que a D. Guiomar pediu à Sra. Maria das Dores que registrasse a criança como filha dela?

O SR. FRANCO MORSELLI - Tem um antecedente.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O senhor pode explicar?

O SR. FRANCO MORSELLI - Ela estava muito doente, então a primeira coisa que nós fizemos foi cuidar da saúde dela, certo? Nós cuidamos da saúde dela, ela melhorou, ficou conosco uns 2 meses, na minha casa, inclusive. Ficou mais 2 ou 3 meses no orfanato, certo? E depois apareceu uma pessoa querendo saber se tinha uma criança para adotar. E nós dissemos que tinha uma criança para adotar, mas tinha se que fazer os procedimentos legais junto ao juiz. Acontece que a pessoa que queria adotar uma criança tinha problema de claustrofobia, sei lá eu o quê, e era estrangeira. E ela não podia vir ao Brasil. Então, através de informações do consulado francês, ficamos sabendo que havia um meio legal de fazer uma adoção através de escritura pública na França. Então, nós pensamos: é uma criança a menos que vai ficar na rua. Vamos levar ela, então, para a França e vamos fazer a escritura pública lá na França. E assim foi feito.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Sr. Franco, quando essa criança apareceu na porta do orfanato e vocês recolheram e começaram a cuidar do problema de saúde, vocês comunicaram as autoridades do aparecimento dessa criança ou não?

O SR. FRANCO MORSELLI - Essa foi a falha, realmente. Todas as coisas que foram feitas foram comunicadas ao juiz, mas essa não foi.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O.k. A atitude de vocês registrarem essa criança com este nome, Charlotte, pedindo para que a funcionária, a secretária da casa de vocês...

O SR. FRANCO MORSELLI - A D. Maria.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - ...D. Maria das Dores registrasse em nome dela foi uma iniciativa de vocês, do casal?



O SR. FRANCO MORSELLI - Uma iniciativa nossa, para poder atender à lei francesa, que dizia que...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Quem deu essa instrução para vocês? Vocês tinham algum advogado...

O SR. FRANCO MORSELLI - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - ...alguma pessoa que...

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, teve uma pessoa do consulado francês que foi lá ver, certo? Eu recebi uma comunicação de que tinha uma pessoa da França que queria...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Qual é a sua nacionalidade?

O SR. FRANCO MORSELLI - Italiana.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O senhor é italiano.

O SR. FRANCO MORSELLI - E ele foi ao consulado francês saber se havia algum meio legal para fazer isso. E disseram: "*Tem. É só você pegar a criança, ir para a França, ir ao cartório e fazer o registro lá*". A lei francesa permite que seja adotada a criança que vem de fora, certo? Permite que seja adotada. E assim foi feito.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Deputado, perdoe-me, mas Marisa Cabral está? (Pausa.)

A senhora poderia também acompanhar o nosso Secretário, por favor?

Retorno a palavra.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Sr. Franco.

O SR. FRANCO MORSELLI - Sim.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O senhor disse que, quando as demais crianças chegaram ao orfanato, sempre comunicaram às autoridades.

O SR. FRANCO MORSELLI - As crianças disponíveis para adoção, não são todas as crianças. Quer dizer, as crianças que vinham ao orfanato, todas elas eram registradas no Juizado de Menor. E o Juizado de Menor que definia quem podia adotar, quem não podia adotar, quem estava adotado, quem não estava adotado.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Por que a Charlotte não?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não sei por quê. Não pergunte a mim; foi um erro. Agora que estou vendo que foi um erro. Mas naquela época eu não pensava...



O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Quanto tempo durou, qual foi o tempo tomado por vocês entre a chegada da Charlotte lá no orfanato e esse trâmite da adoção? Quanto tempo durou isso?

O SR. FRANCO MORSELLI - Deve ter durado uns 5 meses mais ou menos. Foram 2 meses para consertar a saúde e 3 meses para arrumar a papelada para poder viajar.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Vocês já tinham comunicação com essa entidade na França? Esse pessoal da França já havia procurado o orfanato, querendo adotar alguma criança antes disso?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, não. Quem tinha procurado o orfanato para cuidar de uma criança foi uma outra pessoa. Era uma outra pessoa, que não tinha uma criança para ela naquela época. E ela foi embora. Nós ligamos para ela para saber como era. Ela disse: *"Eu tenho, eu preciso, não sei o quê"*. Entende?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Só vou terminar aqui, Presidente. Só quero fazer uma ou duas perguntas concernentes à parte econômica. Teve algum dinheiro envolvido nisso ou não, Sr. Franco?

O SR. FRANCO MORSELLI - Deixe-me abrir a coisa aqui, porque a Polícia Federal já apurou isso. Em 1987, foi aberta uma conta em nome da Guiomar, num banco da França, de 60 mil francos. A Guiomar não sabia desse dinheiro. Esse dinheiro está parado desde 1987. Essa conta não foi mexida.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Qual foi o ano que ela foi para lá, a Guiomar?

O SR. FRANCO MORSELLI - Em 1987.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Em 1987.

O SR. FRANCO MORSELLI - Foram depositados na conta dela 60 mil francos. Esses 60 mil francos estão lá até hoje. Com o juro corrigido, segundo a Polícia Federal já disse, tem mais ou menos 1 milhão de reais. Esse dinheiro nunca foi mexido.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - E na conta do orfanato? Na conta do banco do orfanato, para essa transação, para essa doação, teve algum dinheiro, alguma despesa que eles tiveram que cobrir?



O SR. FRANCO MORSELLI - Não, não tem nada. A despesa, eles pagaram lá: a passagem de avião e a...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Quem foi para lá, além da Charlotte, da Guiomar? Foram só as duas?

O SR. FRANCO MORSELLI - A Guiomar, a Maria e as duas meninas.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - A Guiomar e a Maria. Esse outro menino, que foi também doado lá para a França, essa criança também apareceu lá na porta do orfanato?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não tenho a mínima ideia. Disso, eu não me lembro. Realmente, não lembro. Eu não sei se ele já estava lá ou se não estava.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Hã, hã.

O SR. FRANCO MORSELLI - Isso eu não sei.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Não sabe informar também se a criança já era registrada lá no Juizado de Menores, para adoção.

O SR. FRANCO MORSELLI - Não sei nenhuma informação dessa criança. Não sabia dela. Fiquei sabendo agora quando recebi a primeira visita da Charlotte.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O primeiro contato desse pessoal da França com o orfanato foi através de quem? Quem foi a pessoa que procurou vocês?

O SR. FRANCO MORSELLI - Era uma amiga nossa.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Era uma amiga de vocês.

O SR. FRANCO MORSELLI - Era uma amiga...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Que morava na França?

O SR. FRANCO MORSELLI - Que morava na França.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O senhor pode dizer o nome dela aqui?

O SR. FRANCO MORSELLI - Eu nem sei quem é mais.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Ah!! Não sabe quem é mais. Esqueceu do nome?

O SR. FRANCO MORSELLI - Faz 27 anos.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Esqueceu o nome, não é? Entendi.

O SR. FRANCO MORSELLI - Entendeu, mas foi...



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Eu gostaria de complementar algumas perguntas. Esse procedimento de pedir que alguém registrasse o bebê para viajar para o exterior era comum na casa?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, não. Foi a única vez que foi feito.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Só essa vez?

O SR. FRANCO MORSELLI - E me arrependo amargamente de ter feito.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor viajou muitas vezes ao exterior?

O SR. FRANCO MORSELLI - Eu viajei muito para a Itália, mas para visitar meus parentes, minha mãe e minha tia.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Muitas vezes o senhor esteve na Itália?

O SR. FRANCO MORSELLI - A cada 2 anos eu ia para a Itália. A última vez foi pela morte de minha mãe.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O pagamento das passagens e da hospedagem das pessoas que foram levar as crianças foi feito?

O SR. FRANCO MORSELLI - Foi feito na França, quando chegaram lá.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E eles mandaram as passagens para vocês já...

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, não, não. Pagaram as passagens lá. Eu comprei as passagens aqui e eles reembolsaram lá.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Reembolsaram como? Em dinheiro?

O SR. FRANCO MORSELLI - Em dinheiro.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ou colocaram nessa conta?

O SR. FRANCO MORSELLI - Em dinheiro. Não, em dinheiro.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E lá o senhor recebeu um pouco de dinheiro também. Quanto o senhor recebeu deles?

O SR. FRANCO MORSELLI - Eu não me lembro. Eu não estava lá. Eu não posso dizer para a senhora quanto...



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas foi o senhor que comprou as passagens?

O SR. FRANCO MORSELLI - Fui eu que comprei as passagens, mas eu não me lembro.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor que comprou. E o reembolso foi feito para a D. Guiomar, não é?

O SR. FRANCO MORSELLI - Foi feito para a D. Guiomar.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Então eles passaram o dinheiro para a D. Guiomar lá?

O SR. FRANCO MORSELLI - Para pagar as passagens e a estadia dos dias que eles ficaram.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Qual foi o valor disso?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não tenho a mínima ideia. Eu não me lembro. Eu não cobrei, não fiz prestação de conta dessas coisas.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Sra. Presidenta, o Sr. Franco disse que não sabia da outra criança, mas se foi ele que comprou as passagens, como é que ele não sabia?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, eu comprei as passagens para as duas.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - E as crianças?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E as crianças não...

O SR. FRANCO MORSELLI - As crianças vão junto de, vão junto com o *(ininteligível)*.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Não, mas tem que ter passagem também.

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, não tinha passagem. Antigamente, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas o senhor sabia que o Rafael tinha ido junto não é? O senhor só não sabia a origem dele. O senhor fala que não sabe...

O SR. FRANCO MORSELLI - Eu não sabia a origem, mas eu sabia que...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas por quê? O senhor trabalhava na casa, no abrigo?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Não. Mas o senhor acompanhava essa movimentação, nesse caso o senhor ajudou...

O SR. FRANCO MORSELLI - É, eu era do Conselho Fiscal. Eu olhava as contas — se estavam em dia, se a prestação de contas estava em dia, essas coisas todas.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Na época, o senhor procurou a criança que chegou sem nome na porta da entidade? O senhor procurou o Juizado?

O SR. FRANCO MORSELLI - Todas as vezes que chegava criança sem nome ou largada no orfanato, sempre foi procurado o Juizado. Sempre!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E nesse caso o senhor não procurou?

O SR. FRANCO MORSELLI - Nesse caso específico, eu não sei por quê. Eu acho que por causa da doença.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E esse casal, esse pessoal que apareceu para levar a criança? Vocês entraram em contato com eles?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Eles iam sempre lá?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, não, não, não, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Como é que eles ficaram conhecendo vocês? Como é que eles sabiam? Como é que eles chegaram até a entidade? Esse pessoal lá da...

O SR. FRANCO MORSELLI - Que pessoal?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O pessoal que intermediou, que ofereceu para o senhor a família lá na França, que...

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, a que intermediou era uma amiga nossa que morava na França. Não tem nada disso! Ela me ligava...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Então ela era amiga de vocês? E ela sabia...

O SR. FRANCO MORSELLI - Ela me ligava sempre perguntando se tinha criança para adotar.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Então tinha sempre essa procura? O senhor tinha essa procura frequente através desse casal que é amigo de vocês. Como é que é o nome desse casal amigo de vocês?

O SR. FRANCO MORSELLI - Eu não sei. Eu não me lembro mais.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas não é mais amigo?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, era. Eu não sei nem se está viva.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. FRANCO MORSELLI - Hein?

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

O SR. FRANCO MORSELLI - Daniela Stive? Quem é Daniela Stive?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas o senhor não lembra mais? Eram amigos e o senhor não lembra mais o nome deles?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, era uma moça, era uma senhora amiga da minha mulher, que, quando vinha ao Brasil, vinha nos visitar.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Isso.

O SR. FRANCO MORSELLI - E ela morava na França. Hoje eu nem sei nem se ela mora mais lá.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas nem o nome dela o senhor lembra?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, eu não lembro.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Foi amiga tantos anos e vinha visitar...

O SR. FRANCO MORSELLI - Meritíssima, a senhora me desculpe, mas, com os 82 anos que eu tenho, eu não consigo lembrar, 27 anos atrás, qual era o nome de uma pessoa que era amiga. Eu não me lembro nem quem sou eu!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E tem muito tempo que o senhor não vê mais essa senhora da França?

O SR. FRANCO MORSELLI - Nunca mais vi!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! sim.

O SR. FRANCO MORSELLI - Nunca mais vi! Eu não...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Então, foi ela que procurou a criança?



O SR. FRANCO MORSELLI - Dessa vez... Não, não!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Nessa época, o senhor tinha essa criança e deu certo?

O SR. FRANCO MORSELLI - Eu falei para ela que tinha essa criança e ela pediu para ir ao Consulado Francês para ver se tinha algum meio legal para fazer. Eu fui ao Consulado Francês. O Consulado Francês, que era no Edifício Nacional, na Paulista, disse-me o seguinte: *“Ter, tem. É só você pegar a criança e levar para lá. Vai ao cartório e avisa que a criança foi para a adoção”*. E...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Foi ela que reembolsou o senhor ou foi a família?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, foi a família.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Foi a família. Ela não ajudou com nada?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ela só mesmo indicou a família para o senhor?

O SR. FRANCO MORSELLI - Que devia ser amiga dela.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - É. Agora, dentro da entidade, o senhor falou que as outras todas foram encaminhadas para o Juizado. O senhor tem toda a documentação do encaminhamento, do acompanhamento...

O SR. FRANCO MORSELLI - Está tudo arquivado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - ... de adoção de outras crianças? Quantas crianças o senhor acha que foram, através da entidade, encaminhadas para a adoção?

O SR. FRANCO MORSELLI - Olha...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Que tiveram o procedimento...

O SR. FRANCO MORSELLI - Eu não tenho uma ideia certa, mas devem ter sido umas 25 mais ou menos.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Depois que o senhor percebeu que ela foi, que deu tudo certo, que foi tudo reembolsado e que ela foi



colocada em outra família, vocês não tiveram, assim, vontade de encaminhar outras crianças?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, porque, na realidade...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Vocês não quiseram mais fazer isso?

O SR. FRANCO MORSELLI - Na realidade, o que eu acho... Não sei se era errado. Está certo? Não está certo!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! então o senhor tem consciência de que...

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, não está certo. Então, já foram muitas adoções depois dessa. E todas elas foram feitas através de juiz.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor já responde a algum processo de investigação?

O SR. FRANCO MORSELLI - Graças a Deus, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Nunca respondeu. O senhor conhece a Dona Marisa Bueno Cabral?

O SR. FRANCO MORSELLI - Conheço.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Conhece?

O SR. FRANCO MORSELLI - Conheço.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E o que ela é?

O SR. FRANCO MORSELLI - A Dona Marisa ajudava a creche, e o marido dela fazia feijoada para a creche.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah!!

O SR. FRANCO MORSELLI - Eu fazia evento de feijoada, e o marido da Dona Marisa é um cozinheiro de mão cheia.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah!!

O SR. FRANCO MORSELLI - E ele inclusive forneceu o fogão que está na creche até hoje, e...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E eles sabiam dessa história? Eles acompanharam esse processo?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não. Acho que não. Acho que não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Eles não sabiam de nada.



O SR. FRANCO MORSELLI - Eu acho que não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O.k.

O SR. FRANCO MORSELLI - Pelo menos eu acho. Não sei.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E a questão do nome da Charlotte? Até o Deputado Paulo Freire já perguntou um pouco, mas há informações, inclusive resultado de exame, em que ela se apresentava com o nome de Isabela, e, depois, Charlotte. Esse nome de Isabela foi o nome que foi registrado?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, não, não. Esse nome de Isabela, eu acho... Eu não vou dizer pra senhora que é, porque não sei. Eu não me lembro. Mas eu acho que foi usado quando ela foi ao médico. Como era necessário dar um nome, foi dado o nome de Isabela.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Foi o nome... Mas quem deu esse nome? Foi o senhor que escolheu esse nome?

O SR. FRANCO MORSELLI - Fui eu que dei. Fui eu que dei, quando foi na primeira vez no Fleury.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah!!

O SR. FRANCO MORSELLI - Quando ela foi no Fleury, eu dei para ela o nome de Isabela

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E em relação à data de nascimento dela? Também existem umas três datas possíveis. O senhor fala que ela ficou vários meses, mas ela...

O SR. FRANCO MORSELLI - Pelo que eu tenho... Pelo que eu sei, pelo que eu vi, ela estava de julho... Em julho. Em julho... É, no mês de julho que ela foi lá na creche. No mês de junho ou no mês de julho.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E ela já foi registrada imediatamente, ou demorou algum tempo?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, não, não! Não, ela não foi registrada. Ela só foi registrada quando fez a adoção.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Quanto tempo ela tinha?

O SR. FRANCO MORSELLI - Logo que foi feito o atestado de nascimento.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Quanto tempo ela tinha quando...

O SR. FRANCO MORSELLI - Acho que uns 5 ou 6 meses.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Tinham passado 6 meses quando ela...

O SR. FRANCO MORSELLI - Mais ou menos

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - ... fez o registro com a data do dia?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, com a data do dia que ela nasceu.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí fizeram com data retroativa ao dia que ela nasceu, já com a idade dela. O Dr. Gilberto Pucci, o senhor conhece?

O SR. FRANCO MORSELLI - Conheço. É o médico que cuidou dela.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Cuidou dela e cuida das crianças até hoje?

O SR. FRANCO MORSELLI - Hoje, não. Hoje ele está aposentado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ele ficou lá até quando?

O SR. FRANCO MORSELLI - Ficou até 1985/86...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Já faz muito tempo, mas dele o senhor se lembra bem, não é?

O SR. FRANCO MORSELLI - É, ele cuidou das crianças durante uns 20 anos.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Sim.

O SR. FRANCO MORSELLI - E ele era médico do Sabará...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah!!

O SR. FRANCO MORSELLI - ...e todas as crianças da creche com problema muito sério ele internava no Sabará.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E o que a Isabela, a Charlotte, tinha na época? O senhor lembra?

O SR. FRANCO MORSELLI - Problema de pulmão.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Pulmão.



O SR. FRANCO MORSELLI - Eu não sei exatamente o quê, mas tinha um problema de pulmão.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E o Rafael tinha algum problema de saúde?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não sei. Não sei. Não me lembro, porque eu não vi o Rafael. Eu não levei o Rafael para o médico. Não sei de nada, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O médico ia na entidade, ou vocês que levavam ao médico?

O SR. FRANCO MORSELLI - Nós levávamos no consultório dele.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Levavam no consultório dele.

O SR. FRANCO MORSELLI - De meia dúzia em meia dúzia. Ele chegava no fim do expediente, às 10 horas da noite, parava e dava consulta para os meninos da creche.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Provavelmente ele se lembra do Rafael, não é?

O SR. FRANCO MORSELLI - Provavelmente ele lembra.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Provavelmente ele deve ter informações sobre o Rafael.

O SR. FRANCO MORSELLI - Eu não sei onde ele está mais, porque não está mais no consultório dele; ele não está mais. Não achei o nome dele em lugar nenhum. Eu bem que gostaria de pelo menos dar um abraço nele, alguma coisa assim nesse sentido.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor tem filhos?

O SR. FRANCO MORSELLI - Eu tenho três adotivos e dois normais.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Qual a nacionalidade do senhor?

O SR. FRANCO MORSELLI - Italiana.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor é italiano? E o senhor adotou alguma criança?

O SR. FRANCO MORSELLI - Adotei. Adotei...



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor tem quantos? Dois adotados?

O SR. FRANCO MORSELLI - Dois adotivos.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Dois adotivos, não é?

O SR. FRANCO MORSELLI - É. Um surdo, que foi surdo, e outro com os pés virados para dentro. Já operei, já está tudo certo. Já estão vivendo a vida normal. E o com deficiência auditiva ainda usa o aparelho.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor chegou a trabalhar no lar? O senhor só ajuda por fora?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não. Eu ajudava, eu fazia as festas, fazia...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Qual a profissão do senhor mesmo?

O SR. FRANCO MORSELLI - Eu sou industrial de... peças plásticas.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Produz peças plásticas. O senhor morava ou mora onde?

O SR. FRANCO MORSELLI - Eu morei na Arapanés, lá em Moema, durante 25 anos. E agora estou morando no Planalto Paulista, na Rua dos Guaxinins, 317.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah!!

O SR. FRANCO MORSELLI - Faz mais ou menos 15 anos que eu estou morando lá.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mais alguma pergunta, Deputado?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Sim, Excelência, se me permitir.

Sr. Franco, o senhor disse que usava o nome Isabela para a criança, quando foi levar ao médico, o nome que o senhor colocou.

O SR. FRANCO MORSELLI - Eu vou dizer para o senhor: não sei, pode ser. Se fui lá no Fleury e eu falei que era Isabela, provavelmente foi o nome que eu pus na hora para poder preencher a ficha.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O senhor usou o seu sobrenome?

O SR. FRANCO MORSELLI - Usei o meu sobrenome.



O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Usou o seu sobrenome. Deixe-me fazer uma pergunta para o senhor: o senhor conhece ou se lembra também de dois menores chamados Julian e Charles?

O SR. FRANCO MORSELLI - Julian e Charles?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Julian e Charles. O senhor afirmou aqui agora, no seu depoimento, que o senhor admite que a adoção da Charlotte foi um erro, que vocês fizeram de uma maneira equivocada e errada, e admite que vocês cometeram alguns erros nesta adoção, não é isso?

O SR. FRANCO MORSELLI - Sim, quer dizer, na realidade, eu não sei se cometemos erro, porque a adoção foi legal na França, não aqui. Então, na realidade, eu não sei se eu cometi um erro. Eu sei que uma criança que estava sujeita a ficar na rua ou morrer de doença arrumou uma família para poder sobreviver, estudar e crescer. Isso, eu sei. Agora, se eu errei nisso aí, então, na próxima vez que acontecer — não vai mais acontecer; pela minha idade, não vai mais —, eu vou largar para morrer. *(Palmas.)*

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Muito bem. O senhor disse que depois disso...

O SR. FRANCO MORSELLI - Perdão. Você aplaudiu para mim?

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTÓRIA COHEN TENOUD JI - Sim, porque você falou que, da próxima vez, você vai deixar a criança morrer!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Por favor, Charlotte, eu gostaria que a palavra fosse franqueada à oitiva e que você contivesse as suas manifestações.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Sr. Franco, eu estou conversando com o senhor aqui. A manifestação do público não interessa para o senhor nem para mim.

O SR. FRANCO MORSELLI - Interessa a manifestação dela, porque ela devia dar graças a Deus por estar viva e ela fica aplaudindo coisas... Bom, deixa para lá.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Sr. Franco, o senhor disse que, depois disso, vocês não fizeram mais nenhuma adoção desse tipo, não é?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, graças a Deus, não.



O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Consta aqui nos nossos documentos que essas duas crianças também foram adotadas para a França através desse orfanato, também com registro falso, também com nomes fictícios. Isso, em 92: Julian e Charles.

O SR. FRANCO MORSELLI - Em 92?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Em 92. O senhor não sabe sobre isso? Então, a Dona Guiomar provavelmente vai saber nos responder sobre essas outras duas crianças que foram levadas também para a França através desse orfanato. O senhor não sabe? O senhor não se lembra disso?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, não me lembro disso, não.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Dessa doação, o senhor não participou? Não teve nenhuma participação?

O SR. FRANCO MORSELLI - Nenhuma.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Não teve nenhuma participação nessa doação?

O SR. FRANCO MORSELLI - Eu não me lembro. Eu não sei. São dois nomes, para mim, totalmente estranhos.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O senhor não se ofenda, mas nós estamos gravando aqui e, por isso, estamos insistindo em alguma resposta, para que fique gravado.

O SR. FRANCO MORSELLI - Tudo bem.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Eu vou lhe fazer uma pergunta e, mais uma vez, digo para não se ofender, pois é a nossa obrigação: vocês receberam aqui no Brasil, antes de a Charlotte ir para a França, algum dinheiro dessa sua amiga ou de alguém que estava adotando lá na França? Vocês receberam algum dinheiro?

O SR. FRANCO MORSELLI - Nós ou o orfanato?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O orfanato ou vocês.

O SR. FRANCO MORSELLI - Espere, são duas coisas diferentes: o orfanato é uma instituição...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Então, responda quanto a vocês primeiro. O senhor recebeu algum dinheiro?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, nunca recebi um tostão.



O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - A Sra. Guiomar também não recebeu?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - E o orfanato recebeu?

O SR. FRANCO MORSELLI - O orfanato recebeu doações de pessoas, na conta do orfanato, para ajudar o orfanato, o que acho que é natural.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - É natural, é claro. Doação é doação.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - De pessoas da França?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Esse pessoal da França que adotou foi o que doou?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, tem várias pessoas que muitas vezes não têm nada a ver com a adoção.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas algumas vezes tem a ver com a adoção? Algumas vezes são pessoas que ficam agradecidas?

O SR. FRANCO MORSELLI - Sim, que mandam uma lembrancinha no fim do ano com a fotografia do menino.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Esse pessoal que adotou tanto a Charlotte como o Rafael já fez alguma doação?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E a amiga de que o senhor não lembra o nome?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, também não. Pode ser que ela tenha feito, mas eu acho que não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor não lembra?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, não lembro, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! o senhor não lembra, não é?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, eu não lembro, não.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Bom, o senhor não vai lembrar se esses Julian e Charles também foram feitos através...

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, esse...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - ...dessa sua amiga...

O SR. FRANCO MORSELLI - Esse...



O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - ... da França?

O SR. FRANCO MORSELLI - Esse que eu não sei quem é. O senhor está me pegando de surpresa.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - É?

O SR. FRANCO MORSELLI - Porque, sobre Julian e Charles, eu não tenho a mínima ideia, eu não tenho a mínima ideia.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Clemente Cohen, esse nome o senhor lembra? Clemente Cohen?

O SR. FRANCO MORSELLI - Cohen?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Também não?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Florence Passieri.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Florence...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Passieri.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - ...Passieri? Também não.

O SR. FRANCO MORSELLI - Quem são esses?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Esses nomes, não? São as pessoas que adotaram...

O SR. FRANCO MORSELLI - Ah! sim.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - ...essas crianças. O senhor não se lembra delas?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Eles não foram doadores também?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não sei.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor...

O SR. FRANCO MORSELLI - Pode ser.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor não sabe, não é?

O SR. FRANCO MORSELLI - Pode ser. É.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor tem o registro dos doadores?

O SR. FRANCO MORSELLI - Está tudo no livro caixa do lar, mas não está nominalmente, está: "*doação da França*", tanto.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Com quanto o senhor imagina que a França já ajudou essa entidade?

O SR. FRANCO MORSELLI - Não sei dizer para a senhora, não, porque as doações são esporádicas, entende? Alguém se lembra *“Ah! vamos mandar uma doação pro lar”*, e eles mandam mil francos, que, na época, eu não sei quanto dava, e entra na conta, e aquilo entra no rolo todo, porque são... Meu custo do lar era 650 mil reais por mês. Então, é tudo feito na base de doação.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Então, movimentava muito dinheiro, não é?

O SR. FRANCO MORSELLI - É, movimentava...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Vocês recebiam bastante doação. Eram 650 mil reais por mês!

O SR. FRANCO MORSELLI - Por mês.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Então, é muita doação.

O SR. FRANCO MORSELLI - Para a senhora ter uma ideia, eu tenho um *telemarketing* para fazer a arrecadação. Para senhora ter uma ideia, eu tinha 40 empregados.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Quantas crianças?

O SR. FRANCO MORSELLI - Duzentas e cinquenta. E 40 empregados custam caro. Além da enfermeira, além do médico, além do supervisor, além da gerente da Casa. Quer dizer, é pesado. A gente tinha muitas doações.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor quer fazer mais alguma...

O SR. FRANCO MORSELLI - Não, eu não quero.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor encerra?

O SR. FRANCO MORSELLI - A única coisa com que eu estou aborrecido — estou realmente aborrecido — é a má vontade da Charlotte. A Charlotte acha que eu estou escondendo o nome dos pais dela, e eu não conheço os nomes dos pais dela, e eu não tenho como dar essa informação para ela. E ela acha que eu estou escondendo. Então, o que me deixa chateado é que a gente faz o bem e recebe, em troca, a opinião da Charlotte. Era só o que eu queria dizer.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Sra. Presidente, eu gostaria de fazer aqui algumas considerações...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Claro.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - ... concernentes ao depoente, que acaba de dizer o seguinte... Eu chego a uma conclusão, Sra. Presidente, a partir do que nós ouvimos aqui: salvar vidas é importante, e nós devemos fazer tudo e qualquer esforço para salvar vidas, mas salvar vidas burlando a lei, com documentação falsa, pressionando um funcionário ou uma funcionária sua, uma pessoa simples, uma pessoa que pouco sabe ler, aproveitar-se de uma pessoa dessas, para colocá-la como mãe da criança, para poder fazer tráfico de pessoas para um outro país... A preocupação dessa entidade, Sra. Presidente, era que a criança ficasse legalizada lá na França, e isso ficou muito patente, ficou muito claro. Mas e aqui no Brasil? Por que não aqui no Brasil? Por que não pelas vias legais? A criança apareceu lá na porta do orfanato. Era obrigação — era obrigação! — dos administradores desse orfanato fazer cientes as autoridades de que essa criança apareceu lá. Fica a dúvida, Sra. Presidente: por que as demais crianças que entraram nesse orfanato, também nas mesmas condições de amanhã ou depois serem doadas, foram registradas? E por que, em particular, a Charlotte ou Isabela ou sei lá qual é o nome dessa criatura, por que essa criança, em particular, não foi notificado às autoridades que esta criança apareceu na porta do orfanato? Por que essa doação, Sra. Presidente — fica aqui essa dúvida — foi feita em um tempo tão recorde? Em 5 meses já foi feita a doação.

Isso parece ser, e fica cada vez mais patente que nós deveríamos continuar nesta investigação, chamar outras pessoas envolvidas neste caso, ir mais a fundo nesta investigação, Sra. Presidente, porque os indícios é de tráfico de pessoas. Isso é indício de tráfico de pessoas. E nós temos mais outras crianças (*palmas*) aqui que também passaram pelo mesmo processo e que também necessário se faz ser investigado.

Então, Sra. Presidente, eu quero entrar com alguns requerimentos nesta CPI, convocando outras pessoas para serem ouvidas e levantar também essas duas crianças que também foram doadas por essa instituição. Esse caso, nós temos que



ir a fundo, porque eu tenho certeza absoluta de que muito dinheiro rolou nessa história, e nós vamos descobrir.

Muito obrigado, Sra. Presidente.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Eu passo o microfone para que o senhor faça mais uma manifestação.

O SR. FRANCO MORSELLI - Desculpe, Deputada, mas não houve tráfico de crianças, porque, se houvesse tráfico de criança, o dinheiro que está parado na França há 27 anos não estaria parado lá. Desculpe.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Sr. Franco, é o seguinte: eu estou dizendo que há indícios de tráfico de crianças, e tudo demonstra isso. Tudo demonstra isso, mas nós vamos investigar.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Eu queria registrar a presença... Eu queria pedir aos presentes que pudessem conter suas manifestações. Eu queria cumprimentar e registrar a presença da Ivanise Esperidião da Silva, que é uma referência na luta em busca dos desaparecidos e que está aqui presente, das Mães da Sé. Então, sejam bem-vindas.

Eu queria já chamar a D. Guiomar. Antes da D. Guiomar, eu gostaria de ouvir o senhor... Vamos chamar a D. Guiomar primeiro. *(Pausa.)*

Boa tarde, Dona Guiomar.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Boa tarde.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Nós estamos aqui hoje, em nome da CPI, para ouvi-la sobre o caso da Charlotte. Então, eu queria abrir para que a senhora pudesse fazer aí algumas declarações sobre esse caso.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Sem dúvida.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Pode falar, D. Guiomar.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, eu gostaria realmente de que fossem esclarecidas certas coisas...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora podia colocar o microfone bem direcionado?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - ... a meu respeito, porque, na realidade, é um caso que na ocasião existia escritura pública, como todo mundo que está aqui tem conhecimento disso. Agora, na realidade, o caso da Charlotte é um caso que



foi... Devido ao Lar da Criança ser uma instituição, ela é logicamente... Principalmente em Santana, todo mundo conhece. Quando eu cheguei, eu tinha uma pessoa à noite que trabalhava. Ela chamava Leda, que faleceu. Ela ficava até quatro e meia da manhã, e eu chegava todo dia quatro e meia da manhã. Ao eu chegar com o carro, para entrar com o carro dentro do Lar, eu encontrei um pacote no portão grande. Bom, eu desci do carro, porque automaticamente eu tinha que abrir o cadeado para poder abrir o portão. Quando eu desci, eu senti que tinha algo se mexendo. Eu chamei a Leda para vir me ajudar a ver o que era aquilo. Para mim era um gatinho, se mexia muito pouquinho. E ela veio e disse: *“Ah! Guiomar, pelo amor de Deus, é uma criança!”*. Eu falei: *“Então você corre lá dentro, pega um edredonzinho e vamos levar essa criança ao pronto-socorro”*. Ela estava super-roxinha, era muito bebezinha, e tudo foi feito adequadamente. Levei para minha casa, que era para onde eu levava as crianças doentes. Doentes, assim, graves. Eu tinha cinco crianças graves. Bom, aí o caso dela, automaticamente, eu chamei um pediatra, que chama-se Gilberto Pucci, para fazer uma avaliação do que ela tinha e do que ela precisava. Foi feito. Aí, cuidamos dela. Porque na minha casa nós montamos um tipo de uma pequena UTI, que não caberia fazer isso lá dentro do Lar, entendeu? Tinha oxigênio, tinha tudo que uma criança precisava, que nem o Hugo que sofria do fígado. Ele já nasceu com aquela hepatite fatal e acabou morrendo com dois anos e meio. A gente tinha tudo o que você possa imaginar, graças a esse pediatra. Aí, o que aconteceu? O tempo foi passando, a Charlotte fez vários exames, onde foi realmente constatado que ela tinha uma infecção pulmonar devido logicamente à friagem que ela pegou. Aí, tratamos, tratamos. Nós tivemos uma pessoa — que realmente ela era do Consulado francês —, e o que aconteceu? Essa pessoa... Não precisa chacoalhar a cabeça, porque eu estou falando a verdade.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Morais) - Por favor, Charlotte, eu gostaria que você contivesse suas manifestações. Qualquer coisa que você queira questionar, por favor, anote para nós.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Na realidade, essa pessoa me procurou, dizendo que havia uma pessoa que estava procurando uma criança para adoção. Tinha uma pessoa procurando uma criança para adoção, só que ela não tinha,



assim, preconceito com criança; fosse o que fosse, estava bom. Aí, automaticamente a gente informou. Eu tinha cinco crianças, para dizer a verdade, mas só que três eu tive que acabar adotando, porque realmente eram rejeitadas por todo mundo. Aí a Charlotte... Pela informação dessa pessoa do Consulado, a gente informou que tinha duas crianças com a possibilidade de adoção, dependendo se aceitassem ou não. E como existia escritura pública, que facilitava automaticamente — porque hoje não existe mais, mas naquela época existia —, aí nós fizemos. Ela informou que existiam essas duas crianças e ela escolheu a menina. Ela escolheu a menina. Aí, fui até novamente o Consulado, solicitei como é que se fazia a papelada, e a gente fez através da informação que tivemos, corretamente, direitinho. Agora, na realidade, eu não tenho conhecimento nenhum, nenhum, nenhum de familiar dela. O que eu fiz, não sei se está certo, se está errado... Quer dizer, na época, porque hoje eu sei que está errado. Eu digo o seguinte para a senhora: eu, na minha cabeça, do que eu fiz, não fiz nada de errado. Agora, fica a conceito da lei de decidir realmente o que tem que ser decidido, porque quando a senhora faz algo que nem eu fiz durante 50 anos... Meu sogro doou 10 casas para construir aquele prédio — que eu não sei se alguém que está aqui conhece, é uma entidade que, dentro do Brasil, não existe, só ela. Foi tudo feito em apartamento, tipo apartamento. Está aí para ver, sendo que hoje não é mais orfanato, entendeu? Porque há questão de uns 4 ou 5 anos atrás, veio uma lei de Brasília de que não poderia existir mais orfanato com mais de 25 crianças. Está aí, tem pessoas da lei aqui que sabem disso. Então, o que acontece? Eu tive que modificar tudo. Como eu não tinha condições de trabalhar naquela casa com 25 crianças, porque era uma casa que comportava 320 crianças... E nós trabalhávamos muito com família. Família era o mais velho e vai descendo, três, quatro, cinco irmãos, no máximo cinco. Então, o meu trabalho era esse. Na realidade, eu quero que você saiba que eu trabalhei, doe-me, dei. Hoje, eu tenho 78 anos. Não me interessa, absolutamente, nada do meu trabalho, porque eu fiz com amor. E segui o que o meu sogro também desejava. Se ele fez isso, para construir isso, eu dei continuidade. Agora, se eu erreí, estamos aí para responder. De todo coração, eu digo a você que dei a minha vida! Não foi um dia, nem dois. Fui dona de casa, família e me doando naquele lar. Formei todos os adolescentes, quase todos — logicamente, existe aquele que não tem condições, não tem condições —, mas



todos aqueles que cabiam e que tiveram condições de estudar. Depois, fizemos núcleos para as crianças que já não podiam mais ficar no lar por causa da idade. Aos irmãos, nós montamos uma casa e colocamo-los lá; o mais velho já com a possibilidade de dar continuidade, com a ajuda daqueles que já os conheciam. Isso foi o meu trabalho, bem. Fiz e digo para você com sinceridade, com muita sinceridade: não me arrependo, absolutamente, de nada que fiz. Tudo o que eu fiz foi para ajudar, foi para fazer e nada para prejudicar. Se prejudiquei, não foi de propósito, tampouco planejado. Por isso estou aqui de corpo e alma. Dos meus adotivos, nenhum me dá trabalho, nenhum. Ninguém conhece os pais. Não existem. Da maneira como deixam a criança, não há como você provar o contrário. Agora, vamos citar o caso da Charlotte. Logicamente, conversando com a Maria, mediante a conversa que eu tive com a moça do Consulado, eu falei: *“Maria, este caso é um caso que, para a gente poder fazer, teria que fazer uma certidão de nascimento. Será que seria possível nós fazermos isso?”* Aí ela me disse: *“Olha, não sei se uma mãe solteira pode fazer”*. Automaticamente, eu pedi opinião a várias pessoas. Havia a possibilidade de uma mãe solteira poder ter um filho. Só que ela era um caso de não ser a mãe verdadeira. Aí eu consultei também um advogado. E isso existia. Não foi feito com intenção nenhuma, nem com condições de nada. Se estão citando que, realmente, eu ganhei alguma coisa em cima disso, eu exijo e peço a vocês que estão aqui presentes que têm a capacidade de me ajudar neste sentido... E eu vou agradecer. E vou morrer agradecendo. Por quê? Porque eu não preciso disso. Eu quero morrer da maneira que Deus me fez. Fiz o meu trabalho. Salvei mais de 6 mil crianças. Estão todas as Varas de Menores aqui em São Paulo para vocês consultarem. Todas! Então, eu acho o seguinte, na minha opinião: se isso está errado, eu quero que vocês realmente apontem, falem e digam para mim, na pergunta que vocês vão me fazer... Realmente, eu não tenho consciência pesada. Obrigada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputado Flávia Moraes) - D. Guiomar, agora, nós vamos passar para a segunda fase da oitiva, em que faremos algumas perguntas. Eu queria alguns dados pessoais da senhora. Qual é a profissão da senhora? Pode falar no microfone, por favor.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Do lar.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Do lar. A senhora trabalha no Lar da Criança ainda hoje?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora trabalhou em que período?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Bem, é o seguinte: depois que saiu essa lei que acabei de apresentar para vocês, não havia possibilidade de eu continuar trabalhando com a finalidade de orfanato, por causa da construção, que realmente é muito grande.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Transformou em quê?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Com 25 crianças é impossível. Bom, aí eu pedi um conselho para ver como é que eu poderia agir, e, na realidade, a única forma que eu poderia agir seria com creche. Só que creche, você tem que ser ligada à Prefeitura. Automaticamente você é ligado. Mas, de qualquer maneira, como trabalhar com creche há uma possibilidade de trabalhar com bastante criança, eu resolvi fazer o convênio. Fiz o convênio com a Prefeitura, e, na realidade, já está fazendo mais ou menos uns 2 a 3 anos, por aí, que já está totalmente...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Regularizada como creche.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Isso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E as crianças não dormem lá, então?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não, agora não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Só de dia?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Agora é só creche.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E as crianças que não têm pai e mãe?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ah! não, não...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Não tem mais?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, aquelas o juiz retirou. Elas vão ficar na rua pedindo esmola, viu, bem! Essa é a verdade.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí foram todas retiradas.



A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Aí foram todas retiradas, porque realmente eu passei a...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Até que ano funcionou como casa lar? A senhora transformou em creche, que a senhora falou, em que ano? A senhora sabe?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Já deve estar fazendo quase 3 anos.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Foi lá para 2010, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Isso. Foi após essa mudança de lei que houve de orfanato.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Qual era a função da senhora lá na entidade antes?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu era presidente. Eu fiz o prédio. Eu, não, o meu sogro, porque eu não tenho nada nem quero ter. O meu sogro, ele e o Maurício (*ininteligível*), que é um arquiteto dentro de São Paulo, que também faleceu, eles queriam fazer esse prédio, e fizeram. Só que já tá passado, eu já passei...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E a senhora trabalhou esse tempo todo... A senhora não fez o prédio, a senhora participou... Mas a senhora fazia o que na administração?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, o prédio era nosso, era da minha família.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O que a senhora fazia na administração?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu era presidente.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Presidente da entidade.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Do orfanato.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Do orfanato.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Isso. Porque na creche, na realidade, agora você sabe, quem comanda é a Prefeitura.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí, a senhora não trabalha lá mais?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não. Nem quero.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas, na época, a senhora era presidente da entidade.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu até poderia ficar, se eu quisesse, porque a Prefeitura necessita de uma instituição para dar continuidade ao trabalho dela e paga os professores, os auxiliares de professores e o material didático também. É ela que dá, porque é muita coisa, porque lá tem agora, se não me engano, duzentas e poucas crianças e cabem.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora recebe da Prefeitura aluguel do prédio?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, nada, nada, nada. Foi tudo passado. Foi tudo passado para a Prefeitura.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A Prefeitura mantém, hoje, a unidade?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ela mantém aquela parte que eu disse, que são os professores...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E tem uma outra parte que vocês que mantêm?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Que seria a entidade.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Que a entidade mantém.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - E ela já deve ter uma entidade que está fazendo esse trabalho.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Não é a entidade da senhora?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Essa entidade da senhora não existe mais ou existe ainda?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, querida, não existe mais.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Não existe mais.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Nem tem condições, porque o prédio é muito grande, e não há possibilidades.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah!! Antes as crianças chegavam na instituição como? Antes de ser creche, como elas chegavam?



A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Pela Vara de menor.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E algumas vezes...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - São Paulo inteiro.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E algumas vezes assim como foi Charlotte.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Às vezes acontecia.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Era muito frequente?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Muito frequente.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Então, muitas crianças chegavam lá sem ser pelo juizado. Muitas vezes elas eram deixadas lá?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - É, mas deixadas dessa forma que eu estou falando, não lá dentro. Deixavam ou numa porta da entrada principal, ou então do lado da Brás Leme. Se vocês querem conhecer agora com a Prefeitura, vocês podem ir lá — Rua Comendador Joaquim Monteiro nº 45.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Pois é, mas aí as crianças eram deixadas lá de várias formas, às vezes não pela Vara. Normalmente pela Vara, mas várias vezes eram...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Mas muito pouco, muito pouco.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E essas crianças que chegavam assim, como elas eram encaminhadas?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ora, dependendo da situação da criança, que nem o Huguinho, por exemplo, não tinha condições de adoção, porque ele nasceu com problemas de fígado e faleceu com 2 anos e meio. Então, ele não tinha condição de maneira nenhuma. Aí, eu coloquei ele numa Vara de menor, se não me engano, da Zona Leste.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Então, como ele não tinha condições de adoção, porque ele era doente, a senhora colocou ele na Vara. Agora, aqueles que tinham condições de adoção...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não. Olha, filha, criança que eu fiz...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Fale ao microfone.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - O que está errado (*riso*) é o caso da Charlotte e um outro garotinho aqui também. Só.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - É o Raphael?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - O Raphael.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O Raphael também chegou lá como a Charlotte?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Pior.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - É? Como o Raphael chegou lá?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - O Raphael foi abandonado numa... Como é que chama? A Igreja de Santana, ela tem uma parte social. Não sei se a senhora conhece. Ela tem uma parte social, e essa criança foi deixada nesse local onde tem essa parte social, que fica bem atrás da Igreja. E a mãe, segundo os mendigos de rua... Diziam que ela era uma mãe epilética. Não posso te informar a verdade, porque eu não conheci, entendeu? Dizer pra você: é real? Não sei.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O Raphael, na época, vocês registraram?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. O Raphael foi o seguinte: como foi na mesma ocasião quase, quase na mesma ocasião da Charlotte — Charlotte foi primeiro, depois foi ele... Então, quando os dois estavam super-recuperados, porque eles também estavam muito desnutridos — e que também quando houve essa conversa com essa pessoa lá do consulado —, eu conversei com a Maria, eu perguntei pra ela se ela topava, porque existia a possibilidade de escritura pública, se ela concordava da gente fazer. *“Ah! mas como é que eu vou fazer se eu sou solteira, né?”*. Falei: *“Não. Quanta pessoa solteira não adota uma criança, né?”*. Aí eu fiz o registro dos dois com a Maria, e, na realidade, segundo a informação que eu tinha, a futura mãe não podia vir para o Brasil. Não sei se é verdade ou se é mentira, porque eu também não conheci assim — conhecer, conhecer —, ela tinha um problema de síndrome do pânico. Não sei se você conhece.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Quem informou a senhora da existência dessa família lá na França?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ela mesma, com essa pessoa do Consulado do Brasil.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A pessoa do Consulado, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Isso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Como que era o nome da pessoa do Consulado?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Vixe! Que pergunta você foi me fazer. *(Riso)*

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ela morava aqui, essa pessoa do consulado?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Era brasileira.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E a amiga que vinha, que o esposo da senhora comentou agora há pouco? Tem uma amiga que morava na França e que, quando vinha para o Brasil, se hospedava na casa da senhora. Como que era o nome dela?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ai! Como é que ela chama? Ela vinha até fazer tratamento aqui no Brasil. Como é que ela chama, gente? *(Pausa.)* Eu não lembro bem o nome dela.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ela veio quantas vezes pra casa da senhora?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ela veio poucas vezes, porque...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ela fazia tratamento de quê?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ela fazia um tratamento que ela... Ai! Deixa tocar. *(O telefone toca.)* Eu vou colocar aqui debaixo da cadeira meu celular, que está tocando. Olha, bem, ela veio muito poucas vezes, mas não pra, pro sentido de adoção, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas qual tratamento que ela fazia?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Acho que ela tinha epilepsia. Acho que era epilepsia que ela tinha.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Epilepsia também? Igual à mãe do Raphael?



A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não, não era epilepsia. Eu sei que ela tratava com um médico amigo dela aqui no Brasil, que ela tinha conhecimento, gostava dele e vinha pra cá.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí, ela que apresentou a família pra senhora? A família aqui?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, quem apresentou a família na realidade, junto com... Ela sabia, mas foi o Consulado italiano que realmente...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! então, é o Consulado. Mas ela também, né? Então, tem as duas...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ela conhecia a família. Ela conhecia a família. Isso, sim.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ela conhecia?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Mas ela não se envolveu nisso não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ela não se envolveu?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E a senhora não lembra o nome dela?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não me lembro.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E da menina do Consulado, a senhora lembra o nome dela?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Também não lembra, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Se eu disser pra você o que eu comi ontem, eu não sei, porque...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Agora, era o Consulado italiano, né? E ela...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, francês, bem!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Consulado francês? Não era italiano, não?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não: francês.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Pensei que a senhora falou italiano agora há pouco?



A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não: francês. A moça que me deu os dados, que solicitou: é francês.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E na ida das crianças pra lá, a senhora levou a D. Maria junto?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - É. Aí, nós fizemos a Certidão de Nascimento, fizemos todo o trâmite que o Consulado italiano... Ah! desculpe, não sei por quê... É que meu marido... Você falou do meu marido, então, só tô com italiano na boca. Então, ela... Falei com a Marisa, falei com a Maria, e nós fizemos a Certidão de Nascimento, porque o Consulado nos aconselhou...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O Consulado aconselhou a senhora a fazer uma Certidão de Nascimento falsa?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não. Disse que... Não! Não falou isso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aconselhou que a senhora registrasse?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - É, isso. Então, a gente fez...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O Consulado não sabia que a D. Maria não era a mãe das crianças?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, apenas ele...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora não falou isso pro Consulado não, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, apenas ele nos orientou só, né?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Orientou a pegar uma mãe que não era mãe?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, minha querida.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Não? Orientou...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Orientou que havia possibilidade de fazer adoção, fazendo o trâmite da documentação aqui e fazia a documentação legal na França, legalizava na França, porque existia escritura pública, senão não podia fazer, né?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E, aí, a senhora foi com as crianças. E quem que pagou as despesas?



A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Bom, eles que compraram a passagem?
Compraram a passagem.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Eles quem? O Consulado?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, foi a que adotou a...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A mãe que adotou?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - É. Compraram tudo e...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas ela não podia vir, então eles compraram. Como que eles se comunicavam com a senhora?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Mandaram por essa pessoa do Consulado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! o Consulado que trouxe o dinheiro pra pagar a passagem pra ela ir?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, mandaram a passagem.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A pessoa do Consulado ou essa amiga da senhora que ficava na casa?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Mandaram a passagem, bem.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mandou a passagem ou o dinheiro pra comprar?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, a passagem.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A passagem?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Mandou a passagem e mandou também algum, pouquinho coisa pra poder comer e beber.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Quanto que era pra comer e beber?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ah! minha querida, se você me perguntar eu não sei, porque 27 anos atrás...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora não sabe, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Porque você se desliga.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas, então, a passagem não foi comprada aqui? Eles mandaram a passagem?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Mandaram a passagem.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mandaram a passagem. E, aí, quem trouxe a passagem não está muito claro pra nós. A senhora... Quem trouxe a passagem?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Foi essa, essa minha, essa pessoa que vinha fazer os exames...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A que fazia tratamento?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Isso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Que a senhora falou que conhecia o caso, mas que não se envolveu no caso. Mas ela trouxe a passagem pra...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não. Ela trouxe pra mim poder ir levar, né? Porque, na realidade, eu tinha que eu mesma...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Isso. Então, ela conhecia o caso. Não se envolveu muito, mas ela ajudou a trazer a passagem?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não. Eu pedi.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! a senhora pediu pra ela trazer, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu pedi.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ela veio aqui só pra trazer a passagem?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ou ela veio fazer tratamento, aproveitou e trouxe a passagem, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Isso. Isso mesmo. Isso. Foi o que ela fez.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! sim. Hã, hã.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Agora...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí, ela trouxe a passagem em nome de quem? Trouxe a da senhora? Porque, aí, a passagem já vem com o nome, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Veio a minha e a da Maria. Mas eu passei foi pros dois lados...



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora e a Maria. E as crianças?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, as crianças foram... Não, as crianças não tinham passaporte. Ou tinham passaporte? Você sabe que eu não sei. *(Riso.)*

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora não sabe se tinha passagem no nome das crianças ou não, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não é que eu não sei, é que eu não me lembro. Eu não me lembro, pra dizer a verdade, se tinha.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! sei.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Deveria ter, né?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí, eles compraram a passagem lá, então, e mandaram a passagem por essa pessoa, e a senhora não lembra bem o nome da pessoa, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Mas eu acho que deveria ter passaporte, bem. Eu não me lembro bem, mas acho que sim, né?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! sei.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eles eram pequeninhos, mas acho que sim. Eu não me lembro.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Hum, hum. Aí, vocês viajaram pra França. Ficaram quantos dias lá pra entregar os bebês?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não era só pra entregar. Eles estavam lá no aeroporto.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Quem?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - A mãe dela e mais uma...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A mãe adotiva? E eles foram ao aeroporto já receber a senhora com as crianças?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Isso. Isso, e mais uma pessoa.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A D. Maria estava junto?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ela não foi também?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - A Maria sim.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A Maria estava junto, né?



A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Entendi Marisa.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Marisa é quem? Quem é Marisa?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, é uma moça que está aí, parece que...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - É, a senhora não conhece ela?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Conheço.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! quem é ela?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Marisa foi o meu braço direito lá no Lar. Quando nós fazíamos eventos, ela e o marido era o cozinheiro.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah!! E ela não sabe desse caso? Não acompanhou?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, a única coisa... Não, ela me ajudou, sim, a ser... Eu pedi pra ela se ela pudesse ser testemunha do caso, eu expliquei direitinho pra ela, mas nós fizemos... Posso falar uma coisa pra senhora? Fizemos tudo sem maldade, sem preocupação, sem... Pode falar também sem responsabilidade. Pode falar, porque é verdade.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas, vamos voltar à chegada da senhora lá, na França. Aí, a senhora chegou ao aeroporto, os pais que já vieram receber a senhora, eles hospedaram a senhora lá?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Os pais não, bem, veio só as mulheres dos maridos.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Só as mulheres? Era mais de um casal?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, tinha...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - As duas crianças. Cada uma foi pra uma casa, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Isso. O Raphael...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí, era uma família e outra família. As duas mães foram lá?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Os pais não.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E, aí, eles providenciaram a hospedagem de vocês?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Nós ficamos numa quitinete — uma quitinete — coisinha pequena, porque nós tínhamos que ficar lá pra desfazer o trâmite lá. Terminar, né?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Quem que ficaram nesse quarto, nessa quitinete?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu e a Maria.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Você e a Maria. A Maria ficou com a senhora?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ficou.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E as crianças ficaram com vocês?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Vocês já entregaram? Na hora que chegou, já entregou as crianças?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Já, já entregou.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! sim.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - E, aí, nós ficamos lá apenas pra poder fazer o restante do trabalho, né?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Quantos dias?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu não me lembro se foi 3 ou se foi 5. Mas foi por aí.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí, a senhora tem conhecimento dessa conta que foi aberta?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ah! não. Fiquei sabendo dessa conta agora, através de um documento que ela apresentou na... Eu não vi, porque eu não tenho tempo de ver televisão, entendeu? Mas me informaram que ela apresentou um... Eu não sei se é recibo de uma conta bancária em meu nome. Acontece, filha, que são 27 anos.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí, eles abriram no nome da senhora sem a senhora saber, né? Fizeram isso e a senhora não sabia? Abriram uma conta no nome da senhora?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Filha, eu posso dizer pra você que eu não sabia. Não sei.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora não sabia?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - E tanto é...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas eles tiveram acesso aos documentos da senhora, ao nome, pra poder abrir essa conta?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Documento, não!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas a conta é aberta no nome da senhora.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Tá.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Como que eles... Quem abriu foi a família?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu não sei, querida.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora não sabe quem abriu?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - É isso que eu preciso saber.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Sei.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - E eu já fui na Polícia Federal.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas foi aberta naquela época. Na época que a senhora levou a Charlotte que foi aberta.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu não tenho certeza. A senhora me fez uma pergunta que eu não sei te responder.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Tá.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não sei, só sei dizer que essa conta existe, porque ela apresentou o documento.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Sim, a senhora não tem ainda...



A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Aí foi que eu vim saber. Aí, eu fui à Polícia Federal e consultei. E eles foram pegar meus documentos e encontrou realmente essa conta.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Sei. Hã, hã.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Aí, a única coisa que eu pedi pra eles se... Eu não tenho direito nenhum, sei que eu não tenho, mas gostaria de saber dessa conta.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Tá. E, aí, a senhora foi...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Se depositaram... Depositaram porque está lá na Polícia Federal.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - No nome da senhora. A senhora já viu. Isso aí a senhora já viu, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Já vi. Já vi.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! sim. E, aí, a senhora voltou. Essas mães que estiveram com a senhora lá conversaram com a senhora um pouco. A senhora falou da entidade pra elas?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Nós só fizemos assim um contato no dia que ficou marcado os documentos...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Elas ficaram muito agradecidas de receberem os bebês?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Nossa!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ficaram, né? Falaram que iam ajudar a entidade?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - É. Eu não queria compromisso nenhum, mas se a gente... Sempre se tem condições de mandar, mas na conta do Lar, né? Não nessa conta...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí. elas ajudaram na conta do Lar?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, uma coisinha...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! então, elas ajudaram uma coisinha. Quanto que elas ajudavam? Era pouquinho que elas ajudavam?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Umas duas ou três ou quatro vezes só.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Vira o microfone assim. Umas duas, três ou quatro vezes?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - É, muito pouco, muito pouco assim, porque, na realidade, eu não mantive...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Quanto que elas mandavam? Quando elas mandavam essa ajuda para o Lar, quanto que elas mandavam?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu não sei, bem.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Hã, hã.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Tanto tempo, você vai não gravar tudo, né?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! sei. Hã, hã.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Porque, na realidade, a gente batalhava muito aqui — como a Marisa está aí presente — era com eventos.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! sim.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Nós fazia muito evento lá no Lar, e tanto é que o marido dela e ela é que assumia a cozinha quando a gente fazia pra mil pessoas, entendeu?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Hum, hum. A senhora foi muitas vezes à França?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu fui essa vez e fui mais uma vez que eu levei o filho de uma amiga minha que sofreu um acidente no Brasil — filho do Carlinhos e da Nide —, e ele perdeu metade da parte encefálica, do cérebro. E a mãe dele entrou numa crise de depressão, que ela não te conhecia, não conhecia ninguém. E o Carlinhos, então, pediu se eu podia ir junto, porque precisava de uma pessoa... Porque lá em Montpellier, não sei se você já ouviu falar, é uma clínica que dá reabilitação pra pessoas acidentadas de cérebro. E eu fui. Fui, só que lá eu fiquei 6 meses, porque cada cirurgia que ele fazia...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora ficou 6 meses lá na França nessa época.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Cada cirurgia que ele fazia, ele ia pra Montpellier, e eu tinha que ficar junto com ele, porque ele tinha crise, né?



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí, quem ficou cuidando da entidade quando a senhora ficou lá?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Então, o Carlinhos e... O Carlinhos e uma irmã dele, porque a Nide realmente não tinha condições, né? Ela não tinha condições, nem sequer de pensar nela.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah!...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ficou totalmente...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Então, o pessoal ficou cuidando e a senhora ficou 6 meses lá?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Tanto é que ela morreu antes que o filho.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! sei. Hã, hã.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - E o filho morreu também e o marido também morreu. Os três.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Depois que a senhora deixou a Charlotte lá, nunca mais a senhora teve notícias, a senhora não viu, não falou mais?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não, nunca mais. Nunca mais tive notícias nem dela, nem da mãe, nem de ninguém.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Nem do Raphael? Mas de vez em quando a mãe ajudava? A senhora falou.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Muito pouco.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E essa ajuda ela mandava como? Ela ligava pra senhora? Porque ela devia fazer um contato, né? Ninguém vai fazer uma doação e não falar nada, né? Provavelmente ela fazia um contato com a senhora pra falar: *"tô mandando uma ajuda"*.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, ela fazia na conta do Lar; ela mandava direto.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ela já mandava na conta do Lar?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - É.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E não avisava a senhora?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Mas isso foi logo no comecinho.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - É, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Logo no comecinho.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Hum, hum!

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Depois ela não fez mais.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ela fez umas quatro ajudas na conta do Lar?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Umas três ajudas só.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Umas três ajudas, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Mais ou menos.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E a mãe do Raphael ajudou também?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Hum, hum! Tá. Eu vou passar a palavra para o...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Agora, deixa eu só te fazer uma pergunta — me desculpa —, se eu posso fazer.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Pode fazer.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Então, é o seguinte: na minha opinião, eu acho que a gente não precisaria ter passado por uma situação tão crítica dessa. Eu acho que as críticas que a lei faz... Primeiro, eu tenho que olhar o trabalho que a D. Guiomar fez e que muitas freiras fizeram na época de orfanato. Foi um trabalho desgastante, que toda pessoa que faz esse trabalho não tem noção.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! não?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não tem noção! Então, a única coisa que eu pediria é o seguinte: eu acho que deveria ter tido um pouco mais de respeito, por mais errada que a D. Guiomar esteja, mas deveria ter um pouco de respeito. Você acredita, se a senhora quiser: foram filmar a minha casa, como se eu tivesse sido uma criminosa — gente! —, sem me consultar! Eu tinha ido fazer...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora responde a algum processo judicial?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Nenhum?



A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Graças a Deus, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Não? A senhora não responde...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Nunca tive processo nenhum. Agora, na realidade, eu tinha ido... Até eu fiquei sabendo pelo guarda que teve, o guarda que fica na rua, porque eu tinha ido fazer um exame de estômago, que eu estou... Perdi 19 quilos, porque estou com pólipos no estômago — você sabe pólipos o caminho que é, né? Eu não estava em casa, mas foi filmada. Quem me contou foi o guarda da rua.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Tá.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Falta de respeito!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - D. Guiomar, eu vou passar a palavra agora ao Deputado Paulo Freire. Ele vai fazer também algumas perguntas. Eu queria advertir a senhora, deixar bem claro que as informações que a senhora dá... Esta oportunidade que a senhora tem aqui na CPI é justamente para apresentar as razões da senhora, fazer a defesa da senhora.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - E eu te agradeço porque...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Então, os fatos que forem colocados aqui que não forem verídicos...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Hum, hum!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Porque é muito fácil constatar. Muitas coisas aqui são fáceis de ser constatadas. Então, às vezes, o que a senhora está falando, o esposo da senhora já falou diferente; às vezes, o que a senhora está falando, a senhora fala que não é, mas a gente comprova facilmente. É só olhar num *site* da Internet que a gente já pode comprovar a existência ou não de algum outro processo contra a senhora.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Lógico.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Então, é importante que a senhora fale a verdade,...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, eu não tenho.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - ... que a senhora esclareça os dados, baseada na verdade.



Eu vou passar a palavra ao Deputado Paulo Freire, que também vai fazer algumas perguntas à senhora. Está bem?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Tá bom.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Boa tarde, Sra. Guiomar.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Boa tarde, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Eu gostaria de fazer aqui algumas perguntas pra senhora.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Hum, hum!

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Eu gostaria somente de esclarecer que quero fazer isso com todo o respeito, respeitando a sua idade. Mas são perguntas necessárias de serem feitas porque nós estamos investigando. E este é o nosso papel: investigar.

Eu gostaria que a senhora dissesse qual era a pessoa que ajudava a senhora na entidade, no orfanato, que lhe orientava; se a senhora tinha alguém que era o seu braço direito na entidade e que dava alguma orientação pra senhora; se tinha alguém, um advogado, ou o próprio médico, esse que era amigo de vocês, que atendia as crianças no orfanato, se ele era que orientava vocês concernente à doação, esse tipo de coisa. Quem era a pessoa que ajudava lá?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Olha, na realidade...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Na administração, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Isso, na administração. Olha, na realidade, o Gilberto, ele foi uma pessoa muito especial.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Quem é Gilberto?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - É o pediatra.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - É o médico pediatra?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Isso, que cuidava do “geralção” do Lar, né? Ele foi realmente um paizão, aquele homem que realmente se dedicou, deu o trabalho dele: saía do consultório, passava na minha casa, não deixava de fazer aquela visita costumeira às crianças que estavam precisando, ou mesmo lá dentro do Lar, porque uma criança sadia também pode ficar doente, né? Então, esse homem me ajudou muito. Muito! Agora, na realidade, nessa parte social, nós tinha



psicóloga, nós tinha assistente social. Nós tinha tudo lá dentro do Lar. E foi onde nós conseguimos tirar muita criança da droga, nós tiramos muita criança da bebida.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Não, isso aí nós já sabemos. Eu só queria que a senhora respondesse, fosse um pouco mais direta, só à pergunta, por gentileza, só pra gente ganhar tempo, né? Então, a pessoa que mais orientava vocês era esse Dr. Gilberto?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Era o Gilberto, em matéria...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O Gilberto.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Também no caso de doações, ele conversava com a senhora e orientava também a senhora em caso de doações?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Em caso de doações, entenda bem, a gente trabalhava somente com as Varas de menor, com todas as Varas de São Paulo.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - E quem lhe ajudava na documentação dessas crianças? Era alguém da entidade lá? A senhora tinha uma pessoa, que era a irmã da Sra. Maria das Dores, chamada Lea, ou Léia, não sei...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Hum!

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Ela ajudava também na administração?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não. A Léia era muito jovem. Ela é muito...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O que ela fazia na entidade?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - A Léia estudava e estava aprendendo também a lidar em escritório. A gente estava ensinando ela, entendeu? Mas ela não era uma pessoa que tinha capacidade de tomar...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Então, orientação a senhora só tinha com o pessoal do Juizado mesmo?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Do Juizado de Menores ou...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Quem fazia tudo era a senhora mesmo, que era a presidente da entidade?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Isso. Tinha que ser eu. Era obrigatório. Era obrigatório perante as Varas.



O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Nas investigações, nós temos informação de que a mãe da Charlotte...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Hum...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - ... de que a senhora tinha informado aos pais adotivos, lá na França, que a mãe da Charlotte era uma jovem bonita, morena, alta...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Qual era o nome dela?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Olhe, sinto muito, mas essa, essa... Isso não existiu. Porque, na realidade, eu quero que o senhor entenda bem, como é que eu poderia... Bem que nós tentamos com cartazes. Nós tentamos de tudo para poder ver se chegássemos a um objetivo de saber quem foi que deixou essa criança lá no portão, né?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Nas investigações constam também — foi dito até pela senhora — que a senhora mesma foi que disse que a mãe da Charlotte era uma jovem bonita, alta, morena e que o pai era um italiano, que o pai era italiano e que ele não quis assumir a gravidez e, por isso, então, deixaram lá no orfanato, pra que vocês pudessem fazer a doação.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não! Isso não existe. O senhor me desculpe muito. Mas eu tenho 78 anos e posso lhe dizer: isso não existe! O que eu posso responder pro senhor é a verdade, a verdade, a verdade. Eu não estou aqui pra dizer pro senhor uma mentira, pelo contrário. Eu quero que depois vocês decidam a minha vida como vocês quiserem, mas, mentira, não! Isso, aí, pra mim... Eu vou dizer pro senhor como foi.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Foram as mães adotivas que deram essas informações, a mãe adotiva lá da França...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ela pode ter dito, talvez...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - ... que a senhora tinha dito isso.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - ... pra poder não machucar a verdade.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTORIA COHEN TENOUD JI - Falou que a minha mãe era muito alta (*ininteligível*).



O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Quem falou foi a mãe que adotou o Raphael.

A SRA. CHARLOTTE MERRYL VICTORIA COHEN TENOUD JI - Isso.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Então. Mas, na realidade, deixe-me falar pro senhor: talvez elas criaram isso pra não magoar as crianças.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Ah! sei!

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Isso aconteceu muitas vezes conosco, com as Varas de menor. Então, a gente tinha uma regra da seguinte forma: esse tipo de assunto somente se tratava quando a criança fazia um tratamento psicológico.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O.k. Deixe fazer uma pergunta pra senhora. Essa amiga de vocês que vinha de vez em quando da França, como a senhora disse, fazer tratamento, ela que cuidava então de fazer, de ser a intermediária entra a França e vocês para a doação?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não. Não é isso.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Não é isso?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não. Isso foi um caso que ela realmente conhecia — não sei se é a mãe dela ou se é a outra, eu não sei te responder. Mas, na realidade, não é esse o trâmite, não, doutor. Sinto muito.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - E esses Julian e Charles, que têm o sobrenome Pedroso. Pedroso, não é isso?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ah! esses fossem adotados também!

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Pela França?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Pela mãe. A mãe que fez todo o trâmite, não fui eu, não. Não tem nada a ver comigo, não. A mãe fez tudo, ela, direitinho.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Mas não foi feita também através do orfanato essa doação?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não. Essa pessoa que adotou essas duas crianças... Olha, pra dizer a verdade, eu não sei nem te informar o correto, porque na realidade não fui eu que fiz.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - A senhora consta aqui como testemunha dessa doação.



A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, mas tudo bem. Eu sei disso. Eu ia dizer isso pro senhor. Mas, na realidade, eu não sei lhe dizer pro senhor como é que foi a ligação.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Mas foi feita pelo orfanato também essa doação...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ah! não!

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - ... dessas duas crianças?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Eu que fui a testemunha.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Se a senhora foi testemunha... As crianças não estavam no orfanato?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Então, como é que foi isso?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - As crianças estavam com a mãe.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Estavam com a mãe?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Estavam.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Ah!! Tá bem. A mãe que fez a doação.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Foi. Foi a mãe.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - E foi através do orfanato que ela fez a doação, e a senhora serviu de testemunha.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Me repete o sobrenome da mãe, por favor.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Julian Charles Pedrosa... Pedroso. Pedroso!

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - O nome da mãe. O nome da mãe tem aí?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O nome da mãe. Deixe-me ver se eu consigo.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não o da mãe adotiva, o da mãe biológica.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Maria José Pedroso.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Isso! Isso mesmo.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - É isso mesmo?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Estavam com a mãe.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)



O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Se a criança não era do abrigo, por que a senhora serviu de testemunha nessa doação? Foi a mãe que procurou a senhora pra fazer essa doação?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, nem foi a mãe.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Não. Quem foi que a procurou? Foi aquela sua amiga?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não. Foi uma irmã dela...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Ah! uma irmã dela!

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - ... que trabalhava em São Paulo na ocasião. E ela, realmente, ela... Ela era pra trabalhar no Lar, essa menina, mas eu não sabia de nada...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Fale ao microfone, por favor.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu não sabia de nada do que... Mas, na realidade, ela nem ficou, porque ela não morava em São Paulo.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Quem não morava?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - A irmã da...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Por que a doação foi feita para a França? Foi a senhora que sugeriu que essas crianças pudessem ir para a França porque a senhora tinha maior facilidade?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Quem sugeriu foi uma outra pessoa que realmente conhecia a mãe das crianças.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Sim.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Entende? E essa pessoa veio me procurar.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Procurar, para a senhora poder adotar pra França, encaminhar pra França?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não, pra saber se eu podia ser testemunha, como eu tinha o Lar da Criança, pra ver se eu aceitava ser testemunha.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - E essas crianças também foram doadas pra França?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Foi, foi.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Pra França, não é?



A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Foi.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Uma coisa: a senhora disse que não lembra o nome dessa sua amiga que vinha...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ah! eu não lembro mesmo, doutor! Nunca mais...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - E a senhora disse que, quando vocês foram para a França levando a Charlotte, ela é que trouxe a passagem da senhora?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Foi.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Ela é que trouxe?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ela é que trouxe.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - E ela trouxe a passagem também da Maria?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Fale ao microfone, senhora, por favor.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ah! eu esqueço!

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Da Maria também?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Também.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - E também das crianças?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Então, das crianças — eu até falei pra ela, aquela outra menina —, eu não lembro se os pequeninhos tinham. Não me lembro mesmo.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Mas a senhora se lembra bem que foi ela que trouxe as passagens pra senhora?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - É lógico.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - A senhora lembra bem.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu não tenho mais contato desde o tempo desse assunto da Charlotte.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Não tem mais contato com ela?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Não.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Se o senhor me perguntar até o nome dela, eu não sei responder.



O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Responda, por gentileza, quem é Edson?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Edson, ele é... Edson Morselli, né?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Morselli.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Então, esse menino é filho de uma irmã minha.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - É filho de uma irmã sua?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Só que essa minha irmã faleceu, e eu peguei ele pra criar. Ele já tinha um nome. Se o senhor procurar se informar, o nome dele é Edson Aparecido Garnaça. É o nome do pai. Acontece que esse pai sumiu e minha irmã faleceu. Então, eu fiquei com ele. Só que, como ele era assim muito pequeno, nós fizemos um... Mudamos a Certidão de Nascimento dele e passamos pra minha família.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Hã, hã! Eu sei que, por causa do tempo, há muita coisa que a senhora não lembra — seu marido também não lembra muita coisa —, mas eu gostaria que a senhora fizesse um esforçozinho pra lembrar o nome de duas pessoas que eu acredito que foram muito importantes pra vocês lá nessa entidade de vocês, lá no orfanato, e que eram pessoas que estavam constantemente visitando a senhora lá. Eu gostaria de saber o nome deles. Era um delegado da Polícia Civil e também um juiz de direito — consta aqui nos autos. Inclusive, o próprio Edson confirmou isto, que eles iam muito à entidade, que estavam sempre lá. Quem eram eles? Quem era esse policial? Quem era? Como é que era o nome desse delegado de polícia e desse juiz que sempre ia lá, no orfanato?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Esse juiz é o Dr. Daniel.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Dr. Daniel.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ele já é aposentado.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Hã, hã! E do delegado, a senhora lembra?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ai! Eu me lembro da pessoa, mas não me lembro do nome.



O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - A senhora se lembra da pessoa, e não se lembra do nome.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu me lembro da pessoa sim.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Faz um esforçozinho pra gente ver se a senhora lembra.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Da pessoa eu me lembro. Aliás, essa pessoa foi maravilhosa com os meninos. Nós visitava o Carandiru. Nós fazíamos trabalhos com as crianças, os adolescentes, dentro do Carandiru. Nós levávamos as crianças na Polícia Militar pra fazer...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Mas esse delegado, a senhora não lembra o nome dele?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não lembro o nome dele.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Não. Deixa eu fazer outra pergunta pra senhora. Depois que a senhora foi pra França, levando essas duas crianças... A senhora disse que entregou no aeroporto as crianças e foi para um hotel com a D. Maria das Graças, não é isso? Vocês ficaram quanto tempo nesse hotel?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu não tenho certeza se foi 3 dias ou se foi 5 dias.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Três dias. Pois não. Vocês esperavam o que lá? Por que vocês ficaram 3 dias?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Porque, na realidade, como foi escritura pública...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Hum, hum.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - ... nós fizemos...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Isso lá na França?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - É. Então, nós fizemos a papelada aqui que tinha que ser feita pra ir pra lá e depois nós fizemos o restante lá. Pode perguntar pra Charlotte.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Deixa eu fazer uma outra pergunta pra senhora. A senhora chegou a conhecer a casa dessas pessoas...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - ... que adotaram essas crianças...



A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não. Nós ficamos...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - ... pra saber se elas tinham condições de...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não, não. Nós ficamos...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - ... de adotar ou não? A senhora não foi? Não visitou?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Eu não tive essa malícia de ficar... Nós ficamos, porque nesse, nesse... É uma quitinete...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Foi nessa data aí que a senhora foi ao banco e abriu uma conta num banco?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - *(Riso.)* Boa pergunta que o senhor está me fazendo.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Hã, hã.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Nem conheço essa conta, tá?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Mas está no seu nome a conta.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu sei que está no meu nome, mas eu preciso saber... Inclusive, eu deixei esses dados, deixei esses dados na Polícia Federal, para eles fazerem uma investigação, porque, desde a época em que foi aberta essa conta, nunca foi mexida.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Depois que a senhora foi à França...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Hã? Foi mexida?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - ... Depois que a senhora foi à França... A senhora voltou depois à França?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Eu só voltei na França quando eu tive esse menino que sofreu esse acidente, que eu tive que me... eu me propus...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Quanto tempo depois?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ah! eu não sei...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Foi 1 ano, 2 anos, 3 anos, 4 anos?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu não sei. Eu não sei.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Não sabe.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não é que a gente não sabe, entendeu? É que o senhor não se preocupa de gravar certas coisas que já foram...



O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - A senhora recebeu, quando a senhora voltou à França, um fax dos pais adotivos, tanto de uma criança como da outra, dizendo que a senhora precisava ir ao cartório, porque durante todo esse tempo — passaram 5 anos — não tinha sido oficializada ainda a adoção daquelas crianças. E foi nesse tempo, que a senhora foi e esteve na França. A senhora, então, foi ao cartório com os pais para oficializar a adoção dessas crianças. A senhora se lembra disso?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Da Charlotte e do outro menino?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Isso. É.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Que eu tive que voltar lá?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - É.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Não, porque eu fiz lá. Eu já fiz lá, fiquei lá de 3 a 5 dias pra finalizar essa documentação, deixar prontinha.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - E foi finalizada a documentação?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Prontinha.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Na época que a senhora foi, foi finalizada?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Prontinha. Foi finalizada.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Quando a senhora voltou lá por causa dessa criança, o tratamento...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não, por causa de um jovem de 18 anos.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Sim. A senhora não teve mais contato com os pais adotivos dessas crianças lá na França?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Infelizmente nunca mais, e nem eles me procuraram mais.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Hã, hã. Existe um movimento na conta bancária justamente, coincidentemente...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - *(Riso.)*

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - ... na data que a senhora estava lá. A senhora vê que coisa?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Então, mas é... Provavelmente...



O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Essas pessoas que abriram a conta para a senhora...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Olha, eu não sei.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - ... foram mexer na conta justamente quando a senhora estava lá. Olha que coisa.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não é provável... Quando eu levei...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Existe um registro de movimento de dinheiro que foi retirado...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Bom, agora o senhor tem que...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - ... pela segunda vez — teve uma retirada, a primeira —, depois, pela segunda vez, e, coincidentemente, foi justamente quando a senhora foi lá...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Então! Mas, olha, eu digo pra senhor assim, aqui, de cara limpa: preciso saber. Tanto eu falo pro senhor, como eu falei na Polícia Federal: se eu tivesse dinheiro, eu pegaria um avião, eu ia pra lá, porque eu preciso resolver essa situação. Eu não tenho cumplicidade com essa conta. É que eu não tenho dinheiro e eu fui sempre uma pessoa da classe média, média, média, lá embaixo. E eu não tenho dinheiro para esse tipo de coisa. Mal nós temos dinheiro pra sobreviver, porque nós vivemos de pensão. Agora, na realidade, eu falei lá e falo aqui pro senhor: eu faço questão absoluta de saber. Da conta eu já sei, porque a Polícia Federal me deu. Agora, eu quero saber quem mexeu nessa conta e quem é que está manipulando essa conta. Eu preciso saber! Eu quero morrer de cabeça erguida. Eu faço questão. O senhor pode pensar o que o senhor quiser de mim — o que o senhor quiser pensar —, porque o senhor tem todo esse direito. Agora, na realidade, eu estou aqui de cara limpa e faço questão. A mesma coisa que eu pedi lá, eu peço aqui: me ajuda a resolver essa situação dessa conta.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Vamos ajudá-la. A senhora pode ter certeza.

(Manifestação na plateia.)

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não precisa dar risada vocês, não, tá?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - A senhora não pode... Deixa eles se manifestarem.



A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, o que é isso?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - É um direito que eles têm.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu não estou falando mentira para o senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Mas a senhora fala comigo aqui. Deixa eles lá. Deixe perguntar uma coisa pra senhora. A senhora disse que seu sogro foi a pessoa que construiu o orfanato. É isso?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Meu sogro... *(ininteligível.)*

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Fale ao microfone, por favor.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Foram os dois que realmente...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - É o seu sogro... Qual é o nome dele?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - É Glauco Morselli. Pena que não está aqui mais, né?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Glauco Morselli. E quem mais que a senhora falou?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Maurício Colgan. Era...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Maurício. Foram os dois que construíram?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - ... um arquiteto espetacular. Todos aqueles apartamentos...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - E o seu sogro, qual era a profissão dele, do seu sogro?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ele tinha um restaurante.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Ele era dono de um restaurante?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - É, mas ele já faleceu.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Ele era... Qual era a nacionalidade dele?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ele era italiano mesmo. Italiano.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Italiano? Italiano também.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Mas vivia no Brasil, né?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Pois não.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Após a guerra, vieram pro Brasil.



O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O pai da Charlotte, ela... Consta aqui que ele é italiano também — coincidentemente, ele também é italiano —, que não queria assumir a gravidez da mãe da Charlotte. Era conhecido do seu sogro o pai da Charlotte?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Meu sogro não teria contato com o Lar.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Não? Nunca teve?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Nunca teve. Meu sogro só se preocupava em, conforme o Maurício precisava para dar andamento na obra, ele ia vendendo o que tinha.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Ele era amigo, então, do seu esposo? Porque também era italiano. Quer dizer, comunidade italiana sempre se comunica, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não, não. Franco veio de lá logo após a guerra. Eu nem conhecia ainda...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Hã, hã. E esse italiano, então, a senhora não lembra quem é?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não lembro... Não é questão de não lembrar, não conheço mesmo.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Não! Não conhece?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Não tem nada a ver.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Eu queria só complementar rapidamente. A senhora conhece a Priscila Patrícia Rols, criança também lá da...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Priscila Patrícia? (*Pausa.*) Não me lembro, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ela não entrou na entidade?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ai, eu não me lembro, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ela também foi adotada.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Me ajuda a relembrar, porque não estou...



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Eu é que peço ajuda a senhora. A senhora, com certeza, vai ter mais conhecimento do que eu sobre esse assunto.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não, me ajuda assim no andamento, pra mim poder responder.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Priscila Patrícia Rios. Foi também adotada, para o exterior.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Patrícia Rios?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E era da entidade da senhora. Ou eram tantas adoções, que a senhora não consegue lembrar?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, mas acontece o seguinte, bem, eu mesma não fiz quase nada. Quem fazia era a Vara de menor.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Tá! A senhora mesma não fez. Mas a senhora conheceu, acompanhou, viu esse caso lá?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu não sei...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Porque tem o da Charlotte, do Raphael, da Júlia e do Charles. A senhora não participou, segundo... A senhora só testemunhou.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não. Eu só testemunhei.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas a senhora sabia, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - É.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E agora tem o da Priscila. A senhora não lembra? Ou tinham tantos que a senhora não consegue, assim, lembrar os casos que a senhora encaminhou para o exterior?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ih! Minha filha, do Lar da Criança, as Varas de menor trabalharam...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Eram muitos que iam, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Na realidade, eu não sei nem te informar, porque essa área já não era comigo.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! mas a senhora falou que era a senhora que cuidava dessa parte! Quem cuidava, então?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, cuidar da criança é uma coisa. Agora...



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! essa parte de papelada...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Você, como juíza, vamos supor, que me convoca pra levar uma criança ou pra adoção pro Brasil ou sei lá para quem, já é um problema seu, não é meu.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Tá! Mas, aí, quem ia, quando era convocada a entidade, era a senhora, porque a senhora era quem respondia.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Era eu. Era eu que respondia pela criança...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí, o juiz também... A senhora fazia adoção para o exterior.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora acompanhava, mas pelo juiz também? O juiz também encaminhava para o exterior?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Demais da conta!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Demais da conta! Muitas crianças foram para o exterior através do Juizado?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Filha, foram 50 anos, não foram 2 dias.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah!! E o juiz que geralmente acompanhava a senhora era o Sr. Antônio, Juiz Antônio?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não. Eram todas as Varas de menor de São Paulo. Não trabalhei com juiz só.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E esse Juiz, o Dr. Antônio, Juiz?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Dr. Daniel.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Daniel é o que frequentava lá, né? Que a senhora falou.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - É, o Dr. Daniel era...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E o Antônio, da Vara Tutelar de Santana? A senhora se lembra do Juiz, Dr. Antônio, da Vara Tutelar de Santana?



A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Minha querida, era São Paulo inteira que eu trabalhava. Eu não tinha criança só de uma Vara, entendeu? Nós trabalhávamos com São Paulo inteira. Até com o interior nós trabalhávamos.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E, quando o juiz concedia a guarda para o exterior, a senhora não levava a criança, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não. Nesse lado eu não tinha envolvimento, bem.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Não, mas as crianças eram da entidade? Eram da entidade. Aí, o juiz que mandava, que dava a guarda?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ah! isso era problema dele.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas, aí, as mães iam à entidade buscar?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O período de convivência obrigatório elas passavam com essa criança?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não. Não, não. Nada disso. Nada comigo mais.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Como que a criança saía da entidade?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Na realidade, o juiz mandava um ofício para mim, a assistente social das Varas vinha e levava a criança para a Vara, e, lá, o Juiz é que fazia o trâmite do período que tinha que ficar e das visitas que tinham que ser feitas, para saber o convívio, né? Porque é criança de toda idade.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí, vocês não faziam relatório para enviar, nem recebiam relatório do exterior?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não, não. Aí, é problema do Fórum. Não tinha nada a ver com a gente.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí, você só entregava e pronto. A assistente social vinha buscar em nome do juiz e a senhora entregava.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Isso. Isso mesmo.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Muitas vezes, essas crianças iam para o exterior também?



A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu acredito que sim. Isso eles não me informavam.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E nesse caso da Priscila, a senhora lembra mais ou menos? Vagamente?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu não me lembro. Pra te dizer a verdade, eu não me lembro, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Não, né? Da Priscila?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Priscila Patrícia Rols.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, querida. Não me lembro de verdade. Se eu lembrar, você sabe que eu falo. Não tem diferença.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E além da Charlotte... Olha, presta bem atenção a esta pergunta, porque nós já estamos encerrando. Além da Charlotte, do Raphael, do Charles e da Júlia, que a senhora viu e não passou pelo Juizado, a mãe entregou direto, a senhora não sabia, a senhora só testemunhou... Mas não foi intermediado pela senhora — o Charles e a Júlia —, mas também não passou pelo Juiz, a mãe entregou pra família no exterior. Além, do Charles, da Júlia, da Charlotte e do Raphael, mais ninguém? A senhora se lembra de outro caso? Ou a senhora pode ter tido, mas a senhora não lembra?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não me lembro, bem.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora não lembra. Pode até ter tido outros casos, mas a senhora não lembra?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Eu não acredito que eu fiz, porque, na realidade, eu só fazia quando a criança tinha muito problema de saúde, né? Que nem ela, por exemplo...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí, quando tinha problema de saúde é que a senhora fazia isso?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não! Isso, quando a criança era rejeitada, que os Fóruns também não conseguiam. Você está entendendo?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Os Fóruns também não conseguiam ajudar, né? Aí, nesse caso, a senhora encaminhava para o exterior?



A SRA. GUIOMAR MORSELLI - É, porque você sabe que o brasileiro faz questão de uma criança normal, né?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Isso. Aí, quando era problemático, a senhora mandava para o exterior? Era isso?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu não. Eu não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora ajudava.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. A criança...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Problemática de saúde? Problema de saúde?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Não. Isso não era caso meu, bem, porque, quando, se eu tivesse... Huguinho, por exemplo. O Huguinho tinha um problema de fígado, estava prontinho para adoção.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Pra onde ele ia ser adotado?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. O juiz... Era uma criança que já estava liberada pra adoção, não tinha decisão ainda tomada. Então, o que acontecia? Essa criança não teve chance. Porque ele precisava de um transplante de fígado, e o fígado veio muito tarde. Um dia antes de ele morrer, foi aprovado um fígado para ele. Um dia! Recebi o telefonema às 4 horas da tarde, vamos supor, hoje, morreu às 6 horas da manhã do dia seguinte. Mas isso, eu já esperava. A gente já sabia. O caso dele era muito grave.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E, nesses casos, dessas crianças que chegavam à entidade que não tinham documentação, não tinham registro?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Isso era problema do juiz. Não era meu.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Tá, mas, aí, tinha problema de saúde. Aí, como é que a senhora chegava ao hospital com uma criança sem documento, sem nada? A senhora atendia nessa clínica que a senhora tinha dentro da entidade? Esse lugar que a senhora falou que tinha de tudo.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O médico atendia a essas crianças lá?



A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Não é dentro da entidade, bem. Dentro da entidade não havia a possibilidade de eu ter...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora falou que tinha uma estrutura que tinha até oxigênio.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Na minha casa.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Era na casa da senhora?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Na minha casa, eu fazia isso, porque eu precisava de ter alimentação especializada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah!! Sei. Tudo na casa da senhora?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Tudo na minha casa. Não era muito.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E quem bancava isso? Quem ajudava? Tudo era com a renda que recebia a entidade, porque a senhora atendia lá crianças da entidade?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - A gente pegava o movimento geral que a gente tinha dentro do Lar e comprava as necessidades. Por exemplo, era Leite Alfaré.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E instalou na casa senhora, porque lá não tinha espaço, apesar de ser grande, de caber 300...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Tinha espaço. Mas, eu, Guiomar...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas por que a senhora preferiu fazer na sua casa?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Porque eu trabalhava durante o dia, bem, e a Maria fazia, se responsabilizava pela alimentação, de acordo com o que o pediatra mandava.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Então, eles eram atendidos na casa da senhora. Por quê? Para levar pro hospital era difícil, porque, às vezes, não tinha documento, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Não. Não é só isso. Você não encontra vaga. Era um problema.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah!! Aí, a senhora atendia dentro da casa da senhora?



A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Dentro da minha casa.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí, era o doutor que ia lá, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - É

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Esse doutor ia lá, fazia o atendimento...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Foi direto.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - ... porque lá tinha todo o equipamento, toda a estrutura para fazer o atendimento dentro da casa da senhora.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Dr. Gilberto. Porque o Gilberto morava na Zona Sul, então, ele saía do consultório, passava na minha casa...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Passava na casa da senhora e atendia.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - ... *"Está tudo bem? Está tudo bem?"* Tem que mudar isso, tem que mudar isso...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Isso. E, aí, as crianças que... Porque ele ajudava muito a entidade. Então, ele consultava as crianças periodicamente, voluntariamente. Era um médico muito bom que ajudava a entidade.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Foi.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Quando ele fazia esses atendimentos, eram sempre na casa da senhora, nesse consultório que foi se estruturando...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, nesses casos de crianças graves.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Só as graves, né? E essas graves não podiam ir pra um hospital, às vezes, porque não conseguia vaga, às vezes, também por problema de documento, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - É uma burocracia, né?. Você sabe disso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - É uma burocracia, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Então, ele atendia lá pra mim, a gente fazia tudo direitinho. Tanto é que perder...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Sem precisar de burocracia, né? Sem precisar de burocracia, como exigia o hospital.



A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Perder criança, vou falar uma coisa pra você, perdi só dois em 50 anos de trabalho.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Então, ali a senhora tinha a oportunidade de ajudar...

(Manifestação na plateia.)

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - ... com a minha cara, porque, na realidade, eu estou falando a verdade. É só frequentar.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Eu queria pedir ao pessoal que está assistindo... Este depoimento é muito importante. Nós estamos gravando a fala dela. Cada vez que vocês se manifestam, vocês distorcem. E, aí, rompem o desenvolvimento do raciocínio dela. Então, ela está aqui nos dando informações importantes, e eu queria pedir a compreensão de vocês para se manter em silêncio, para que a gente possa fazer o mais importante neste momento: o registro da fala dela. A nossa manifestação fica para depois.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Na realidade, vocês podem consultar Vara por Vara de menor e ver o meu trabalho perante as Varas.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - As Varas conheciam esse consultório na casa da senhora?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Essa entidade?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Eles sabiam desse atendimento?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ah!! Eu comentava.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Comentava?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ah!! Eu comentava.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Eles tinham conhecimento?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Tinham. Só não...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Eles iam lá?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Esse juiz ia lá? O delegado ia lá? Eles tinham...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Só esse Dr. Daniel, que era mais amigo da gente...



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah!! Que conhecia melhor...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - ... e que realmente ele gostava de ver o meu trabalho. Tanto é que essa criança que morreu do fígado era dele.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Sei.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Então, ele sabia que a criança tinha...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Quando a criança morria lá, quando morreu, que a senhora falou, duas só, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - É. Só duas.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí, a senhora encaminhava pra onde? Como a senhora registrava esse óbito?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Geralmente, a gente enterrava ali no Cemitério da Cachoeirinha.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí, não passava por registro nenhum. Não registrava o óbito da criança?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. A Vara de menor fazia tudo.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A Vara fazia?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Fazia.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mesmo ela tendo falecido na casa da senhora, na...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ah!! Tudo. A responsabilidade...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí, não encaminhava pro hospital depois, quando morria?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não, não, bem. A Vara de menor assumia tudo. Sabe por quê? Porque uma casa...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Era essa a Vara do Dr. Daniel, né? Essa Vara, né? Era mais amigo...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não, não. Dependendo da Vara que era a criança, porque eu trabalhava com São Paulo inteiro.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah!! Sei.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não quer dizer que ele era específico. Não. Ele não era específico.



O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Quantas crianças morreram?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Duas.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Duas só.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Essas duas também eram do Dr. Daniel ou não?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Uma era da Vara da Zona Sul e a outra era...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Uma era, que a senhora falou. Foi o...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Era a do Dr. Daniel? A do fígado, né? A que faleceu?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Isso. E a outra não. A outra não era dele. A outra era de fora da Zona Leste.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E a senhora falou que essa criança do fígado conseguiu transplante.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Um dia antes.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Então, ela tinha acompanhamento no hospital também, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Tinha. No Hospital das Clínicas. Tinha.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ela era tratada na casa da senhora. Tinha também, né? Agora, tinha algumas crianças que eram atendidas na casa da senhora porque não conseguiam vaga no hospital.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - É. Também não era tanto assim, entendeu? Vamos supor: se a criança... Aquilo que eu pudesse fazer dentro da minha casa, sendo que ele não tivesse contaminação em hospital, a gente fazia.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - É, porque aí era mais fácil pra senhora e evitava às vezes o transtorno de ter que...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - É. E também, porque senão eu ficava...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas não era tão pouco assim, senão a senhora não ia estruturar um serviço tão grande dentro da casa da senhora, né? Provavelmente era uma coisa muito frequente, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - De criança assim?



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - É, de criança que tinha problema. Não era tão pouco assim, senão a senhora não ia estruturar...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Olha, crianças graves eu recebia. Mas, quando era criança grande, não havia necessidade de trazer. Só quando era muito “pequetitica” mesmo, né?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Só os bebezinhos mais que ficavam lá, né? Mais bebê, né?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - É. Aqueles que nem... Eu, por exemplo...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí, a senhora tratava, quando podia, e, como aqui era difícil de adotar, a senhora já ajudava a levar pro exterior.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu tive dois que foram rejeitados por brasileiros ou estrangeiros, sei lá, porque o juiz não conseguiu nada. Eu adotei.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah!! A senhora não conseguiu. É.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu adotei. Sabe por quê?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas os outros que não conseguiam quando o juiz, que eram esse graves tratados na casa da senhora, às vezes, eles iam para o exterior, como foi o caso da Charlotte, como foi o caso do Raphael.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Esses casos que eu fiz, bem, eu só fiz....

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Charlotte ficou na casa da senhora também?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ficou.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ficou.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - E ela quase morreu. Não morreu porque não era hora.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Raphael também? Raphael também ficou?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Também. Raphael...



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Então, geralmente esses que eram mais doentinhos que ficavam lá, porque estavam em estado grave, que o doutor ajudava a recuperar na casa da senhora, eram os que iam para o exterior.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Na ocasião, eu tinha cinco.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A Júlia e o Charles também ficaram lá?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não. Esses estavam com a mãe.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Júlia? Estavam com a mãe, não trataram, não eram doentinhos...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Eles foram pro exterior porque ela teve um contato que a senhora não teve participação.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - É, mas não foi nada comigo não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E a Priscila? A Priscila, a senhora se lembra dela lá?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu não me lembro dessa Priscila.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Nem lá como paciente grave?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, não. Não me lembro. Sinceramente falando, bem, eu não me lembro. Se eu lembrasse, eu te falava. Você sabe que...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí, a senhora tinha cinco crianças lá que eram mais graves. A senhora se lembra do nome delas? Tinha a Charlotte, tinha o Raphael.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Tinha a Charlotte, o Raphael, Martinha, Denis e Regina. Esses três eu adotei.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Adotou. E fora eles, essa estrutura toda só atendeu esses cinco ou durante o tempo foram entrando outras? Entrando? Saindo?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, foi um... é rotativo.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Entrando, saindo? Foram sempre entrando e saindo crianças assim...



A SRA. GUIOMAR MORSELLI - E não era só criança, assim, que não tinha ninguém, vinham muitos de fora também, morrendo.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí a senhora pegava bem doentinho. Aí, nessa estrutura, a senhora cuidava...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu trabalhava 24 horas, viu, bem?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Imagino.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Vinte e quatro horas eu trabalhava no meu orfanato. Consulte o histórico.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E a D. Maria, em casa, ajudava muito a senhora também com isso?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - A Maria era especialista em fazer as comidinhas dos nenéns, das crianças.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah!...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - De acordo com o que o Gilberto passava, era na risca.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O Dr. Gilberto encaminhava, aí a criança logo ficava boazinha, pronta para ser adotada, não é? Chegava doentinha...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - O nome dele é Gilberto Pucci, se você precisar do nome.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí elas chegavam doentinhas, a D. Maria ajudava e ali, com a estrutura toda, vocês cuidavam, e ela ficava boa. E aí já ia para adoção. É isso?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Também não é bem assim. Tinha que, às vezes, esperar o andamento. Depois que a criança se recuperava e que você realmente... Mas não era, assim, também fácil, não é?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - É, eu sei.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Que nem esses três: eu adotei porque a menina tinha epilepsia...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Então não conseguiu curar, não é?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Ninguém adota.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ficou lá, mas não conseguiu curar, porque a epilepsia ainda é um...

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - E eu adotei.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Se adotasse, a senhora teria encaminhado também. Se conseguisse, a senhora teria também encaminhado.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Como era caso já de criança que vinha diretamente do fórum, que às vezes era encontrada, esse tipo de coisa assim, não é? Olhe bem, têm várias maneiras. Se eu for falar... Basta vocês irem a todos os fóruns da capital que vocês ficam sabendo direitinho.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Está certo.

Quer fazer mais alguma pergunta, Deputado? *(Pausa.)*

D. Guiomar, vamos encerrar então aqui. A senhora quer falar mais alguma coisa?

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - A única coisa...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora seja rápida, por favor.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Não, só duas palavras. A única coisa que eu insistiria com vocês...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Fale, para ficar gravado.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Eu insistiria... eu queria morrer nem que fosse amanhã. Mas eu quero ter convicção *(ininteligível)*.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Tá, mas então a senhora espere, porque vai carecer de uma investigação maior para a gente ver isso, D. Guiomar.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Mas eu necessito...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Eu espero que a senhora tenha essa resposta, sim.

A SRA. GUIOMAR MORSELLI - Se Deus quiser!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - D. Guiomar, muito obrigada.

Eu queria chamar o Sr. José Aurenildo de Souza, para que possamos ouvi-lo. Pedi ao Manoel que o buscasse. Ele está aguardando ali fora.



D. Guiomar, muito obrigada. *(Pausa.)*

O Deputado não quer fazer nem mais um questionamento? *(Pausa.)*

Fique à vontade, D. Maria. Eu pedi que a senhora aguardasse porque talvez tivesse algum questionamento para a senhora. Se a senhora quiser acompanhar, tudo bem; se quiser ir, fique à vontade.

Sr. José Aurenildo de Souza, eu queria deixar a palavra franqueada ao senhor, para que o senhor fizesse a sua manifestação, de forma resumida, sobre o que o senhor sabe sobre esse caso que o senhor tem acompanhado.

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Eu soube pela mídia, pelos jornais, inclusive, e fui convocado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Só isso? É bem resumido, não é?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Só isso. E entrei na empresa... Posso até falar a data em que eu entrei: entrei em 2002, saí em 2013.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Treze? Dois mil e treze?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Dois mil e treze.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Então o senhor ficou bastante tempo lá, não é?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Isso, quase 11 anos.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor conhece a D. Guiomar?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Conheço.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Conhece o Sr. Franco e o Edson também?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Conheço.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O Edson é filho biológico ou filho adotivo do casal?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Filho biológico.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Biológico?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Edson Morselli.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - É?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Isso.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Então ele é filho biológico?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - É, pelo que eu tenho conhecimento.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Hã, hã!

Eu queria pedir, mais uma vez, ao pessoal que está nos acompanhado que não se manifeste, senão eu vou ter que pedir que se retirem. Senhora, eu vou pedir a vocês que se contenham, porque senão vão nos atrapalhar. Hoje há um esforço de todos nós para ouvir os envolvidos nesse caso. Se formos criar aqui uma discussão entre as pessoas que estão nos assistindo, nós vamos inviabilizar esta audiência tão importante. Mais uma vez eu quero pedir a compreensão de vocês.

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não sei se...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A Sra. Guiomar e o Sr. Franco também estão dispensados, não precisam aguardar. Se quiserem acompanhar, podem ficar; se quiserem, podem se deslocar.

O Sr. Edson, então, pelo que o senhor conhece, é filho biológico?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Se for a mesma pessoa que eu estou...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Quantos filhos a D. Guiomar e o S. Franco têm?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - São dois...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Dois filhos biológicos. e quantos adotivos?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Dois adotivos.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - São quatro filhos...

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Isso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - ...dois biológicos, dois adotivos. Os nomes dos biológicos?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Edson Morselli e Ricardo Morselli.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ricardo e Edson. E dos adotivos?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Denis Morselli e Martinho Morselli.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O que o senhor fazia na casa deles? O senhor era contratado para quê?



O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Motorista.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Motorista. O senhor era funcionário da entidade ou funcionário pessoal deles?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Da entidade.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Então o senhor trabalhava na casa deles, mas o senhor era funcionário da entidade ou só trabalhava na entidade?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Na casa deles eu nunca trabalhei.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Na entidade, não é?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Na entidade.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Hã, hã! O Lar o senhor conheceu durante muito tempo, não é?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Isso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A D. Marisa o senhor conhece?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Conheço.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E a D. Maria das Dores também?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Conheço.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor transportava crianças?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não, senhora.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Só a família? Só a Guiomar e o...

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não, a minha função na entidade era retirar doações, algum documento que tinha que levar ao fórum, mas, no caso, era só, como é que se diz...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Burocrático.

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Na parte de recebimento: carimbava...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Vocês recebiam muitas doações?



O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Recebíamos.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor já foi para o exterior?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não, senhora.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Nunca foi?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Nunca.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor já recebeu visita de estrangeiros lá na entidade?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Recebia, assim, aparecia alguém, mas para visita, não tinha contato com eles.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - É, mas o senhor via estrangeiros chegando à entidade?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Isso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ela era visitada por estrangeiros?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Isso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Casais que vinham atrás das crianças?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não, aí eu não sei até onde, como é que se diz, a determinação para o que era.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Há alguma pessoa estrangeira que visitava muito a entidade, que o senhor se lembra, porque viu várias vezes lá?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Não? Sempre eram pessoas...

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Era esporádico.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Pessoas diferentes?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Isso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Nunca a mesma pessoa?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Às vezes, a mesma pessoa?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Nunca? Sempre pessoas diferentes?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - O meu serviço era muito na rua, então, tipo assim, eu encontrava algumas vezes, não é?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor está respondendo a algum processo judicial?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Eu tenho um processo de documentos que foram extraviados na entidade, e, como a gente recebia documentos e não tinham muitos funcionários na entidade, na parte de recepção, quando eu estava na entidade, eu recebia. Então, eu assinava. Foi até processo trabalhista. E a gente assinava que recebia e entregava a uma determinada pessoa da entidade.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Nisso, alguns foram extraviados e o senhor foi processado?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não só eu, mais algumas pessoas.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - É o processo da Barra Funda?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Isso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O teor dele é esse, foram documentos desaparecidos, extraviados.

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Isso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Os documentos falavam de quê?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - De processo trabalhista. Agora, não sei a...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Só de funcionários?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Só de funcionários.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Nada relacionado às crianças?



O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Nada relacionado ao juizado?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Eu acredito que não, porque eu também não cheguei a ver os documentos, assim, pelo...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor já trabalhou em outros lugares?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Já.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Quais?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Eu trabalhei numa... Eu tenho até a minha carteira profissional. Posso pegar?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Depois a gente recolhe. De cabeça, o senhor trabalhou sempre como motorista?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Sempre como motorista.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Criança o senhor nunca transportava em momento nenhum? Nem se estivesse doentinha, se o senhor estivesse lá na hora?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Algumas vezes a gente levava...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí levava para onde?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Para o Hospital Menino Jesus ou para o Hospital do Mandaqui, que sempre eram os mais próximos.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ou também para a casa da D. Guiomar, porque tinha um...

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não, aí eu nunca...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Nunca levava para lá?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não, senhora.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aquelas crianças que ficavam lá não tinham contato com a entidade?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não, eu não tinha conhecimento se tinha criança na casa.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor não sabe?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não sei.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas o senhor chegou a ir à casa dela algumas vezes?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Já.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E lá não havia criança nenhuma? O senhor nunca entrou na casa? O senhor não se lembra de lá ter um espaço para cuidar de crianças...

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não, já entrei.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - ... que estavam em estado grave?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Meu espaço na casa dela era assim: sala e cozinha.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E na cozinha o senhor não percebia a preparação de alimentação específica para as crianças mais doentinhas?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não. Inclusive, eu ia sempre mais ou menos na hora de almoço, alguma coisa assim, e almoçava.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Sempre a comida era só da família? O senhor não via, não percebia a D. Maria?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E a questão do médico? O Dr. Gilberto o senhor conheceu.

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O que atendia as crianças durante todo o tempo. Nunca viu o Dr. Gilberto?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não. Não é do meu tempo.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor tinha conhecimento de que algumas crianças da entidade iam para o exterior?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - O senhor acompanhou a viagem da D. Guiomar para a França?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não, nunca.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ela ficou lá 6 meses. O senhor não ficou sabendo que ela estava na França?



O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Eu acho que, inclusive, não foi nem na minha época que ela foi.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Foi antes também, não é? E durante o período em que o senhor estava lá ela não viajava para o exterior?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E para o aeroporto? O senhor chegou a levar a D. Guiomar para o aeroporto algumas vezes?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não, senhora. Desde o dia em que eu entrei, até o dia em que eu saí, eu nunca...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - De 2002 a 2013, não é?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Isso. Eu nunca a levei para aeroporto, para lugar nenhum.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Vou passar a palavra ao Deputado Paulo Freire para que ele possa também fazer algumas perguntas.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Boa tarde, Sr. José.

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Boa tarde.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O senhor trabalhou quantos anos: 1 ano só, de 2002 a 2003? Ou 2013?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não, de 2002 a 2013.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Treze. O trabalho que o senhor realizava lá era de motorista, como o senhor disse.

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - O.k.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O senhor levava criança para o hospital. O senhor chegou a levar alguma criança para fora do Estado?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não, senhor, nunca.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Crianças que eram adotadas também o senhor nunca levou para a casa de ninguém?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O senhor sabe me dizer se esse delegado de polícia e esse juiz que frequentavam, geralmente, essa entidade... porque, por serem autoridades, era visível, e as pessoas tomavam conhecimento, é



óbvio, dessas autoridades que visitavam a entidade de vez em quando. O senhor chegou a conhecer, chegou a ver essas autoridades lá na entidade?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não, senhor. Eu cheguei até a ter conhecimento de que tinham visitas, assim, importantes, mas, inclusive, quando eles apareciam eu não estava na entidade, porque eu estava na rua fazendo recolhimento de doação, alguma coisa assim.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O nome desse delegado o senhor não sabe?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Nem do juiz?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Eu não tenho nem conhecimento de que tinha algum delegado ou juiz que frequentava a entidade.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - No seu trabalho, além de levar essas crianças ao médico, ao hospital e levar esses documentos ao fórum, o senhor fazia também trabalho de banco para a entidade?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Fazia.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Depósitos?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Isso.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Retirada de dinheiro?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Retirada. Inclusive, fui até um dia assaltado, ou duas vezes, se eu não me engano.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O senhor chegou a auxiliar, alguma vez, alguma adoção de criança para pais no exterior?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Trabalhou nisso? A D. Guiomar nunca lhe pediu ajuda para fazer isso?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Também não era a minha parte nessa questão.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O senhor nunca fez isso?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O.k.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Nós já encerramos a oitiva.



O senhor quer fazer mais alguma consideração?

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Eu entrei numa rede social uns dias atrás e conversei com a Charlotte, inclusive. Não sei se ela procedeu... Ela pediu até para mim... se eu conhecia o motorista anterior da entidade. Eu falei que cheguei a conhecer, tudo, mas agora eu soube que ele faleceu.

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA Isso. O nome dele é José Carlos.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. JOSÉ AURENILDO DE SOUZA - Isso, foi antes de mim.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Obrigada.

Eu queria chamar a Sra. Marisa. É a última depoente desta manhã. Antes dela, eu queria chamar a D. Maria. A senhora teve a gentileza de aguardar. Eu queria fazer mais pergunta à senhora, D. Maria. A senhora poderia se dirigir aqui, só mais 1 minuto? *(Pausa.)*

D. Maria, para complementar o depoimento da senhora. A senhora deve ter acompanhado o depoimento da D. Guiomar. A senhora tinha conhecimento, a senhora acompanhava a presença dessas crianças em estado grave que eram tratadas na casa? Dizem que a senhora era especialista em fazer a alimentação delas. Então a senhora acompanhava essa movimentação dessas crianças dentro da casa da D. Guiomar? Fale ao microfone, por favor.

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Às vezes ela levava criança muito ruim, mesmo. E tinha comida que tinha que fazer pela receita do médico. E eu fazia.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Quantas crianças eram? Qual a frequência?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Ih! agora...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Era de vez em quando? Era sempre? Era...

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Era de vez em quando.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas aí tinha um espaço lá preparado para essas crianças ficarem...

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Tinha.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - ...e a senhora fazia quase que o serviço de enfermagem, a senhora estava ali...

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não, eu só cuidava da alimentação.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Alimentação. Aí tinha a enfermeira que ficava lá acompanhando? A senhora sabe se tinha uma enfermeira ou não na casa?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Na verdade, eu trabalhava na casa dela, eu vivia sempre com... tem uma porta, eu vivia sempre fechada, porque choro de criança não me faz... eu não sei explicar. Ficava sempre fechada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Sim, mas aí a senhora não limpava o quarto?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não, tinha outra funcionária.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! tinha outra funcionária?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - É.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Então tinha outra funcionária que cuidava dessa ala, que era uma ala tipo um hospitalzinho...

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - É.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - ...que cuidava dessas crianças?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - É.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Geralmente eram bebês, não é?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Isso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Crianças pequenas.

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Do jeito que... Às vezes ficava bebê lá e eu nem via se era branco, se era preto, se era marrom.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! mas a Charlotte a senhora lembra que ela esteve lá. A Charlotte, o Rafael...

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - A Charlotte eu me lembro...



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Quando a senhora foi adotar, ela falou quais eram as crianças que estavam lá, quando a senhora foi fazer o...

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! sim. E outras crianças estiveram lá, sempre bebezinhos, não é?

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Sim.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Eu agradeço a senhora.

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - A história da Charlotte eu assustei, porque, na minha cabeça, eu não sabia o que estava fazendo. *(A oradora se emociona.)*

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Muito obrigada.

Eu queria chamar a Marisa, então.

A SRA. MARIA DAS DORES PINTO DA MOTA - Ela... Ela ficava muito... às vezes ela ficava muito nervosa comigo, porque, às vezes, eu... Tem coisa que eu falava: "Ah! não vou fazer, não." Ela ficava nervosa comigo, me deixava assim meio fora de si. Então...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - D. Maria, muito obrigada.

Se a senhora já quiser ir, fique à vontade!

Muito obrigada.

Boa tarde, D. Marisa!.

Pegue o microfone, D. Marisa, eu já vou passar a palavra para a senhora. Queria cumprimentá-la e dizer que a senhora tem a palavra franqueada para fazer os comentários que a senhora quiser sobre esse assunto.

Pode falar, D. Marisa.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - A senhora pergunta e eu vou respondendo...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas se a senhora quiser apresentar esse documento que a senhora me entregou, o que que é isso? O que a senhora está entregando aqui?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Este documento... Eu trabalho por Lar São Vicente de Paulo de Piracaia, Santa Casa de Piracaia, em Joanópolis, amanhã,



se Deus quiser, vai ter um pronto-socorro lá, mandaram me chamar. Eu tenho certificado de mulher lá de Joanópolis, e agora vou ser também de Piracaia. A minha casa é um depósito, senhora, não tem nem lugar para entrar. Eu dou a minha vida, e o meu marido também. Todo mundo o conhece. A senhora não conheceu o Seu José, o anterior, que foi o motorista, que já faleceu, o meu vizinho. Eu jamais fiz mal para alguém. Agora... Aí um dia a D. Guiomar passou com outra senhora e disse: *“Você poderia ir no cartório comigo?”* *“Pois não.”* Cheguei lá, o rapaz me disse o seguinte: *“A senhora assina esses papéis como testemunha de uma criança?”* *“Sim, senhor!”* Assinei — eu não tenho esse hábito, graças a Deus, de estar duvidando das pessoas —, assinei e fui embora. Agora aparece a Charlotte lá em casa, depois de tantos anos, diz que nasceu na minha casa... Aí eu fui lá para a Federal, já duas vezes, e falaram: *“Não, senhora, a senhora tem mais!”* Eu falei: *“Moço — com o perdão da palavra —, o senhor tá doido?”* O delegado está até aí. Eu me expressei assim porque a gente tem que falar... Como eu fui nascida no interior, eu quero a verdade. Agora, meu Pai, me mostra, Senhor, onde está? E é pecado, viu, senhor, fazer isso! Eu não fiz! Eu tenho a minha alma limpa. A senhora pode puxar a minha vida. Meu marido tinha duzentos e poucos funcionários, dei a nossa vida... Agora, para levar nome, senhora... Suiu no *Canal 7* aí que não sei o quê, que nasceu em casa, tudo. Eu não posso mais sair na rua porque me chamam disso, daquilo. A minha filha foi Vereadora em Piracaia, Vice-Presidente da Câmara, disse: *“Mamãe, a gente aqui está passando vergonha!”* Eu não passo, porque eu não devo, senhora! E vou sair gritando no mundo: não devo! A Dra. Clementina, que é dos Idosos, frequenta a minha casa em Piracaia e a da minha filha, até o dia 10 nós vamos jantar juntos. A Dra. Rose, delegada, nasceu e criou diante da minha casa... Senhora, eu não tenho nada contra e também não devo nada nem a Deus nem a ninguém. Eu quero que a senhora analise bem, olhe nos meus olhos e veja se eu sou uma pessoa má. Eu só ajudo quando a pessoa tem esse certificado. A minha sorte é que eu guardava isso. O meu marido disse: *“Nega, joga isso fora!”* Eu falei: *“Não, Cabral! Deixa aí”*. Tenho fotografia de crianças de lá, eu tenho cartões que mandava para as pessoas, de Natal. Estão aí guardados. Tenho até uns aqui, se a senhora quiser ver, do tempo do Zagaia, tempo antigo. Agora, a gente levar um nome... Ela pode ficar feliz, porque na minha casa não nasceu ninguém, Charlotte, já



te falei. Eu tenho minha alma limpa, senhora! Se quiser eu trago 200, 100 testemunhas! Se eu sou uma mulher cidadã de Joanópolis, se Deus quiser, vou ser de Piracaia! Agora, está no jornal, está tudo aí, senhora! Agora, falar que nasceu na minha casa, ninguém... E lá o moço, o delegado falou que tem mais criança. Onde nasceu, dona? Que tanta criança é essa? Pelo amor de Deus! Não estou com medo! Eu não como mais, a minha vida virou uma desgrama. Eu não devo nada a ninguém, nem a Deus! Eu peço tanto a Ele, Ele vai me ajudar! Eu não tenho medo, não, senhora. Pode falar quem quiser, pode perguntar, eu estou ao seu dispor.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Está bem. Então vamos começar fazendo algumas perguntas para a senhora...

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Pois não, pode falar.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - ...até para ajudar a conduzir...

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Pois não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - ... os nossos trabalhos. A profissão da senhora. A senhora é...

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Sou prenda do lar. Meu marido tinha duzentos e poucos funcionários nessa época.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - De quê? O que ele fazia?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Lavadora e secadora industrial. O Silvio Santos tem até a foto do meu marido lá, quando ele doou para a Irmã Anita, em Minas, e Mato Grosso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora conhece a D. Guiomar...

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Conheci, ajudei muito eles.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E o Seu Franco? Desde quando?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Muito tempo, senhora. Ajudei eles, o Seu José, o motorista anterior...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora ajudava eles...

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Comida.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - ... a fazer a arrecadação também da entidade? Ajudava muito?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Senhora, eu fui uma mão direita de comida, roupa, Natal, tudo, tudo!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora conseguia doação de todo o tipo.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Graças a Deus! A família Camicado me ajudava. Eu tenho muito conhecimento. A Dra. Clementina...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora viajava muito para o exterior?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Moça, eu nunca viajei para nada. A minha vida é Piracaia e aqui. A minha casinha é lá e a outra aqui. É um depósito, a minha casa é um depósito. Pode mandar aí.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora se lembra da movimentação da instituição, a necessidade que tinha de recurso, de...

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - O que ela pedia eu levava, mas intimidade dentro do escritório dela, a gente não se mete com pessoa maior do que a gente. Apenas fazia as festas... Meu marido tem uma queimadura no braço porque caiu lá...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Como é o nome do seu esposo?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Joaquim Antônio Cabral.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Quando... Ela viajava muito? Quando ela viajava, como que ficava?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Mas, senhora, mal a gente conversava, porque ela sempre foi uma pessoa meio reservada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - E ela viajava muito?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Eu sei lá, mulher! Eu ia lá só para levar as coisas...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Quando a senhora ia ela sempre estava lá?



A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Nas festas, sim, e Natal, Páscoa, tudo que a senhora possa imaginar. Se a senhora quiser eu trago 100, 200 assinaturas para a senhora ver quem eu sou e que mal que eu estou agora, senhora. Saí numa televisão, no *Canal 7*, minha filha foi Vereadora...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora que é uma pessoa caridosa, a senhora via lá algumas crianças que eram abandonadas, a senhora ajudava, às vezes?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Ajudava em fazer alimentos, essas coisas.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A encontrar família.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Mas assim, intimidade, não, senhora.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Não? E arrumar família para ficar com as crianças?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Deus que me perdoe! Não, senhora. Não, senhora.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Só essa vez que a senhora testemunhou lá...

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Ela passou em casa: *"Vamos até o cartório, e aí a senhora assina como testemunha aqui..."*

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Foi só essa vez?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - *"...só de nascimento."* Nunca mais.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Nunca mais? Nenhuma? Porque tem outros documentos. A senhora nunca mais...

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Então, eu queria saber — Deus me perdoe! — por caridade, quem foi essa criatura que pôs isso aí.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Ah! sei.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Agora, burra fui eu! Vocês nunca assinem, gente, nada no cartório de nascimento, de casamento, porque eu caí nessa e estou pagando o que o diabo...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Foi só uma?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Sim, senhora.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Só uma? Foi só uma que a senhora assinou?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - E com isso eu caí, dona, e vou morrer chorando, porque eu não devo! Não tenho medo, não!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Algumas pessoas estrangeiras participavam das festas? Às vezes ia um casal estrangeiro lá na entidade?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Essa gente não... Não, isso aí eu não conheço. Isso aí é a família Camicado, meus amigos, se a senhora quiser, eu trago o que a senhora quiser. Eu não devo, senhora! E falo de voz aberta: não tenho medo da vida. Tenho 73 anos de vida, o meu marido tem 79. Nós somos do bem, senhora.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora se lembra da Charlotte, quando ela chegou lá na entidade?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Eu sei lá, mulher, eu nunca vi ninguém!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Não viu ninguém?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Eu não tenho essa intimidade com o povo, senhora!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Não, mas a senhora ia lá! A senhora via as crianças!

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Eu ia lá, eu fazia festa e saía. Não tinha essa intimidade de estar...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas a senhora não ficava sabendo se tinha criança, se não tinha.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Não, senhora. Não, senhora.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora não se envolvia muito, não é?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - É, a minha vida não é (*ininteligível*) orfanato. Eu tenho o que fazer, senhora. Eu me levanto às 5 horas da manhã.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora ia quantas vezes por ano nessa entidade?



A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Natal, Páscoa, todas as festas que tinham eu fazia com o meu marido.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Eram muitas festas, não é? Porque parece que...

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Muitas, muitas, muitas.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Então a senhora ia muito lá. A senhora ia bastante.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Ia, mas só na festa e saía. Era da cozinha para cá. Escritório eu não tinha intimidade, muito menos... Eu não sei nem onde eles moram, nunca fui lá, nunca entrei lá. Então...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora se lembra da menina Priscila? Patrícia? Rose?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Eu sei lá! Eu não sei nada, senhora, dessa gente!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Hum, hum.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - E não estou mentindo, não, porque eu não tenho medo da vida, senhora!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Hum, hum.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Não tenho!

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Está certo.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Não, porque: *"Fulano está com medo."* Eu não tenho medo. Eu estou falando: ela foi em casa, ela viu.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora conhecia a D. Maria das Dores?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - De nome eu não sei de ninguém.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas a D. Maria, que trabalhava na casa da D. Guiomar, a senhora conhecia ela?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Não, quando eu estava lá nas festas que eles iam... Eu nunca entrei na casa dela, nem sei.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora nunca foi à casa da D. Guiomar?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - E quem entra no portão da casa dela?



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mas a D. Maria ia lá ajudar nas festas também?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Nas festas, sim.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Aí vocês conversavam um pouquinho...

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Que conversava o quê, senhora?! Se a senhora ajuda a pessoa, correndo, responsável de uma coisa, não tem tempo pra conversar com os outros.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Hã, hã.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - É que a senhora não me conhece melhor. Eu queria que a senhora conhecesse. Mas pode mandar investigar em Joanópolis, Piracaia, ver quem sou eu. Dona, é muito triste.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Está certo.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Eu não tenho dormido. Mas Deus há de estar junto comigo.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Eu vou passar a palavra para o Deputado Paulo Freire para a gente concluir as perguntas.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Pois não. Pode falar. Boa tarde, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Boa tarde.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - O senhor me desculpe, mas eu não posso engolir, moço. Eu não tenho dormido, não tenho comido, saio na rua a turma: "*Traficante!*" Traficante de quê, meu Pai?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - D. Marisa, eu quero fazer algumas perguntas para a senhora.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Pois não, pode perguntar, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Com todo o respeito, mas a gente tem que fazer algumas perguntas.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Pode falar o que o senhor quiser.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Consta aqui nos autos que a senhora foi envolvida nesse problema todo.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Sim.



O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - A senhora chegou a trabalhar na entidade?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Moço, eu quero também que quem escreveu no papel que eu fui empregada lá, eu quero que a pessoa me mostre o registro e que essa pessoa me prove, em nome do Senhor, que tem um ditado aí que eu trabalhei lá. Eu era voluntária. Se meu marido tinha duzentos e poucos funcionários, que faziam instalações hidráulicas, Silvio Santos pode ser testemunha que o meu marido doou lavadora e secadora tanto para a Irmã Anita em Campinas, Campinas, não, em Minas, como Campo Grande. Ele pode mostrar o meu marido doando as coisas. Nós sempre doamos, nunca pedi nada. E não tenho medo, senhor. Pode perguntar o que o senhor quiser.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - E a senhora ia voluntariamente lá.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Sim, senhor. Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - A senhora nunca trabalhou lá.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Nunca trabalhou.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Não. Até eu quero que essa pessoa que escreveu não sei onde aí que eu trabalhei lá... Eu quero ver essa pessoa na minha frente.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - A senhora admitiu aqui que serviu de testemunha...

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - ... para o registro de nascimento da Charlotte, não é isso?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Não. Falou assim: "*A senhora é testemunha que essas crianças...*" É o nascimento de uma criança. Agora, quando eu apareci lá na Federal, diz — acho que o delegado está aqui — que eu tenho mais crianças. Moço, onde arrumaram isso? Pode chamar ele aqui.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Consta aqui a sua assinatura.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Mas porque eu fui uma burra, ignorante, assinei e fui embora, senhor! Não li.



O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Quantos papéis a senhora assinou? A senhora lembra? Para quantas doações?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - *"Ah! assina aqui, assina aqui!"* Eu, burra, ignorante, há 26 anos...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - A senhora não leu?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Que li o que, moço? Quem ia duvidar de uma senhora dessa, moço? De um senhor desse? De uma pessoa que tem cento e poucas... Naquele tempo tinha 178, depois tinha mais. Agora, olha bem para o meu rosto! Eu vou sair gritando na rua como louca, mas eu não devo, viu?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Mas a senhora, D. Marisa, está envolvida como testemunha de registro de nascimento de quatro crianças!

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Então, agora eu...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Tem a sua assinatura.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Na mesma data?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Não, datas diferentes.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Mas se eu fui uma vez lá, moço!

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Mas são datas diferentes! Tem a sua assinatura!

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Então eu quero saber...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - A senhora declarou, inclusive, na Polícia Federal, que a senhora foi testemunha de Julian Pedroso e Charles Pedroso.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Não, ele falou... Eu sei lá. Porque se falou nesse dia: *"A senhora assina aqui!"*, eu assinei os papéis, eu sei lá, eu não li, senhor. A minha desgraça, e eu quero que as pessoas aprendam a viver...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - São datas diferentes. A senhora foi ao cartório.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Mas, moço, eu não li.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Então a senhora ia frequentemente ao cartório, convidada pela...

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Não, só fui uma vez, uma vez, na minha vida.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Não pode ter sido, senhora. (Riso.)



A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Moço, mas eu não fui mais não, moço. Eu não fui.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Como é que essas assinaturas apareceram para estarem no registro?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Eu não sei, moço. Eu quero que o senhor me diga.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - A D. Guiomar nunca levou a senhora ao cartório? Ou alguém do cartório nunca foi à sua casa? Ou a senhora foi à entidade, lá na entidade ela pediu para a senhora servir de testemunha no registro de nascimento dessas pessoas? Como é que foi isso?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Eu só assinei — e lembro — no cartório de Tucuruvi. Se essa pessoa estiver viva, quero que chame. Me mandou assinar os papéis, eu assinei. Quando o senhor podia imaginar que tinha uma miséria dessa no mundo? Isso é para o pessoal aprender, senhor! E nem meu marido sabia!

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Veja bem, a Charlotte foi em julho de 87. É a data que nós temos aqui.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Sei lá, foi uma senhora lá dizendo que era para registro de uma criança. Foi só isso. Não sei mais nada...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - E a outra foi em outubro. A senhora foi, porque tem a sua assinatura aqui...

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Menino!

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - A senhora foi, porque tem a sua assinatura aqui. A senhora assinou lá no cartório.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Eu apareci mais alguma vez lá, moço?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Marisa Bueno Cabral.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Cabral.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Então, isso aí é que está me confundindo. Eu fui uma vez.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - E a assinatura é a mesma.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Aí é que está. Eu sei lá... Eu queria saber. Eu não tenho medo, senhor. Eu estou falando para o senhor, provo, não tenho medo da vida, não tenho medo de ninguém. Eu que ainda estou sendo



caluniada em Piracaia toda, eu não posso mais sair na rua. E levando o nome sem dever? Não, senhor! Burro é aquele que assina, como eu assinei, testemunha de uma criança. Agora, essa senhora...

(Intervenção fora do microfone, Inaudível.)

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Então. Isso que o doutor falou para mim, o senhor me desculpe, eu falei: *"O senhor está doido, doutor?"* O senhor me desculpe, mas eu disse isso para ele. Porque eu não devo. E quem não deve não teme, senhor. Como a D. Guiomar sempre levava o padre lá, fazia a missa, as crianças, tudo, eu, ignorante, sei lá...

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - D. Marisa, a senhora é brasileira?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Sim, nasci em Araçatuba.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O seu esposo também?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Meu marido se chama Joaquim Antônio Cabral, mas é do Ceará, e eu sou de Araçatuba.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Hã, hã.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Fui filha de Maria, a Catequista. A minha vida é limpa, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Hã, hã.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - É duro. E quantos coitados não estão nessa aí sem saber? Fui saber agora porque essa criatura apareceu, e para os outros aprenderem e eu também. É duro.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - D. Marisa...

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Pois não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - A senhora tem um advogado acompanhando a senhora?

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Tem a Dra. Jaqueline aqui. E, para começar, senhora, nem pagando eu estou. Ela veio de graça porque ela me conhece muito, o esposo dela é advogado. E mais gente queria vir. Eu falei: *"Não, Deus é Pai."* E a doutora está aí.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Está ótimo.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Nem cobraram, senhora.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Muito obrigada.



A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Eu agradeço a ela. E o marido dela vinha hoje, mas tinha outra audiência. Se eu fosse uma pessoa má faria isso? Pode perguntar alguma coisa para a doutora.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - D. Marisa Bueno Cabral, agradeço muito a participação da senhora, a presença da senhora.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Sim, senhora. Mas eu não devo, senhora. A senhora quer que eu chame a doutora?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Não, não precisa.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Porque é muito triste, senhora. Eu choro dia e noite.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Não. Mas muito obrigada, senhora, pela participação. Foi muito importante a senhora vir, é uma oportunidade de a senhora explicar, apresentar as razões da senhora.

A SRA. MARISA BUENO CABRAL - Está aqui a doutora.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Muito obrigada, D. Marisa.

Eu quero convidar a D. Edna, que não estava na previsão das oitivas, mas compareceu. Ela é mãe de uma das crianças possivelmente encaminhada pela entidade, manifestou vontade de falar e nós vamos abrir a ela essa oportunidade. Eu peço que seja breve e objetiva, para podermos encerrar esta oitiva. Está com a palavra.

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Primeiramente, boa tarde. Meu nome é Edna. Moro em Santa Cruz do Rio Pardo, passei pelo orfanato da D. Guiomar. Quando eu estava grávida, eu trabalhei ali dentro. Bom, me prometeram um tipo de trabalho, mas, na realidade, não foi assim que aconteceu. Eu fui encaminhada para lá por uma amiga dela muito influente. Foi essa amiga dela que me encaminhou para lá. Quando ela soube que eu estava grávida, essa amiga dela... Tenho certeza de que são muito amigas, são da alta. Hoje eu não sei se ele é vivo ainda, porque hoje eu tenho 44 anos, na época eu tinha 19 anos, de 19 para 20 anos, e ele trabalhava ali no Hospital Albert Einstein. Fui enviada por eles, fui encaminhada por eles lá. Quando ela soube que eu estava grávida, ela mandou eles me segurarem, e juntamente com ela também tinha a D. Nancy, a Dra. Nancy Cury, que é psicóloga. É essa turma. O Deputado Toufic também estava envolvido. Era uma quadrilha



assim, gente, muito grande em volta desse povo. E eu creio que, pelo que eu descobri lá dentro do orfanato... Gente, vocês não têm noção do que eles fazem com as pessoas ali dentro. Eu passei ali... Quando eu descobri que eu estava grávida, eu fui ali, eu estava de 3 meses. Aí eu fui para lá nesse tempo. Eu fiquei naquele orfanato. Lá eu fiz o meu pré-natal no Amparo Maternal. Nessa época, depois que eu descobri o que houve lá dentro, tinha uma mulher lá que teve cinco filhos para dar para o orfanato. Ela chegou em mim, na época em que eu estava lá, e perguntou assim para mim: *"O que você vai querer em troca dessa criança?"* Eu falei assim: *"Mas como assim, em troca dessa criança?"*. Ela falou assim: *"Olha, eles dão o que você quiser — carro, dinheiro, apartamento. O que você quiser você tem em mãos"*. Eu falei: *"Gente, isso aqui é uma mercadoria. Criança não é mercadoria."* Eles enganam a gente falando que a gente não tem possibilidade. Eles entram na mente mesmo! Aí eu achei um absurdo aquilo e eu fui tirar satisfação com ela. Aí eu cheguei nela e falei assim: *"Mas escuta aqui: aqui vocês não adotam crianças, e, sim, vocês trocam a troco de mercadoria?"*. Ela olhou para mim e falou assim: *"Mas o que você quis dizer com isso?"* Eu falei assim: *"Olha, aqui vocês dão o que a gente quiser?"* Aí ela olhou para mim e falou assim: *"Mas você está me chamando de bandida?"* Eu falei: *"Interprete a senhora da maneira que a senhora quiser"*. Aí eu olhei para ela, mesmo não tendo apoio de ninguém... Porque eu não tinha apoio de ninguém, eu nasci no interior, tive uma vida muito difícil, meu pai me largou muito cedo, fui criada pela minha mãe; na época, eu não sabia o que era anticoncepcional e nem pílula. Eu tinha 20 anos, mas essas coisas eu não sabia, porque a minha mãe nunca me falou. Esses antigos, a gente perguntava para eles o que era, e eles não falavam. Então, eles se aproveitaram, assim, da minha ingenuidade, tanto a minha patroa, tanto a minha ex-patroa quanto esse pessoal que ficou em volta de mim. Daí ela pegou, virou para mim e falou assim: *"Se você não der, se você não der, você vai para debaixo da ponte com a sua filha ou filho."* Ali eu fiquei sem saída porque ela começou a entrar na minha mente. Ela falou assim: *"Dentro da sua barriga essa criança já tem dono."* Quer dizer, gente, dentro do ventre das mães a criança já era vendida. Eu creio assim. E eu fui tirar satisfação com a minha ex-patroa. Sabe o que ela virou para mim e falou? Eu falei: *"Nossa, vocês me enganaram de uma certa maneira que eu nunca esperava que vocês iam fazer isso comigo."* Eu falei assim:



“Vocês venderam a minha filha, não é?” Ela pegou e falou assim: *“Mas e daí se houve dinheiro? Já foi.”* Eu falei: *“Isso não se faz.”* Fiquei muito chocada, gente, com aquilo que eu vi ali. Faz 23 anos que eu estou atrás da minha filha. Não tenho mais onde procurar. Já mandei... A Record foi até a minha casa, gravou a minha história, tudo, e hoje eu tive o privilégio de olhar no rosto dessa mulher. Só não pude estar, assim, de frente com ela e perguntar para ela onde é que está a minha filha. Faz 23 anos. Hoje eu tenho cinco filhos, sou casada e tudo, mas a minha filha eu ainda procuro, porque eu não sei da existência da minha filha. Nunca mais eu soube dela. Por quê? Porque eu tive medo de me envolver, porque é uma quadrilha, gente! Eu descobri isso lá em Santa Cruz do Rio Pardo, através de uma pessoa que conhece toda essa corja que se envolve com eles, que era do lado deles. Então, quem sou eu? *“Eu sou menor, não tenho ninguém por mim.”* E aí eu fiquei com medo, assim, até mesmo de estar tipo passando essas coisas que eu descobri ali dentro, porque é muito sério. A gente não tinha contato com outras pessoas. Eu conheci a Lea. A Lea era o braço direito dela, sim. Eu só não conheci a D. Marisa. Conheci a D. Maria também, que era a cozinheira do Lar. Disso daí eu tenho convicção. E tem a Cristina também. São as três. Eu trabalhava ali no berçário, eu cuidava das crianças. Vi casal de estrangeiros chegar ali, sim. Até teve uma certa vez que chegou um policial lá, eles falaram assim: *“Fica todo mundo quietinho, faz de conta que não tem ninguém aqui dentro.”* Por quê? Se é legal o que eles faziam lá dentro, por que o policial não podia se aproximar dali? Alguma coisa errada havia. Então, gente, essa história é muito séria. Eu tenho certeza de que ali correu muito dinheiro. E ela me chantageou, porque... E ela saiu, assim, quando nasceu essa criança, nem fui eu que saí com ela nos braços; foi ela que saiu com a criança nos braços, e a levou. E eu perguntei para ela assim: *“Para aonde está indo essa criança?”*. Ela falou: *“Para a minha casa.”* Dali por diante, eu fui para o orfanato, descobri muitas coisas da casa. Como eu sabia de muita coisa, eles tentaram me silenciar, me levaram quase à loucura. Por quê? Porque eu tentei voltar novamente para a casa da minha ex-patroa, porque eu queria descobrir mais coisa. Mas eu não consegui. Eles falaram: *“Não, ela não te quer lá.”* Por que ela não me queria lá? Porque ela também estava envolvida. São pessoas poderosíssimas que são dessa quadrilha. Eu falei: *“Um dia que eu tiver oportunidade eu vou colocar a boca no trombone e vou falar.”* Só que eu



não tive oportunidade de chegar nela e falar assim: “Ó, aqui está aquela jovem que a senhora enganou.” Há 23 anos. Porque eu era uma adolescente ainda, não é? Aproveitando da minha ingenuidade, gente. Então, se a justiça de Deus existe... Hoje eu sou evangélica, graças a Deus — louvado seja o nome do Senhor! —, mas essa dor nunca saiu de dentro do meu peito. No meu casamento — faz 21 anos que eu sou casada, bem casada —, o meu esposo sempre me ajudou, mas só que é assim: tem um pedacinho de mim que ficou para trás e eu gostaria muito de encontrar esse pedacinho novamente, porque para a gente ser completamente feliz é importante encontrá-la. Eu não sei onde ela está, mas Deus sabe. E eu sei que a justiça de Deus vai vir na vida dessa mulher, porque não foi para mim só que ela fez mal, mas foi para muitos. E hoje ela ganhou muito... Eu tenho certeza de que essa criança foi vendida, porque, a partir do momento em que essa pessoa chegou em mim e falou assim: “Essa é a quinta criança que eu vou doar para o orfanato.” E eu falei: “Meu Deus!”. E falando assim que o que eu quisesse eles me dariam, era uma mercadoria. Com certeza, estavam sendo vendidas essas crianças, sim. E eu falo isso com convicção. Hoje eu tive a oportunidade de olhar bem no rosto dela e ver a verdadeira mulher que ela se tornou, porque ela foi friamente... Virou para mim e falou assim: “Se você não der, você vai para debaixo da ponte com a sua criança.” Por quê? Porque já tinham os casais. E ela falou que a minha filha foi muito disputada, porque era uma criança muito linda. Eu não sei, mas eu tenho a convicção de que eu ainda vou encontrar essa menina.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Tá, D. Edna, eu agradeço muito a participação da senhora. Eu agradeço muito. Nós ficamos sensibilizados com o seu depoimento.

Pergunto ao Deputado Paulo Freire se quer fazer mais alguma consideração.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Por gentileza.

Edna é o seu nome, não é?

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - É.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Edna, boa tarde. Eu queria fazer algumas perguntas e eu não gostaria de deixá-la constrangida. Se a senhora não quiser responder, não tem necessidade, mas eu acho muito importante para essa



investigação as perguntas que eu vou lhe fazer. Quantos anos a senhora tinha quando foi para esse orfanato?

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - De 19 a 20 anos. Isso daí foi em 1990.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Perfeito. Essa amiga sua, que falou para a senhora sobre as doações, que eles dão o que querem, a senhora se lembra do nome dela?

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Margarete, só não me lembro do sobrenome.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Margarete?

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Isso. Era uma loira muito bonita, dos olhos claros.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Sabe dizer se ela também doou crianças lá? Ela teve filhos lá e os doou?

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Foi o quinto filho. Ela teve cinco.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Cinco filhos.

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Cinco.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Margarete, não é?

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Hã, hã.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - O nome da sua ex-patroa, sabe dizer, você se lembra do nome dela?

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Maria Helena Gimenez.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Você se lembra do endereço onde você trabalhava?

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Rua Martiniano de Carvalho.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Qual o bairro?

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Ai, meu Deus... Era ali perto da... do hospital do Servidor Público. É por ali.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Sua filha nasceu e logo foi doada.

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Foi, com 3 dias.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Com 3 dias. Você sabe do nome da criança?

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Não sei.



O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Não sabe.

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Não sei de nada.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Não sabe qual foi o nome que deram.

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Não sei.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Eu vou lhe fazer uma pergunta. Se você se constranger com isso, não tem que responder: mas e o pai da criança? Você sabe o nome dele?

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - O pai do meu... da minha filha?

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Da sua filha.

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Ele é Cláudio Clodovil.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Era um namorado seu.

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Era.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Está bem.

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Foi um lance rápido, e acabou acontecendo.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Pois não. *(Pausa.)*

Não se lembra do endereço? O número da casa você não lembra, não.

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Pior é que eu não lembro.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Era casa ou era apartamento?

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Era apartamento.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Era apartamento.

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Condomínio.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Quando você trabalhou na casa dessa senhora, a Maria Gimenez, você foi registrada?

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Não era registrada.

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Quanto tempo você ficou lá no orfanato? Só até a criança nascer, e você foi embora depois, ou continuou por um tempo lá?

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Continuei lá. Depois que a criança nasceu, continuei lá um tempinho ainda.



O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Você tinha algum conhecimento, por exemplo, de algumas meninas lá do orfanato que eram induzidas a engravidar para poderem fazer a doação de crianças?

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Olha, disso daí eu não soube. Sabe por quê? Porque é assim: não havia esse contato entre a gente. Aquilo ali parecia mais um presídio. Sinceramente. Todo mundo tinha a sua hora de recolher. Assim, a gente quase não conversava uma com a outra, a respeito de uma e da outra. A gente não se conhecia. Conhecia apenas de nome. Não podíamos nos ajuntar tipo para estar fazendo esse tipo de comentário.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Chegou a conhecer o Edson?

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Não conheci. Eu só conheci mesmo a D. Guiomar. Nem o S. Franco também eu não conheci. Eu conheci ele hoje, aqui.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - E a Léa você conheceu bem.

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - A Léa eu conheci.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Qual era o trabalho que ela fazia lá na entidade?

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Ah!! Ela era o braço direito da D. Guiomar.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Mas ela fazia o quê? Ela trabalhava no escritório...

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Na administração.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Na administração?

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - Hum, hum. Na administração.

O SR. DEPUTADO PAULO FREIRE - Ah!! (*Pausa.*)

Obrigado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Mais uma vez, obrigada, Edna.

A SRA. EDNA MARIA SILVESTRE - De nada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Flávia Moraes) - Eu queria, já encerrando os nossos trabalhos de hoje, agradecer a presença do Deputado Paulo Freire, Deputado de São Paulo que tem uma atuação brilhante junto a esses trabalhos da CPI.



Esta CPI que tem conseguido fazer um trabalho muito importante, não só dando visibilidade a alguns casos e trazendo à tona algumas questões do tráfico de pessoas, acompanhando alguns casos importantes que até então eram desconhecidos, outros que já foram conhecidos e que a CPI adotou e continuou acompanhando, mas também apresentando — e nós já fizemos isso preliminarmente — uma parte do relatório já foi apresentada. Eu sou a Relatora da CPI. E nós, junto com todos os Deputados, fizemos um trabalho, apresentando algumas mudanças na legislação brasileira. Hoje, a nossa legislação, infelizmente, ainda é ultrapassada para o enfrentamento do tráfico de pessoas. Apesar de o Brasil ter ratificado a Convenção de Palermo, nossos conceitos e as penas não dão ao crime do tráfico de pessoas a gravidade que ele precisa ter. Por isso nós apresentamos esse projeto, que foi construído através do trabalho de todos os Deputados, inclusive do Deputado Paulo Freire, que aqui está, e ele já foi apresentado. Já está sendo criada uma Comissão Especial para analisar. O projeto ficou muito bem elaborado e com certeza vai ser um grande avanço para o nosso País.

Nós acreditamos que, dentro do papel que tem a Câmara Federal junto ao enfrentamento — e eu acho que todos nós temos o nosso papel —, a Câmara avança muito apresentando esse projeto. O nosso papel de fazer leis com certeza vai trazer uma resposta a essa prática criminosa que infelizmente traz tristeza para a vida de tantas pessoas.

Queria mais uma vez agradecer ao Ministério Público, na pessoa do Dr. Márcio, que é o Procurador-Geral de Justiça do Estado de São Paulo, que abriu as portas para que nós pudéssemos aqui colher esses depoimentos que foram tão importantes.

Quero agradecer a presença das Mães da Sé, que têm acompanhado os nossos trabalhos, acreditando, naquela esperança infinita, que nós poderemos trazer uma resposta para elas, que se uniram para que pudessem viabilizar, sim, a resposta de forma geral a esse acontecimento que, com certeza, marca a vida de tantas famílias.

Queria agradecer aos convidados que compareceram na pessoa da Dra. Eliana, que tem participado efetivamente dos trabalhos da CPI, e, como convidado,



do delegado de polícia também, que aqui vieram e participaram efetivamente e com certeza vão contribuir muito com alguns casos, inclusive com esse da Charlotte.

Queria agradecer a presença da Charlotte. Você, Charlotte, com a sua coragem, com a sua procura, com a sua busca — e eu tenho certeza de que isso representa muito para você —, com certeza você traz junto com você a esperança para várias outras crianças como você, que não têm notícias da sua origem, da sua família biológica. Aqui você vê várias famílias biológicas buscando o seu filho, como você. Quem sabe o seu pai e a sua mãe também estão aí querendo te encontrar novamente? Mas você traz aqui esse significado, de forma presencial, de forma muito forte para a nossa CPI.

A gente quer agradecer também a todos os funcionários da Câmara, aos da CPI que se têm debruçado sobre esse tema e feito um trabalho magnífico. Eu tenho certeza de que os resultados do nosso relatório vão trazer refletidos o trabalho, o empenho e a seriedade com que foi conduzida esta CPI na Câmara.

Enfim, eu queria encerrar os nossos trabalhos agradecendo a presença da imprensa também, que com certeza tem um papel fundamental na divulgação, na “visibilização” dessa modalidade de tráfico que ainda, infelizmente, acontece de forma muito velada e, por isso, acaba fazendo com que as pessoas que a estão praticando, como vimos em alguns depoimentos hoje, achem que é natural, que é normal e que fizeram o bem quando fizeram o que fizeram. Então, é preciso que a gente dê visibilidade e consiga criar uma risca mais nítida, mais firme que divida o bem e o mal nessas ações de filantropia que envolvem, principalmente, as questões de adoção. Nas modalidades que nós vimos do tráfico de pessoas, para fins de exploração sexual e trabalho escravo, a maldade já está nítida, mas, no caso da adoção, existe uma linha tênue entre o bem e o mal. As pessoas às vezes acham que traficando, vendendo, estão ajudando, e muitas vezes as pessoas que são vítimas não conseguem transmitir o sofrimento que elas têm, a gravidade dessa situação, dessa condição em que elas ficam ou as famílias que perderam.

Então, nós precisamos criar um limite entre ajudar, como disse o Deputado Paulo Freire muito bem, nas suas palavras. Se nós queremos ajudar, vamos fazer legalmente, vamos fazer pela forma mais segura. Hoje nós temos o Cadastro Nacional de Adoção no Brasil com 30 mil famílias buscando, e não se justifica levar



crianças para o exterior, o que teria que ser uma exceção à regra. E nós temos 5 mil crianças para serem adotadas, nessa conta que não fecha. E nós sabemos que, quando falamos de tráfico de seres humanos na modalidade de adoção clandestina, nós estamos falando de bebês. O ouro do tráfico de pessoas, nessa modalidade, é o bebê, é a criança. Por isso, nós estamos apresentando ao nosso projeto algumas alterações que blindam, principalmente, as crianças nos seus 3 primeiros anos de vida, para que exista uma vigilância maior. Não que queiramos conter a adoção. A adoção é um ato de amor. É importante que possamos buscar e deixar que a adoção aconteça até menos burocraticamente. Nós não queremos acabar com a adoção, nem achamos que todo mundo que adota é criminoso. De forma nenhuma. Nós queremos, sim, abrir, facilitar a adoção legal para as crianças maiores, mas vigiar e muito a adoção na primeira fase, nos 3 primeiros anos de vida, porque, infelizmente, é ali que existem os aliciadores, aquelas pessoas que querem tirar proveito econômico da condição de vulnerabilidade ou, às vezes, até sem autorização, raptando, sequestrando crianças que estão sem um olhar naquele momento, criando, assim, essa situação do tráfico de pessoas na modalidade da adoção clandestina.

Então, aqui nós encerramos as nossas palavras e desejamos a todos um ótimo final de dia.

Muito obrigada. (*Palmas.*)